

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Maysa Fagundes Pereira Rangel

**Comportamento infantil contemporâneo: características da geração
Alpha da perspectiva dos pais**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo – SP
2020

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Maysa Fagundes Pereira Rangel

**Comportamento infantil contemporâneo: características da geração
Alpha da perspectiva dos pais**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob orientação da Profa. Dra. Rosa Maria Stefanini Macedo.

São Paulo – SP
2020

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Rangel, Maysa Fagundes Pereira
Comportamento infantil contemporâneo: características da geração Alpha da perspectiva dos pais
/ Maysa Fagundes Pereira Rangel – São Paulo, 2020.
176 f.

Orientadora: Professora Doutora Rosa Maria Stefanini Macedo

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós Graduated em Psicologia Clínica, área de concentração de Tratamento e Prevenção Psicológica, Núcleo de Família e Comunidade, São Paulo, 2020.

1. Crianças. 2. Família. 3. Relacionamentos. 4. Pais 5. Filhos I. Macedo, Rosa Maria Stefanini, orient. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós Graduated em Psicologia Clínica III. Comportamento infantil contemporâneo: características da geração Alpha da perspectiva dos pais.

Banca examinadora

Para meu filho Felipe, maior amor da minha vida, que fez com que o afeto que eu já sentia por crianças preenchesse mais do que o meu coração e fosse além, transbordando de todo meu ser para estas páginas.

Pesquisa realizada com apoio financeiro do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil, processo nº 134257/2018-9.

AGRADECIMENTOS

Foi um longo caminho traçado até aqui, que se iniciou lá atrás na escolha da Psicologia como formação, e exigiu desde sempre persistência e dedicação. Entretanto, os desafios que surgiram durante a construção deste trabalho foram de uma proporção que supera todos os outros que eu venha a ter enfrentado. Por isso, agradeço, primeiramente, a Deus que me guiou e concedeu forças.

Agradeço ao meu marido Elson, que a cada nova vez que eu digo que vou fazer outro curso, me incentiva dizendo que isso é ótimo e presta apoio em várias atividades colaborando para que eu me concentre e estude.

A meu filho Felipe, que sentiu a minha ausência, teve que dividir minha atenção com as leituras, a pesquisa e a escrita e suportar as minhas faltas, em alguns momentos, apesar de todo meu amor.

À minha família que ofereceu todo o auxílio e solidariedade possíveis, acreditou que ia dar tudo certo e me encorajou, me perguntou o tempo todo se eu já tinha terminado, me incentivou a seguir em frente e a não desistir.

Aos amigos que torceram por mim, me auxiliaram na realização de algumas tarefas, foram companheiros e se dispuseram a me ouvir, trocar ideias e me confortaram.

Às todas as famílias que contribuíram para a realização deste trabalho compartilhando comigo, tão aberta e gentilmente, suas histórias e vivências, algumas inclusive me recebendo em seus lares.

Em especial à minha querida orientadora Profa. Dra. Rosa Maria Stefanini de Macedo que se colocou à disposição para me ouvir, ensinar e esclarecer dúvidas de forma prestativa e atenciosa. Em todos os momentos me incentivou, dividiu alegrias e angústias e me acolheu em um momento muito difícil que atravessou meu percurso. Foi uma grande mestra não me deixando em momento algum sozinha.

A toda equipe de professores e funcionários do Programa de Estudos Pós Graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo agradeço pela disponibilidade, cooperação e assistência.

Quando eu falo você ainda ouve o que eu digo ou será que não se importa dessa maneira porque eu tenho dez anos? Ou só porque sou jovem? Isso não significa que eu não quero dizer o que digo. Dói quando você olha para o outro lado. Ouça o meu rugido, ouça o meu trovão. Meu coração está batendo mais alto e mais alto. Você está me ouvindo? Eu quero que você me ouça. Eu preciso que você me veja. Você olha para mim, mas vê através de mim. Será que você vai ver? Você nunca vai me ver? Eu só quero ser... eu só quero ser... Vista. Eu tenho apenas dez anos. Eu ainda preciso que você me sinta, eu preciso que você me proteja, eu preciso que você me guie. Você me olha, mas vê através de mim. Será que você vai ver? Você nunca vai me ver? Eu só quero ser... eu só quero ser... Vista.

(Canção de Giorgia Borg, 2019)

RESUMO

O mundo pós-moderno globalizado, tecnológico e repleto de transformações históricas, sociais e culturais, suscitou o emergir de novas formas de organização social, estilos de vida e relacionamentos. As crianças, integradas a esse contexto, manifestam repercussões similares na expressão de sua singularidade e os estudiosos da teoria geracional as consideram como representantes de uma nova geração, denominada Alpha. Com o objetivo de investigar as principais características e comportamentos das crianças na contemporaneidade atribuídos pelos pais, as implicações dessas características em seus relacionamentos com a família e pares, os fatores que influenciaram as mudanças no comportamento infantil e a percepção dos pais sobre educar filhos na atualidade, a presente pesquisa do tipo exploratório-descritivo, de método quantitativo e qualitativo, teve o construcionismo social como abordagem epistemológica e a visão sistêmica dos fenômenos como referencial teórico. Participaram do estudo 114 pais e mães de crianças nascidas a partir de 2010 como respondentes do questionário e foram entrevistados casais de 08 famílias com filhos de até 10 anos. Os resultados contribuíram para identificar condutas e características das crianças, a partir da perspectiva dos pais, e compreender as diferenças que foram associadas as gerações que emergiram da comparação da infância dos pais e dos filhos, bem como, colaboraram para verificar as implicações que o contexto social e relacional exerceu nessa percepção de diferenciação das crianças e sobre educar filhos na atualidade.

Palavras-chave: geração Alpha, crianças, família, contemporaneidade e relacionamento.

ABSTRACT

The globalized, technological, postmodern world, full of historical, social and cultural transformations, has given rise to the emergence of new forms of social organization, lifestyles and relationships. Children, integrated in this context, manifest similar repercussions in the expression of their uniqueness and the students of generational theory consider them as representatives of a new generation, called Alpha. In order to investigate the main characteristics and behaviors of children in contemporary times attributed by parents, the implications of these characteristics in their relationships with family and peers, the factors that influenced changes in child behavior and the parents' perception of educating children today, the present research of the exploratory-descriptive type, of quantitative and qualitative method, had the social constructionism as an epistemological approach and the systemic view of the phenomena as a theoretical reference. 114 parents of children born from 2010 participated in the study as respondents to the questionnaire and couples from 8 families with children up to 10 years old were interviewed. The results contributed to identify the children's behaviors and characteristics, from the parents' perspective, and to understand the differences that were associated with the generations that emerged from the comparison of the parents' and children's childhood, as well as, to verify the implications that the social context and relational exercise in this perception of differentiation and about educating children today.

Key words: Alpha generation, children, family, contemporaneity, relationship.

Lista de Gráficos e Figuras

Gráfico 1 – Porcentagem de crianças por gênero.....	91
Gráfico 2 – Porcentagem de crianças por idade.....	91
Gráfico 3 – Crianças que tem irmãos.....	92
Gráfico 4 – Vida acadêmica.....	92
Gráfico 5 – Demonstrações de autonomia.....	93
Gráfico 6 – Aspectos da comunicação.....	94
Gráfico 7 – Relação com autoridade e regras.....	95
Gráfico 8 – Níveis de atenção e concentração.....	96
Gráfico 9 – Dinamismo e vitalidade.....	96
Gráfico 10 – Uso de equipamentos eletrônicos.....	97
Gráfico 11 – Interação com a tecnologia.....	98
Gráfico 12 – Expressão do conhecimento e acesso à informação.....	99
Gráfico 13 – Maneira de agir e reagir.....	99
Gráfico 14 – Manifestação de posturas e atitudes.....	100
Figura 1 – Correlação entre categorias.....	104
Figura 2 – Correlação entre categorias e dados sociodemográficos.....	106

Lista de Quadros

Quadro 1 – Objetivo geral das pesquisas que mencionam a geração Alpha.....	65
Quadro 2 – Contribuições das pesquisas acerca dos elementos geração Alpha.....	68
Quadro 3 – Temas, categorias, subcategorias e conceitos da análise de conteúdo....	89
Quadro 4 – Correspondências categoria vida acadêmica.....	141
Quadro 5 - Correspondências categoria autonomia e independência.....	142
Quadro 6 - Correspondências categoria equipamentos eletrônicos.....	143
Quadro 7 - Correspondências categoria comunicação.....	144
Quadro 8 - Correspondências categoria autoridade e regras.....	145
Quadro 9 - Correspondências categoria atenção e concentração.....	146
Quadro 10 - Correspondências categoria dinamismo e vitalidade.....	147
Quadro 11 - Correspondências categoria interação com tecnologia.....	148
Quadro 12 - Correspondências categoria conhecimento e informação.....	150
Quadro 13 - Correspondências categoria maneira de agir e reagir.....	151
Quadro 14 - Correspondências categoria posturas e atitudes.....	152

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Famílias participantes das entrevistas.....	73
Tabela 2 – Teste de normalidade das variáveis contínuas.....	85
Tabela 3 – Correlações variáveis contínuas.....	102
Tabela 4 – Correlações variáveis categóricas	105
Tabela 5 – Correlações variáveis categóricas e contínuas.....	105
Tabela 6 - Correlação entre as opções de cada questão e tamanho do efeito.....	106
Tabela 7 – Dados sociodemográficos pesquisa quantitativa e qualitativa.....	140

Sumário	
1. Ponto de Partida	30
2. Introdução	32
3. Objetivos	36
3.1 Objetivo Geral.....	36
3.2 Objetivos Específicos.....	36
4. Pressupostos epistemológicos	37
5. Referencial Teórico	38
5.1 Evolução do conceito de infância e da visão da criança.....	38
5.2 Teoria das Gerações.....	43
5.3 As Influências da Pós-modernidade.....	46
5.4 A Família e a Parentalidade na Pós-modernidade.....	53
5.5 O Estado da Arte.....	59
6. Metodologia	71
6.1 Tipo de Pesquisa.....	71
6.2 Participantes.....	72
6.3 Critérios de Inclusão.....	79
6.4 Critérios de Exclusão.....	80
6.5 Instrumentos.....	80
6.6 Considerações Éticas.....	82
6.7 Procedimento de Coleta de Dados.....	82
6.8 Procedimento de Análise dos Dados.....	84
7. Resultados e Discussão	90
7.1 Resultados Quantitativos.....	90
7.2 Resultados Qualitativos.....	110
7.2.1 Tema Crianças.....	111
7.2.1.1 Categoria característica de filhos.....	111
7.2.1.2 Categoria característica dos pais.....	116
7.2.1.3 Categoria características de outras crianças.....	118
7.2.1.4 Categoria influências sobre as crianças.....	119
7.2.1.5 Categoria conceito de criança.....	122
7.2.2 Tema Infância.....	123
7.2.2.1 Categoria características da infância dos filhos.....	123
7.2.2.2 Categoria características da infância dos pais.....	126

7.2.2.3 Categoria influências sobre a infância	127
7.2.2.4 Categoria conceito de infância.....	129
7.2.3 Tema educar filhos	130
7.2.3.1 Categoria características de educar filhos	130
7.2.3.2 Categoria características de educar de seus pais	134
7.2.3.3 Categoria influências exercidas sobre educar	135
7.2.3.4 Categoria conceito de educar filhos.....	138
7.3 Associação dos resultados quantitativos e qualitativos	139
8. Considerações finais.....	154
9. Referências	158
10. Anexos.....	170
10.1 Anexo A – Termo de consentimento livre e esclarecido	170
10.2 Anexo B - Questionario	172
10.3 Anexo C – Roteiro de entrevista	176

1. Ponto de partida

Na atuação profissional na clínica, como psicóloga e terapeuta familiar, e no convívio pessoal com crianças, pais, familiares, cuidadores, educadores e outros profissionais ouço com frequência a narrativa de que o comportamento infantil era diferente no passado e de que o processo de educar filhos e o relacionamento com as crianças mudaram. Atualmente ao descrevê-las é habitual a associação do advérbio mais às suas características, sendo sua representação marcada pela comparação, ao invés de focada no observado. Elas são retratadas como mais inteligentes, mais independentes, mais comunicativas, mais curiosas, mais aptas a lidar com a tecnologia, mais questionadoras, mais ativas e mais desenvolvidas do que foram, na infância, aqueles que as descrevem. Entretanto, as crianças também são, comumente, estigmatizadas como indisciplinadas, desrespeitosas, desatentas, inquietas, teimosas e de difícil trato, alimentando a construção de uma crença de que educar e conviver com elas tornou-se mais trabalhoso e desgastante.

Cotidianamente me deparo com os relatos de alguns dos comportamentos infantis considerados inusitados como, por exemplo, as crianças manusearem com facilidade aparelhos tecnológicos sem terem sido diretamente ensinadas, parecerem estar socialmente mais isoladas e distanciadas de seus pares devido ao uso excessivo de eletrônicos, demonstrarem fazer associações de ideias e pensar com rapidez, demandarem ter sua opinião aceita e participação em decisões, questionarem os parâmetros que conferem autoridade a alguém ou não atenderem prontamente comandos simplesmente por obediência. A impaciência, oposição, dificuldade de manter a atenção e agitação são mencionadas como percebidas acima do esperado, embora sejam comportamentos que fazem parte, em determinada intensidade e frequência, do desenvolvimento infantil.

Principalmente os pais e responsáveis se preocupam com a repercussão que o jeito de ser dos filhos terá em seu estilo de vida futuro. Muitos de seus discursos contêm admiração e orgulho, porém, também, uma apreciação negativa acerca de algumas características atribuídas às crianças e um prognóstico desfavorável decorrente delas. Apresentam dúvidas em relação ao que deve ser esperado delas e em que momentos e proporções as crianças estão extrapolando os limites. São muitas as perguntas sobre o que fez com que elas se diferenciasssem, sobre como educar e

se relacionar com elas adequadamente, indagações essas para as quais não há uma resposta pronta ou capaz de abranger a todas.

Reconheço nas modificações na pós-modernidade descritas por Giddens (2000; 2002) e Lipovetsky (2005; 2016), as novas composições das famílias, a divisão de tarefas no cuidado com os filhos, o acesso às tecnologias nos lares, o contato com múltiplas culturas e as exigências sociais que os pais mencionam como potenciais influências nas crianças. A partir de tais contextos, posso compreender as incertezas que revelam a respeito de educar filhos, as razões pelas quais se preocupam, as expectativas frustradas de como esse relacionamento deveria ser e as dificuldades decorrentes no convívio. Também é manifestado por eles, tanto no consultório quanto em situações informais, o pensamento de que consideram natural e, até mesmo, esperada uma diferença entre pais e filhos por acreditarem que há uma evolução entre as gerações. Apesar da perplexidade que sentem com o quão diferentes certos aspectos da infância e das crianças lhes parecem, acham que sua singularidade é própria de uma geração da atualidade.

O constante contato com essas questões me instigou a pensar sobre: quais são as características atribuídas corriqueiramente as crianças contemporâneas que elas, de fato, apresentam? Em que essas características contribuem para a percepção de que elas se diferenciam das crianças que fomos? De que maneira influenciaram no modo como significamos a criança e a infância? Essa mudança pode, de alguma forma, ser qualificada como positiva ou negativa nos relacionamentos das crianças?

Tendo sido o termo “geração” um indicador recorrente e compartilhado pelas pessoas, em minha experiência, para explicar e justificar as mudanças indicadas nas crianças e no relacionamento, principalmente, o familiar com elas, o conceito foi adotado como um dos fios condutores desse trabalho. O significado adotado foi teoricamente delineado e não tem a pretensão de propor um estereótipo, um perfil generalizado, que corresponda a todas as crianças ou um padrão ao qual elas têm que corresponder. O intuito foi aproximar o estudo do discurso usual presenciado e possibilitar uma familiaridade com a linguagem já praticada, visando tornar as discussões compreensíveis, inclusivas e partilhadas e as considerações acessíveis e aplicáveis em diversos contextos.

2. Introdução

O mundo contemporâneo¹ é marcado por alterações sociais, históricas e culturais, como inovações tecnológicas, diferentes organizações familiares, modificações no exercício da parentalidade e formas de se relacionar, por exemplo, que imprimem novos valores e atitudes (LIPOVETSKY, 2005). As exigências para adoção de um modo de vida conectado, frenético e, até mesmo, as pressões oriundas da violência exacerbada têm efeitos no processo de construção da realidade, nos princípios tradicionais e paradigmas, nos significados desenvolvidos nas interações e trocas sociais cotidianas e nas relações humanas (BIASOLI-ALVES, 1997; MEIRE; CENTA, 2003; BARRETO; RABELO, 2015).

Segundo Giddens (2000), o intenso processo de mudanças e as transformações no mundo, especialmente as concentradas nas últimas décadas do século XX, que correspondem a pós-modernidade, “[...] afetam quase todos os aspectos do que fazemos” (p. 17). A globalização, o advento da internet, o acesso a múltiplas culturas, os impulsos socioculturais de individualismo e de busca por satisfação e o enfraquecimento das tradições, de acordo com o autor, suscitaram modificações nos princípios e condutas. Houve implicações na postura dos adultos e, por conseguinte, também na das crianças, uma vez que, “em especial nos primeiros anos de vida da criança, há uma relação dialética em que a geração mais nova interioriza um mundo já posto, que lhe é apresentado com uma configuração definida, de cuja construção ela não participou” (BIASOLI-ALVES, 1997, p. 33). Este cenário, repleto de questões e contingências que não estavam presentes anteriormente, permeou os aspectos e comportamentos das crianças e repercutiu no olhar de como deve ser a infância e o comportamento infantil, conforme propõe o referencial sistêmico relacional de que uma mudança é capaz de provocar alterações nos subsistemas e no sistema total (MACEDO, 1994).

O modo de pensar a infância é fundamentado pelo tempo histórico e por condições socioculturais específicas, que se transformam de acordo com os paradigmas presentes em cada período (SALLES, 2005; LINS *et al.*, 2014). Os aspectos econômicos, sociais, históricos, geográficos, culturais e políticos são essenciais para estruturar o conceito e a maneira como a criança é compreendida,

¹ Termo usado para referir ao que é do mesmo tempo, da mesma época ou do tempo atual, em qualquer período.

porque lhe conferem uma significação particular, associada também às circunstâncias e não somente aos fatores biológicos. O sentido se altera com o tempo e com os múltiplos contextos e estabelece um perfil esperado, com margens de diferenciação, que contém expectativas, comportamentos desejáveis, aqueles que são apropriados e inapropriados e idealizações em torno de como as experiências devem ser vividas (RAMOS, 2013; LINS *et al.*, 2014).

Gergen e Warhuss (2001) apontam que o sentido atribuído não se encontra nas palavras, embora seja sustentado pelas convenções linguísticas partilhadas e pelo contexto no qual está inserido. Os significados são produzidos em interação, como criações relacionais que constroem descrições sobre o mundo e, portanto, não são fixos, estão sempre em transformação. São concebidos como verdades gerando padrões específicos de obrigações e expectativas, uma norma social que constitui e organiza as vivências ocasionando efeitos nas relações (GERGEN; WARHUSS, 2001).

Sendo assim, a criança, o comportamento infantil e as considerações a respeito deste tema se reestruturam. O conceito de infância como é abordado na contemporaneidade, configura-se como uma categoria recentemente adotada, como expõe Ariès (1981), no livro *História Social da Criança e da Família*, sobre o surgimento e a construção, daquilo que denomina desde o prefácio, de “sentimento de infância” (p. 14), ou seja, a percepção da necessidade de diferenciar o mundo adulto e infantil. Sua concepção é delimitada cronologicamente pela idade e alicerçada na representação de uma fase em que há uma ausência de saber, de malícia, de experiência e de desenvolvimento, que a associa à imaturidade, imprudência, irresponsabilidade e falta de seriedade, ou seja, a criança é retratada como alguém incapaz, um objeto passivo do talhar social que precisa que alguém a ampare e adéque ao universo adulto. Sua capacidade e potencial de atuação como sujeito integral, biopsicossocial e ativo na construção do mundo, são pouco considerados e intervém no reconhecimento de suas singularidades.

As significativas mudanças históricas, culturais e sociais ocorridas na pós modernidade com um ritmo acelerado e contínuo, promoveram, ao longo do tempo, modificações na forma de se relacionar com as crianças, como aumento nos cuidados adotados, incentivo a autonomia e maior quantidade e formas de estimulação (REICHERT; WAGNER, 2007; ASSEMAN, 2016). Pela perspectiva de *self* relacional

proposta por Gergen (2009), o qual representa um produto complexo de interações negociado e construído ao longo da vida por meio das relações e trocas culturais, depreende-se que as novas configurações de interação familiar pós-modernas permearam a estruturação da subjetividade infantil e influíram em características que qualificam e se referem àquilo que pertence ou que diz respeito à infância.

Tais características são mencionadas, por pais e familiares, como peculiares das crianças, como por exemplo, a aquisição de um vocabulário ampliado para sua faixa etária, a facilidade de aprendizagem digital com pouca instrução, a antecipação da autonomia em atividades rotineiras e outras capacidades. Furia (2015), indica que:

Muitas crianças pequenas de hoje apresentam marcos do desenvolvimento mais precoce do que as gerações anteriores. Por exemplo, a famosa fase dos porquês, quando a criança pergunta sobre todas as coisas, já começa a ser notada por volta dos dois anos e meio de idade ou três, quando costumava surgir aos cinco. (FURIA, 2015, p. 16).

Mannheim (1982) afirma que acontecimentos históricos que marcam o curso da existência de um grupo configurando “espaços sociais de experiências conjuntivas de indivíduos da mesma idade-classe” (1982, p. 92), representam um importante elemento de desencadeamento de uma nova geração. Essa concepção confere sentido à percepção de pais, responsáveis e familiares sobre uma transição geracional estimulada pelas atuais conjunturas, como um dos motivos que explicaria sua sensação de que as crianças estão diferentes em alguns aspectos. Entretanto, o autor alerta que um conjunto de fatores que vão além de fatos históricos, sucessão cronológica e tempo, precisam estar presentes para que se possa falar em geração:

O ponto mais importante a ser notado é o seguinte: nem toda situação de geração – nem mesmo todo grupo etário – criam novos impulsos coletivos e princípios formativos originais próprios, e adequados à sua situação particular. Quando isso acontece, falaremos de uma *realização das potencialidades inerentes* a uma situação, e tudo indica que a frequência de tais realizações está estreitamente ligada ao ritmo de mudança social. Como resultado de uma aceleração no ritmo de transformação social e cultural, as atitudes básicas precisam se modificar tão rapidamente que a adaptação à modificação latente e contínua dos padrões tradicionais de experiência, pensamento e expressão deixa de ser possível, fazendo então com que várias fases de novas experiências sejam consolidadas em alguma outra situação, formando um novo impulso claramente distinto e um novo centro de configuração. Falaremos, em tais casos, da formação de um novo estilo de geração ou de uma nova *entelégua de geração*. (MANNHEIM, 1982, p. 92).

Pertencer a uma mesma faixa etária propicia a oportunidade de testemunhar os mesmos acontecimentos e passar por situações similares, mas, acima de tudo, é assimilar sobre eles uma visão, sensação e interpretação muito próxima entre si, tornando-se, de certa forma, conectados, que configura ocupar uma mesma “posição

geracional” (MANNHEIM, 1982, *apud* WELLER, 2010, p. 206). Alguns pesquisadores, como McCrindle (2014) e Furia (2013), entre outros, consideram os nascidos a partir de 2010 representantes de uma geração distinta das antecedentes, denominada como Alpha, por vivenciarem experiências semelhantes, compartilharem memórias, serem afetados por eventos em comum e de forma similar e apresentarem comportamentos afins.

As crianças da geração Alpha nascem em um mundo conectado em redes, digital, com um espaço virtual consolidado, maior acesso ao conhecimento humano, tempo de educação acadêmica prolongado e instrução mais ampla em comparação as gerações anteriores (TOLEDO, 2012; FURIA, 2013; MCCRINDLE, 2014; VIEGAS, 2015; OLIVEIRA, 2016;). Convivem constantemente e tem possibilidade de contato com um volume de informação disponível como nunca houve antes, embora não todas igualmente e com a mesma facilidade (UNICEF, 2017). Por isso, elas aparentam estar integradas a esse mundo tão diversificado, complexo e cada vez mais virtual que se consolidou, correspondendo às suas configurações com melhor adaptabilidade e desenvoltura do que àqueles que tiveram que se ajustar a essa nova realidade (FURIA, 2013).

Observando o contexto, as mudanças e as influências exercidas na contemporaneidade, podem ser melhor compreendidos os comportamentos, maneiras de agir e se relacionar das crianças relatados pelos pais, as declarações de se sentirem, eventualmente, sem saber como educar e se posicionar adequadamente perante os filhos devido as essas características que lhes parecem tão singulares, o desejo que expressam de ser pais melhores e criar bem os filhos para este cenário tão diferente daquele que viviam em sua infância, bem como, a sensação que descrevem de ficarem, às vezes, desorientados ao buscar elucidação por encontrar um grande volume de livros, revistas e vídeos, porém com dicas prontas, conselhos divergentes, fórmulas sem referências claras ou embasamento científico.

Em Psicologia, poucas pesquisas foram recentemente desenvolvidas oferecendo uma visão teórica atualizada da infância e novas práticas clínicas. Portanto, a maioria do conhecimento e instrumentos que dispomos sobre esse assunto para trabalhar com crianças foram desenvolvidos em épocas anteriores e, ao olhar para elas sob o mesmo prisma de outrora, a orientação familiar e profissional não evolui tão significativamente ou ágil quanto elas. Andolfi (2011, p. 43), questiona

o motivo pelo qual “as teorizações são baseadas no mundo adulto e em suas formas de expressão, negligenciando a inclusão da criança em seu campo de observação real”. Ele ressalta a necessidade de visitar o mundo delas para estabelecer uma forma empática de relacionamento e cuidados dos efeitos na vida cotidiana.

As crianças carecem de um olhar que, para além de apenas vislumbrá-las, reconheça sua subjetividade de forma mais ampla para que sejam devidamente compreendidas suas necessidades. A teoria sistêmica propõe esse olhar para as relações entre todos os membros e sistemas familiares e em como eles são influenciados pelas interações, porém cabe focar e apreciar, em especial, as inter-relações com a criança em sua complexidade para desconstruir o lugar de crítica, ressignificar sua condição como sujeito de direitos e fomentar um espaço de acolhimento (GRANDESSO, 2011; THOLL; BEIRAS, 2017).

3. Objetivos

3.1 Objetivo geral

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar as principais características e comportamentos apresentados por crianças da geração Alpha, sob a perspectiva dos seus pais.

3.2 Objetivos específicos

No detalhamento de seus objetivos específicos, esta pesquisa pretendeu:

- Investigar os efeitos que as características e condutas, identificadas pelos pais nos filhos nascidos a partir do ano de 2010, exercem sobre os relacionamentos dessas crianças com suas famílias e seus pares;
- Investigar, segundo os pais, quais são os fatores que influenciaram as mudanças no comportamento infantil contemporâneo;
- Investigar a opinião dos pais sobre educar filhos na atualidade.

4. Pressupostos epistemológicos

O presente estudo fundamentou-se na Teoria Sistêmica, que emprega a premissa novo-paradigmática da ciência incluindo as três dimensões que caracterizam esse pensamento: a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade (VASCONCELLOS, 2005). Destaca-se a interdependência desses três elementos, que não podem ser aplicados isoladamente, por possuírem uma relação recursiva, interconectada e integrada que delinea o todo.

A complexidade se refere ao caráter circular do pensamento, de não linearidade pela insustentabilidade de fundamentações de causa-efeito, uma vez que diversos fatores intervêm no fenômeno a ser estudado, demandando a necessidade de contextualização. A instabilidade concerne à impossibilidade de previsibilidade e controle dos fenômenos. E, à intersubjetividade, diz respeito a oposição à objetividade devido às diferentes versões de uma mesma realidade concebíveis, de acordo com o observador (VASCONCELLOS, 2005).

A presente pesquisa considerou esses três pressupostos e adotou os seguintes princípios:

- A contextualização do fenômeno e suas causas, considerando sua totalidade, interrelações e observando-o distinto do contexto do qual participa, porém, integrado a ele e sem desconsiderá-lo;
- A adoção de uma percepção do mundo como em um contínuo processo de construção e, portanto, instável, imprevisível, indeterminável e inacabado;
- O reconhecimento da realidade como não sendo objetiva e independente, mas de múltiplas versões, relacionais, apoiadas em um observador que possui um olhar permeado por um contexto.

Compondo o quadro de referência, o Construcionismo Social foi o suporte do exercício de um papel ativo entre o sujeito e o objeto de conhecimento na construção da realidade. Os significados subjetivos atribuídos pelos sujeitos para suas vivências, foram considerados como desenvolvidos pelos mesmos por meio das relações interpessoais, negociados sócio e historicamente na tentativa de compreender o mundo em que vivem e com repercussão no contexto cultural, histórico, político ou social em que os fatos ocorrem, no sentido que é dado ao vivido e em crenças e atitudes concebidas (GRANDESSO, 2011). Considerando que:

As propostas construcionistas tomam a linguagem a partir de seu caráter performático e constitutivo, entendendo que as formas de linguagem ganham seus sentidos a partir da maneira como são utilizadas nas relações, e não em sua correspondência com o que representam, como estabelece a visão representacional. Assim, aquilo que as pessoas assumem como a realidade para si emerge a partir da inserção em contextos sociais, históricos e culturais que circunscrevem a produção de sentidos sobre o mundo. Tais sentidos, por sua vez, estão sempre abertos a transformações à medida que mudam os contextos relacionais e sociais em que as pessoas vivem. (PAULA-RAVAGNANI *et al.*, 2016, p. 269).

O espaço conversacional proposto pela pesquisa se sustentou nesses aportes e pôde propiciar a exploração e troca de pressupostos, crenças e limites, colaborando para a reflexão e construção de significados.

5. Referencial teórico

5.1 Evolução do conceito de infância e da visão da criança

A criança e a infância são assuntos amplamente abordados pela Psicologia, Pedagogia, Ciências Sociais, Filosofia, Direito, Medicina entre outras áreas de estudo, sob diversos aspectos e, regularmente, as reflexões tecidas são alicerçadas em um conceito construído sócio historicamente do que é infância e de como a criança deve ser que permeiam as considerações a respeito deste tema. Os aspectos econômicos, sociais, históricos, culturais e políticos são essenciais na elaboração dos significados usados para estruturar as imagens da infância e das crianças, interferindo na maneira como são vistas e nos relacionamentos que são estabelecidos com elas (SALLES, 2005; RAMOS, 2013; LINS *et al.*, 2014). Nesse sentido, seus significados são contextualizados e podem se diferenciar de acordo com o referencial em que se baseiam.

A palavra infância vem do Latim *infantia*², formado por *in-*, que implica o negativo, mais *fans*, “falante”, do verbo *fari*, “falar” compondo *infans* que se remete àquele que não consegue falar (LINS *et al.*, 2014). No dicionário *online*³ da Língua Portuguesa, Michaelis, o conceito de infância⁴ é apresentado como: “período da vida no ser humano, que vai desde o nascimento até o início da adolescência”. No sentido

² <http://origemdapalavra.com.br/palavras/infancia>

³ Palavra inglesa que significa em linha; computador, aparelho ou usuário conectado a outro, a uma rede local ou à internet. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=on-line>.

⁴ <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/infancia/>

figurado significa: “crianças em geral; meninice e puerícia; primeiro período ou começo da existência de alguma coisa; estado de espírito em que não há malícia; credulidade, ingenuidade e inocência”. Para criança⁵ a definição do mesmo dicionário é: “ser humano no período da infância, menino ou menina”. E, no sentido figurado refere-se a: “filho ou filha, ainda pequeno ou jovem; cria; pessoa no limiar da vida adulta, mas ainda jovem; pessoa que, já madura, se entretém com coisas pueris ou se comporta de modo infantil”. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, cita sobre título I, das disposições preliminares, no artigo 2º, criança como “a pessoa até doze anos incompletos [...]” (p. 96).

Uma dimensão presente nas concepções mencionadas está relacionada a ser uma fase delimitada cronologicamente e pautada na idade. Fazer parte de uma faixa etária implica em estar em conformidade com diversas características, comportamentos e condutas estabelecidas, inclusive sociais, atribuídas a ela que são consideradas adequadas, toleradas ou depreciativas. Ramos (2013, p. 2) afirma que “mais do que termos uma idade, nós pertencemos a ela”, pois há atitudes, emoções e habilidades cognitivas esperadas em cada etapa do desenvolvimento, as quais é preciso corresponder. Mais do que um marco temporal, a idade passa a representar um elemento que compõe a identidade, retrata, caracteriza e estabelece um papel a ser adotado e, ao mesmo tempo, molda, exige e demarca as experiências afetando o modo como se vive (RAMOS, 2013).

Outro aspecto que pode ser observado nas denominações da infância e da criança é conferido pelas associações à carência, dependência, despreparo e inexperiência que demandam cuidados, amparo, formação e instrução (LINS *et al*, 2014). As descrições elaboradas por adultos, referenciando-se em seu próprio mundo, tendem a não valorizar as capacidades e aptidões das crianças e transmitirem a impressão de serem sujeitos incompletos (HILLESHEIM; GUARESCHI, 2007).

Ramos salienta que:

A razão pela qual a criança em desenvolvimento é considerada um ser cognitivamente imaturo e pouco ativo na sociedade não é sua real imaturidade e inatividade, mas o entendimento de que ela não é ativa como os adultos e não elabora os mesmos processos cognitivos que estes. Isto significa que os adultos não reconhecem as práticas das crianças porque o conceito de competência, é definido a partir de suas próprias práticas. (RAMOS, 2013, p.11).

⁵ <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/crianca/>

Definir as crianças partindo da distinção dos adultos incentiva representações de inaptidão que remetem à necessidade de alguém que as forme e aumentam a propensão de estabelecer com as crianças uma relação de assimetria (HILLESHEIM; GUARESCHI, 2007).

Ariès (1981), apresenta o emergir do “sentimento de infância” (p. 14) e o desenvolvimento do conceito que utilizou sobretudo como referência, ao longo do processo, a comparação entre as crianças e os adultos para estabelecer sua diferenciação. Principalmente, as capacidades produtivas e o estágio biofisiológico do organismo, entre outros fatores. O autor esclarece, que até a Idade Média as crianças não eram consideradas seres em desenvolvimento com características e demandas peculiares, mas sim como adultos em miniatura. Elas faziam parte do mundo e atuavam como qualquer outro indivíduo, sem distinção ou zelo. Não se dedicava atenção, cuidados especiais ou prioridade no atendimento às suas necessidades. Após a fase de dependência física intensa, elas eram incluídas nas atividades e ingressavam no mundo adulto sem restrições.

Antes do século XV não existia um papel social reservado a elas na família e na sociedade. Em virtude das condições sanitárias de falta de higiene, a existência de epidemias de doenças, bem como o pouco desenvolvimento da área de saúde para o tratamento de enfermidades, o índice de mortalidade infantil era grande e diante da incerteza de sobrevivência havia pouco apego. Todos na família, inclusive os bebês, dormiam na mesma cama e não havia cômodos separados na casa, sendo todos igualmente frequentados pelos membros. As crianças participavam das conversas, atividades e intimidades dos adultos sem a preocupação de serem preservadas ou protegidas de assuntos e situações da vida cotidiana. Mesmo suas roupas e alimentação eram como as de outros homens ou mulheres. As famílias tradicionais da França costumavam enviar seus filhos para outras famílias para que eles fossem educados e adquirissem um ofício, retornando a elas apenas quando mais velhos. Para aprenderem como fazer as atividades, eram colocadas para realizá-las juntamente com um adulto, exercendo as tarefas sem nenhuma condição especial (ARIÈS, 1981).

Ainda segundo o autor, um olhar de reconhecimento à infância começa a ser percebido quando é concedida às crianças participação na iconografia⁶. Meninos e meninas são introduzidos em comemorações culturais e religiosas, configurando o papel de protagonistas em algumas celebrações e obras de arte. Maior desvelo também é destinado a elas quando a igreja alerta sobre a necessidade de resguardar a criança de questões ligadas a sexualidade (ARIÈS, 1981).

Entre os séculos XVI e XVII, somente nos primeiros anos de vida eram dedicados cuidados especiais no contato com a criança, sobretudo pelas classes financeiramente favorecidas que levavam mais em consideração a condição de dependência física que apresentavam e destinavam criados para sua criação. Sua falta de autonomia lhe conferia uma classificação diferenciada de incapacidade de pensar, de controlar sentimentos e empregar a razão que se estendia até, por volta, dos 07 (sete) anos. O adulto, gradativamente, importava-se mais com ela por julgá-la frágil e dependente. A noção de “idades da vida” (ARIÈS, 1981, p. 29), que fragmentava a existência humana em etapas, favorecia a ideia de resguardar a criança do mundo adulto estendendo o prazo de espera para que fosse exposta a essa realidade. A legitimação de que haviam períodos diferentes ao longo da vida com tempo de duração e propriedades particulares reforçou a aceitação da existência da infância (ARIÈS, 1981). Lins *et al.* (2014, p. 130), apontam que “desse modo a palavra infância passou a designar a primeira idade de vida, a idade da necessidade de proteção, que perdura até os dias de hoje”.

Na Europa, no fim do século XVIII há uma mudança nos valores familiares que privilegiavam os primogênitos quanto ao recebimento de títulos e heranças, estendendo aos outros descendentes a dedicação de afeto e recursos e aumentando o apego aos filhos. É nesse período também que se amplia o desmembramento entre o privado e o público, enfatizando a preservação da vida familiar e doméstica e sua importância. As crianças deixam de ser responsabilidade exclusiva dos empregados e são envolvidas pelo desvelo dos pais, tornando-se destinatários não somente de seu legado, mas também de seu carinho (ARIÈS, 1981).

A função do Estado também se alterou e passou a se preocupar com o bem-estar e a educação das crianças. Os governos tornaram a infância um objeto de

⁶ Repertório de imagens próprio de uma obra, gênero de arte, artista ou período artístico.

atenção e cuidado, instaurando-o como campo de intervenção e investimento. Além do valor político que possuíam, representavam um capital social e familiar importante por serem as portadoras das expectativas coletivas de conquista futura de seus ideais. Sendo assim, fundamentado pelo processo histórico e por condições socioculturais específicas, a consideração pela infância delineou-se gradativamente e uma mudança de perspectiva foi viabilizada pelas novas configurações sociais e culturais, de reestruturação das relações familiares, de trabalho e de políticas de Estado (ARIÈS, 1981). Conforme destaca Lins:

Compreende-se então, que com a evolução nas relações sociais que se estabeleceram na Idade Moderna, a criança passa a ter um papel central nas preocupações da família e da sociedade. A nova percepção e organização social fizeram com que os laços entre adultos e crianças, pais e filhos, fossem fortalecidos. A partir deste momento, a criança começa a ser vista como indivíduo social, dentro da coletividade, e a família tem grande preocupação com a sua saúde e educação. (LINS *et al.*, 2014, p. 131).

As crianças sempre estiveram presentes na sociedade, apenas não conferiam uma categoria social com o valor, particularidades e direitos que se verificam na pós-modernidade. No século XXI, a ideia de infância, que foi sendo desenvolvida ao longo do tempo, ganhou destaque e se consolidou na cultura com a importância e atenção dedicadas que tem (SARMENTO, 2007 *apud* RAMOS, 2013).

O sentido se alterou com o tempo, assim como os múltiplos contextos sociais, geográficos, econômicos e individuais, o que interferiu no modo de entender as crianças e nas posturas e condutas adotadas no convívio com as mesmas (SILVEIRA, 2000 *apud* LINS *et al.*, 2014). As formas de se relacionar entre pais e filhos foram reconfiguradas pelas alterações nos papéis feminino e masculino, as diferentes formações familiares, o modo de exercer autoridade, o abrandamento de medidas disciplinares, a análise e reformulação dos valores sociais e morais, as atividades mais igualitárias entre cônjuges e mais dialógicas, participativas e afetuosas com as crianças, entre muitas outras práticas. As crianças adquiriram reconhecimento e permissão para sua subjetividade, participação, expressão e respeito.

Salles (2005, p. 40) salienta que “as mudanças que vêm ocorrendo desencadeiam um novo jeito de compreender a infância e a adolescência que traz implicações na forma pela qual as crianças e os adolescentes são representados e se constroem como indivíduos”. Sendo assim, pondera-se que cada período confere uma significação particular, associada às circunstâncias sociais e não somente aos fatores

fisiológicos, e possibilita vários modos de pensar a infância acompanhando as movimentações da humanidade e transformando-se de acordo com os paradigmas presentes em cada contexto histórico. É inviável a referência a um modelo de infância único e a todas as crianças da mesma maneira, sendo necessário reconhecer suas singularidades e compreendê-las de modo integral. Como mais do que simples seres em potência e objetos passivos do talhar social imposto, para que sejam adotadas ações, criadas políticas e estabelecidos relacionamentos que respeitem efetivamente seu lugar enquanto sujeito.

5.2 Teoria das gerações

A intergeracionalidade é um tema bastante expressivo e aplicado nas análises de conflitos, transmissão de valores e o relacionamento entre membros de faixas etárias diferentes na terapia familiar sistêmica. A teoria do ciclo vital enfatiza que “o desenvolvimento individual se dá circunscrito no desenvolvimento familiar, uma vez que a família consiste no principal contexto de socialização dos indivíduos” (CAMICIA *et al.*, 2016, p. 69), e que existem conteúdos que perpassam as gerações. A ideia de que determinados padrões interacionais presentes na família são assimilados a partir da convivência e levam à construção de modelos, conscientes ou não, que são transmitidos, como em um processo de delegação familiar, entre ascendentes e descendentes sucessivamente abrange o conceito de geração (CERVENY, 2012).

Embora seja utilizada em algumas áreas das Ciências Humanas e Sociais para apoiar reflexões sobre os comportamentos e atitudes de determinados grupos e delinear perfis, é sabida a impossibilidade de generalização e de estabelecer um padrão de representação e conduta dos sujeitos, uma vez que, os mesmos só podem ser compreendidos no contexto da sociedade em que estão inseridos, e esse, é apreendido de maneira própria.

Os pilares do conceito de geração foram inicialmente abordados pela vertente da Sociologia, no século XIX, principalmente por Auguste Comte e Wilhelm Dilthey, entre outros estudiosos (MANNHEIM, 1982). Eles desenvolveram a teoria por dois enfoques, sendo um deles positivista e concentrado no progresso e sucessão das gerações, enfatizando a delimitação de tempo para sua evolução. O prazo médio de

30 anos de duração foi estipulado por ter sido considerado o período de transição entre gerações. O outro, evidenciou as relações como sendo mais relevante que o tempo cronológico, ou seja, a qualidade dos elos entre os indivíduos que compartilham as influências de um mesmo momento histórico em seu período de formação (FEIXA; LECCARDI, 2010).

Ortega Y Gasset (1923), manteve o critério de sucessão que ocorre em um intervalo cronológico, mas considerou que o período entre as gerações reduziu para 15 anos e enfatizou que “as pessoas nascidas em um mesmo tempo partilham da mesma ‘sensibilidade vital’, que se opõe às gerações anteriores e mais recentes, e que define sua ‘missão histórica’” (*apud* FEIXA; LECCARDI, 2010, p. 196).

Mannheim (1982), aprimorou a teoria das gerações partindo desses estudos e constatou que uma geração se caracteriza por estar inserida em um contexto histórico que indivíduos da mesma idade e posição na estrutura social vivenciam. Que nascer em um mesmo período é um dos elementos que configura uma geração, mas, por si só, não abrange a totalidade de sua definição. São necessários outros importantes fatores como o acontecimento de fatos históricos que marquem o curso da existência de um grupo, os eventos serem vivenciados por indivíduos entre a puberdade (fase de oposição e realização) e início da vida adulta e que essas ocorrências potencializem o emergir de formas de pensar e experiências específicas.

Identificar uma geração exclusivamente por seu período de duração não é possível, pois sua definição não está direta e unicamente associada a um espaço de tempo linear mensurado quantitativamente. Seu reconhecimento não pode ser feito apenas objetivamente, pois depende do tempo subjetivo apreendido qualitativamente. O mesmo tempo é, para cada um, um tempo único, uma época que é partilhada, porém distinta pois, a compreensão interior do tempo vivenciado em um mesmo período é divergente para faixas etárias diferentes (MANNHEIM, 1982; WELLER, 2010).

Mais tarde, Philip Abrams (1982) reafirma a perspectiva de que o tempo não pode ser usado como principal critério para classificar uma geração por não ser meramente a sucessão biológica em uma sequência temporal que a determina. Para o autor, uma geração se dá no período “durante o qual a identidade é construída a partir de recursos e significados que estão socialmente e historicamente disponíveis” (ABRAMS, 1982 *apud* FEIXA; LECCARDI, 2010, p. 191).

Mannheim (1982), incluiu em seus trabalhos que espaços sociais em que proporcionam vivências unificadoras, representam um critério fundamental de avaliação geracional. Considerar o contexto histórico, político ou social onde os fatos ocorrem é imprescindível para conhecer as crenças e condutas daqueles que viveram esses momentos e compreender sua repercussão na formação de uma geração. Para determinar uma geração é preciso considerar um conjunto de fatores que vão além de fatos históricos e tempo, como reforçam Lombardia, Stein e Pin:

Só compreendendo o contexto em que seus membros cresceram, as tendências culturais às quais estiveram expostos e as mudanças políticas e sociais por que passaram será possível compreender o que os motiva e o que são capazes de oferecer. (LOMBARDIA *et al.*, 2008, p.1).

Acontecimentos de uma determinada época causam reflexos semelhantes na vida de pessoas de localidades diferentes em uma esfera global e, não apenas os valores e características dessas pessoas se tornam bastante semelhantes, mas também suas preferências, comportamentos e ideias, criando tendências em diversas áreas (PARRY; URWIN, 2017). Segundo Indalécio e Ribeiro (2017, p.138) “cada geração no decorrer da história carrega consigo uma cultura própria, particularidades, modelos”. Porém, cabe ressaltar que, são perpassadas por padrões regionais de cultura, sociais, demográficos, políticos, econômicos, legais e até de desenvolvimento específicos, que podem interferir nas características das gerações.

Pertencer a uma mesma faixa etária propicia aos indivíduos a oportunidade de testemunhar os mesmos fatos e passar por situações similares, porém, acima de tudo, para que isso seja viável, precisam possuir uma conexão para que compartilhem sobre eles uma visão, sensação, interpretação e assimilação semelhantes. Vivenciar experiências semelhantes e ser afetado, por eventos comuns, e da mesma forma, partilhando memórias coletivas é o que faculta compor uma mesma geração (FEIXA; LECCARDI, 2010).

Sempre tendo em vista os objetivos, esta pesquisa atentou para o conjunto de atributos similares e as experiências comuns partilhadas, no mesmo momento histórico, sem se fixar em um determinismo cronológico e de identificação, mas localizado no tempo e contexto histórico dos indivíduos, visando manter um referencial que pudesse elucidar sua apresentação.

5.3 As influências da pós-modernidade

A fase que temos vivenciado está ainda sendo delineada e compreendida, por estar em processo e, embora este período, seja frequentemente identificado como pós-modernidade, por enquanto, não possui uma denominação única e é diferentemente mencionado pelos pensadores. Para se referir ao momento contemporâneo Giddens (2000, 2002), por exemplo, usa a expressão “modernidade tardia” ou “modernidade reflexiva” e Lipovetsky (2005, 2016) “hipermodernidade”. Na presente discussão, ateu-se ao termo pós-modernidade visando tornar a linguagem uniforme e compreensível.

Por constituírem compreensões importantes dos fenômenos explorados na pesquisa proposta, quatro pontos das contribuições de Anthony Giddens (2000, 2002) e de Gilles Lipovetsky (2005, 2016) foram predominantemente abordados: a globalização, o individualismo, a tecnologia e o consumo. Essas são algumas das características, frequentemente, atribuídas a pós-modernidade e o conhecimento dessas influências elucida o curso de algumas transformações que estão ocorrendo, como consequência, em nosso cotidiano e em nossas relações.

Não há um consenso acerca de uma ruptura na pós-modernidade com os princípios presentes na Modernidade e sua substituição por outros ou de que os valores contemporâneos representam desdobramentos de concepções modernas, mas há concordância na percepção de que ocorreram mudanças no modo de vida e na organização da sociedade que configuram diferenciais da época anterior. De acordo com Giddens (2000, p. 13), “há razões fortes e objetivas para se acreditar que estamos atravessando um período importante de transição histórica” e, Lipovetsky (2005, p. 60), acrescenta que se verifica-se “a passagem lenta e complexa para um novo tipo de sociedade, de cultura e de indivíduo”.

Nesse aspecto, ambos os autores compartilham a compreensão de que se presencia na contemporaneidade uma intensificação no processo de transformação decorrente da dinâmica de funcionamento da sociedade que se desenrolou na modernidade e que o mundo está mudando rapidamente. Lipovetsky (2005, 2016), ressalta em sua análise a consideração de que o processo de alterações sociais que ocorre na pós-modernidade, mantém o sentido dos ideais fluentes na modernidade com a coexistência de princípios e não seu rompimento ou extinção.

Inicialmente a expressão pós-modernidade referia-se ao movimento identificado nas artes, literatura e arquitetura, entretanto expandiu-se da cultura e terminou por englobar análises relativas à filosofia, política, economia, experiência humana e até a intimidade e a família. As mudanças despontaram ainda na Modernidade em torno do caráter estético, social e tecnológico, configuradas, principalmente, a partir da segunda metade do século XX. Já eram perceptíveis a partir da década de 1970 o surgimento de movimentos sociais, o fim do comunismo autoritário, o maior exercício da democracia, a tentativa de diminuir as possibilidades de uso de equipamentos nucleares em guerras e a transposição do capitalismo ocidental do material (LIPOVETSKY, 2005).

Dentro das diversas abordagens teóricas, algumas características pós-modernas são discutidas, mesmo que sob outras perspectivas como, por exemplo, a globalização, o rompimento de fronteiras e barreiras, a facilidade de mobilidade, as comunicações eletrônicas, a descentralização do poder, a imprevisibilidade, a flexibilidade, a relativização da verdade, os discursos minoritários, a conscientização ambiental, a fragmentação, as fusões, o imediatismo, o curto prazo e o consumo. Contudo, entres todas elas há convergência no que se refere à percepção de que o ser humano e o modo de viver vêm se transformando em consequências desses processos.

A redução da crença e prestígio da ciência, das tradições e das certezas que garantiam uma sensação de segurança, culminaram na ruptura com os conceitos de verdade, razão e progresso e foram fundamentais impulsionadores do declínio da modernidade. Segundo Giddens (2000):

À medida que a influência da tradição e do costume definha em um nível mundial, a própria base de nossa identidade – nosso senso de individualidade – muda. Em situações mais tradicionais, o senso de identidade é sustentado em grande parte pela estabilidade das posições sociais ocupadas pelos indivíduos na comunidade. Ali onde a tradição declina, e a escolha do estilo de vida prevalece, a individualidade não fica isenta. O senso de identidade tem de ser criado e recriado de forma mais ativa do que antes. (GIDDENS, 2000, p. 57).

Na pós-modernidade esses aspectos readaptados e partilhados, somados à relação com a tecnologia, a valorização do individualismo e do novo, entre outros, se acentuaram.

O progresso no campo da tecnologia obtido com a expansão do uso do computador, da aplicabilidade da realidade virtual, da comunicação aliado à

globalização que promove a interligação entre regiões, povos e culturas no mundo geraram mudanças na percepção de tempo-espço e na produção e disseminação do conhecimento que impactaram em âmbitos da vida social. A associação do processo de integração econômica, política e cultural ocasionada pela globalização e do armazenamento e integração de dados, informações e processos pelos sistemas informatizados, trouxeram para o cotidiano um conhecimento ampliado, compartilhado e automatizado e promoveram novas formas de organização social, de construção de identidade e de modos de viver (GIDDENS, 2002). Giddens (2000, p. 22) alerta que a “globalização não diz respeito apenas ao que está ‘lá fora’, afastado e muito distante do indivíduo. É também um fenômeno que se dá ‘aqui dentro’, influenciando aspectos íntimos e pessoais de nossas vidas”.

A cultura e o modo de viver receberam os efeitos das atividades, cada vez mais, globalizadas e intermediadas pela tecnologia. Com recursos, disponibilidade e habilidade é tangível acessar, selecionar e apreender informação. O movimento expansionista se propagou em todos os campos, inclusive o do conhecimento, nenhuma forma de aprisionamento foi mais aceita, nem mesmo o do saber (LIPOVETSKY, 2005). Nessa sociedade bastante veemente os indivíduos passaram a incluir constantemente esse conhecimento absorvido no exercício das atividades cotidianas, ocasionando nítidas alterações nas ações. Para Giddens (2000), em decorrência das dúvidas e incertezas geradas pelo rompimento com as verdades absolutas, um processo de questionamento e avaliação pessoal e institucional constante, ou seja, de reflexividade, instaurou-se na pós-modernidade.

O conhecimento é integrado a todos os aspectos da vida humana e possibilita que se reflita sobre eles. Quanto mais reflexões são feitas, mais conhecimento e capacidade reflexiva é adquirida, possibilitando a modificação desses aspectos e concedendo liberdade e responsabilidade na construção permanente da política e da sociedade. Num mundo reflexivo globalizado, mesmo os eventos distantes ocorridos, repercutem sobre as ações, estilos e relações sociais individuais. Sendo assim, os padrões locais deixam de ser a principal referência da realidade e a vida não se baseia mais somente nos modelos regionais e temporais limitados. De acordo com Giddens (2000, p.16), “num mundo globalizante, em que informação e imagens são rotineiramente transmitidas através do mundo, estamos todos regularmente em contato com outros que pensam, e vivem, de maneira diferente de nós” e construímos

novos significados sociais do espaço e tempo que remodelam nossas relações sociais.

A tecnologia que outrora foi um mecanismo que favoreceu o individualismo, converteu-se em uma ferramenta de convivência, de compartilhamento de emoções e de retorno ao comunitário. Juntamente com a percepção alterada do tempo e do espaço, potencializou a transição do individualismo vigente na era moderna e o emergir de uma nova estruturação de individualidade. Lipovetsky (2005) vincula ao individualismo contemporâneo uma representação, não de abandono de valores, mas de concessão de autonomia, no sentido de obter independência e libertação da necessidade de se sacrificar, das condenações e dos preconceitos gerados pelos juízos de valor do puritanismo moral moderno.

Segundo Giddens (2000, p. 86), o individualismo não fez com que as formas coletivas deixassem de existir, pelo contrário, “as pessoas estão se envolvendo em grupos e associações mais do que faziam antes”. Lipovetsky esclarece que, ainda existe bastante engajamento em várias formas de ações coletivas, porém voltado mais para questões pessoais do que sociais. Ao reconhecer o que há de semelhante nas individualidades, aflora o desejo de legitimar as diferenças de suas singularidades em pequenos grupos como comunidades identitárias. O consumismo também fomentou o interesse maior envolvido com o próprio mundo e cuidados das particularidades e reduziu, gradativamente, o empenho em lutar pelos ideais comunitários até chegar à delegação, quase que total, da responsabilidade política aos partidos. O que diferencia as ações atuais de posturas adotadas no passado, é o fato de serem dissociadas de correntes tradicionais, doutrinas ou referenciais absolutos.

Os sentimentos e ideais compartilhados pela empatia com aqueles considerados semelhantes, aqui e agora, e a rede de comunicação desenvolvida com conexão geral e imediata, intensificam a ênfase e valorização no vivenciado coletivamente e no presente. O investimento somente no futuro ou em quem se deseja vir a ser, sem aproveitar a vida e é rejeitado. Valoriza-se a singularidade do modo de ser, os semelhantes e a convivência social breve, imediata e por identificação. Essas circunstâncias que envolvem a elaboração de projetos para o futuro e o desenvolvimento da subjetividade, motivam a busca por uma democratização e política que possam ir além de dirimir as desigualdades de poder e criar mais estilos de vida do que chances na vida (GIDDENS, 2000).

A popularização dos *smartphones*, da internet, dos computadores de uso pessoal, a velocidade da informação e aplicativos de troca de mensagens instantâneas oportunizaram várias modalidades de comunicação que intensificaram o contato virtual e o distanciamento físico dos sujeitos. A maneira de se relacionar com o outro e com o mundo e a formação de vínculos foram claramente afetados (GIDDENS, 1991).

Na sociedade contemporânea as tecnologias da informação, a interação mediada pela máquina, o uso de realidade virtual e a equiparação da ciência a outros conhecimentos que predominam, estabeleceram formas particulares de subjetivação que são próprios dessa época (GIDDENS, 2002). Lideradas pelo campo da tecnologia, as inovações expandiram o ideal de velocidade para as outras coisas, acelerando aspectos pessoais e materiais da vida. Essa rapidez das transformações e mudanças que vem ocorrendo é a maior e mais evidente característica deste período ou época.

Mercadorias e informações são produzidas, divulgadas e superadas rapidamente e devido às facilidades que o avanço da globalização promoveu ao de abertura das relações políticas e comerciais no mundo, ficaram visíveis e acessíveis a todos. As inúmeras possibilidades de escolha, fazem com que a preferência anterior dos indivíduos se torne obsoleta e possa ser velozmente substituída. Emerge a era do consumismo. Lipovetsky (2005, 2016), faz menção a pós-modernidade como marcada pela cultura do temporário, do passageiro e do excesso, em que o sujeito, em ritmo acelerado, desenvolve desejos e busca sua realização. Incapaz de sanar seus anseios devido à satisfação fugaz que o consumir proporciona, o sujeito permanece insatisfeito e estabelece uma nova relação com as coisas. Como efeito, o paradoxo passou a ser estratégia: quanto mais vazio, mais desejo e quanto mais escolhas, mais liberdades.

A mídia, por intermédio de propagandas, sobrecarrega com imagens e mensagens de oferta e aguça as sensações e emoções que podem ser proporcionadas pela compra, reforçando a associação entre o ter e a qualificação do ser. Os produtos, serviços e conteúdos a que se tem acesso atribuem valor à pessoa. O marketing direciona ao sujeito, de forma intensa e sedutora, a promessa de experimentar sentir-se especial e único mediante o prazer da novidade. Atrela ao

consumir, um ideal de felicidade, prazer e preenchimento, além da capacidade de fornecer notoriedade e prestígio social.

Para Lipovetsky (2005, 2016), uma das características fundamentais da sociedade do conhecimento atual é a migração de uma economia baseada na produção e troca de bens materiais, centrada na oferta, para uma economia com foco no consumidor, que se alicerça na procura e fluxo desenvolvidos por estratégias de informação. Esse capitalismo de consumo alçou o hedonismo à categoria de valor soberano e converteu as satisfações materialistas a acesso a felicidade. O hedonismo, o prazer e o estímulo dos sentidos dominam a vida comum. O mercado, seus produtos e serviços desvanecem o sujeito ao projetá-lo a um universo de escolhas e definir a vida das pessoas.

O sujeito, mais voltado para si mesmo do que para o espaço público, usa produtos e bens materiais como meio para expressar sua subjetividade. A personalidade deve ser singular, diferente e não imitativa, desvincilhada do domínio do outro, em um processo de personalização desprendido de uma identidade rígida. Com liberdade para selecionar o que lhe representa, em meio a infinidade de objetos disponíveis e ofertados no mercado, as escolhas conferem poder de decisão, desde que, a satisfação de seus anseios não prejudique o outro.

Para ter a imagem enaltecida e aceita pelos outros é preciso buscar a individualidade. É isso que promove a valorização, ou seja, a cultura individualista sobrevive do espelhamento (GIDDENS, 2002). Uma grande preocupação estética e com a aparência envolve o sujeito contemporâneo que tenta, por meio da aquisição de bens e serviços, ser belo, popular, atraente e desejável, como garantia de aceitação e valorização.

Lipovetsky (2005) afirma que, embora os indivíduos busquem constantemente obter felicidade e bem-estar na compra, mediante suas escolhas e da satisfação de seus desejos, eles o fazem de modo consciente e reflexivo. Não aspiram somente a posse material, mas um conforto psíquico e harmonia em seu interior, conquistado pela ação pensada e ponderada. Em sua visão, a reflexividade do sujeito impede que ele seja totalmente manipulado e forçado pela publicidade a adquirir algo. A mídia pode até instigar seu desejo ou influenciar seu objetivo, porém ele ainda permanece livre, detém o poder de decisão e com múltiplas escolhas para comprar o quiser, se quiser. Assim, reforça a alegação de Giddens (2000) da presença de uma

reflexividade pessoal e institucional que impacta em profundas mudanças na cultura e, por sua vez, na sociedade.

Isso quer dizer que, apesar do sujeito estar inserido numa sociedade do prazer e satisfação e ser seduzido pela a esfera do material, o objeto (mercadorias, mídia) não tem poder sobre ele. Quanto mais ele é atraído pelos sistemas e processos de objetivação, mais reage se dirigindo a seu mundo pessoal. A abundância e variedade gerada e oferecida pelas opções, reforça a realização de escolhas que expressem a subjetividade e diminui a relevância das coisas materiais. Aquilo que se tem é obtido conforme os sentimentos e gera uma relação emocional com o que foi adquirido, sendo a subjetividade a essência norteadora do consumidor contemporâneo (LIPOVETSKY, 2005).

Na era pós-moderna, a cultura centrada na subjetividade e satisfação pessoal levam a uma busca do inédito e ao hiperconsumo. Prima-se mais pela qualidade de vida e vive-se seguindo as sucessões de agora, sem a obrigação de estabelecer um propósito de vida e sentido únicos. O sujeito não se prende a uma identidade fixa, sendo que seus referenciais, valores e princípios morais são mutáveis. Contrário a todas as formas de imposição e determinismo, substitui a ditadura pela autonomia, a austeridade pela condescendência, a opressão pela liberdade de expressão e a intolerância pelo consentimento de coexistência entre estilos.

Lipovestky (2005) resume sua visão da pós-modernidade:

A cultura pós-moderna representa o polo superestrutural de uma sociedade que está saindo de um tipo de organização uniforme, administrativa e que, ao fazê-lo, enfraquece os últimos valores modernos, reergue o passado e a tradição, torna o valorizar o lugar e a vida simples, dilui a preeminência da centralização, dissemina os critérios do verdadeiro e da arte, legitima a afirmação da identidade pessoal de acordo com os valores de uma sociedade personalizada na qual o importante é ser a própria pessoa e onde, por conseguinte, qualquer coisa tem o direito de cidadania e de reconhecimento social, onde nada mais deve ser exigido imperiosa ou duravelmente, onde todas as opções, todos os níveis podem conviver sem contradição nem relegação. A cultura pós-moderna é descentrada e heteróclita, materialista e psicológica, pornográfica e discreta, inovadora e retrógrada, consumista e ecológica, sofisticada e espontânea, espetacular e criativa; e, sem dúvida, o futuro não terá que se decidir a favor de uma dessas tendências, mas, sim, irá desenvolver as lógicas dualistas, a coexistência suave das antinomias. Não há dúvida sobre a função de tal explosão: paralelamente aos outros dispositivos personalizados, a cultura pós-moderna é um vetor de aumento do individualismo; diversificando as possibilidades de escolha, liquidificando os pontos de referência, minando o sentido único e os valores superiores da modernidade, ela administra uma cultura personalizada ou sob medida, que permite ao átomo social emancipar-se do balizamento disciplinar revolucionário. (LIPOVESTKY, 2005, p. 20).

É possível observar que a brevidade, inconstância, transitoriedade e grande velocidade das inovações, alteram não somente as coisas e o modo de vida, mas também as instituições como a Igreja, a escola e a família, por exemplo. Giddens (2000, p. 28) afirma que “continuamos a falar da nação, da família, do trabalho, da tradição, da natureza, como se todos continuassem iguais ao que foram no passado. Não continuam. A casca permanece, mas por dentro eles mudaram”.

5.4 A família e a parentalidade na pós-modernidade

Na pós-modernidade diversos aspectos individuais, sociais, econômicos e culturais foram transformados e refletiram nos valores e estrutura familiar e, conseqüentemente, nos relacionamentos entre pais e filhos. Alguns marcos da evolução da família foram bastante importantes.

A família tradicional possuía uma estrutura totalmente patriarcal, com a autoridade centralizada na figura do pai. Os homens comandavam e eram os únicos provedores, enquanto as mulheres eram responsáveis pelas tarefas domésticas e cuidados com os filhos e não tinham autonomia. A reputação da família era dependente da índole do homem, do desempenho e sucesso profissional que conquistava e dos resultados financeiros que ele obtinha e agregava ao patrimônio familiar. Todos os membros da família eram qualificados socialmente pelo êxito que sua família obteve e não apenas por suas ações individuais (ARIÈS, 1881).

O objetivo da família estava em manter e transmitir um patrimônio. As uniões eram realizadas mediante arranjos entre famílias e estabelecidas visando acordos políticos, econômicos e sociais e fundamentadas no amor romântico e na reciprocidade afetiva (ARIÈS, 1881). Os filhos não representavam para os pais uma parte importante da família para a qual eles deveriam dedicar investimento emocional, preocupação e atenção e não participavam das decisões e assuntos familiares importantes. O relacionamento entre pais e filhos era distante, o contato afetivo reduzido e o afastamento era praticado por ambos, pois prevalecia e era conservada a ideia de hierarquia e respeito entre os membros da família.

Atualmente, observa-se muitos tipos diferentes de família, uma grande diversidade em sua organização, novas divisões de papéis, sociabilidade,

organizações da hierarquia, distribuições das responsabilidades, formas de relacionamento e funções exercidas.

A família recebeu influências intensas da valorização do indivíduo e o ideal de equivalência passou a se evidenciar. As relações fundamentadas, inicialmente, na questão do poder foram convertidas em uma estrutura de igualdade. A democratização da família, substituiu a hierarquia nas relações pela paridade transformando as relações entre pais e filhos. Os laços afetivos entre pais e filhos tornaram-se mais intensos e promoveram mais intimidade e uma aproximação familiar maior. Os filhos ganharam um lugar de destaque na estrutura familiar, sendo dada ênfase à sua educação, cuidado e bem-estar, conforme o ideal surgido na modernidade das “crianças, mais do que a família” (ARIÈS, 1981, p.189).

Entre os casais, o exercício de autoridade e o direito a participação nas decisões familiares tornaram-se mais equilibrados, não apenas nos assuntos que se referem aos filhos, mas também em outras questões. Aspectos relativos às atividades educativas, organização do cotidiano, obrigações com os filhos, cuidados com o lar e provisão financeira, são mais compartilhados entre o casal. Apesar das diferenças de gênero não terem se dissolvido completamente, com a permanência, ainda, de algumas atribuições específicas para cada um, os papéis masculino e feminino foram reformulados, incentivados pela grande contribuição do movimento feminista, e possibilitaram a adoção de novas condutas por ambos os gêneros.

O declínio das tradições e as mudanças nos costumes provocaram reflexos nos valores sociais e morais e os modelos parentais foram questionados e revistos (CASTELLO, 2006). A ideia de educar como um processo de sentido único, em uma relação de desigualdade em que a criança é apenas depositária dos ensinamentos, sem reciprocidade, interação e elaboração foi descartada.

O que se percebe na atualidade é uma tendência a se adotar uma educação pautada mais no diálogo, no afeto, na participação e na compreensão. Ampliou-se a aceitação das diferenças individuais, o respeito às subjetividades e a promoção de trocas entre pares. Os filhos ganharam mais liberdade e autonomia (BARRETO; RABELO, 2015).

Embora os pais apresentem opiniões, atuação e tolerância diferentes quanto aos comportamentos da criança, há uma tentativa de manter uma prática educativa

disciplinadora e, ao mesmo tempo, de desenvolver a autonomia e a individuação das crianças (SALLES, 2005; REICHERT; WAGNER, 2007). Carentes de referências e sem modelos rígidos, a educação dos filhos passou a ser mais democrática e menos rigorosa. Os pais reduziram o controle, a determinação de limites passa a ser aplicada somente quando necessária e ao invés de exigências, as normas são flexíveis e os limites negociados.

As regras não são mais simplesmente replicadas da mesma maneira como foram recebidas das gerações anteriores. São desenvolvidas na convivência diária, muito mais próxima e constante, dentro do que é cabível e aplicável à realidade cotidiana da família e a partir de um pensamento reflexivo (LIMA, 2014). Segundo Castello (2006):

Os novos pais de hoje pertencem a uma geração onde os pais transmitiam aos filhos uma educação bastante rígida e dentro dos padrões que aprenderam em suas famílias de origem. Com o passar dos anos, esses conceitos começaram a ser revistos pela sociedade, e os pais de hoje estão muito mais maleáveis do que os de outrora, e cada vez mais incentivando os filhos a se realizarem e conquistarem uma autonomia e independência que são pontos importantes para esta geração. (CASTELLO, 2006, p.125).

Os pais agem em favor do respeito às crianças, repelindo as condutas que receberam em suas famílias de origem que consideram autoritárias, entretanto como seus pedidos e determinações, muitas vezes, não produzem efeitos em seus filhos, sentem dúvidas quanto à forma adequada de agir diante dessa nova estrutura de similaridade (BARRETO; RABELO, 2015). A determinação arbitrária de regras para a simples imposição de autoridade e o uso de castigos físicos como medidas disciplinares é refutado (SALLES, 2005).

Direitos e deveres vêm sendo, gradativamente, discutidos e revistos. Tanto os pais, quanto as mães passaram a exercer atividades profissionais e se verifica, inclusive, muitas famílias que tem as mulheres como principais mantenedoras financeiras. Como ambos se dedicam às suas carreiras, desenvolvimento e compromissos pessoais e têm o tempo disponível para se dedicar aos filhos reduzido, a participação de terceiros foi incluída nesses cuidados (BIASOLI-ALVES, 1997). Escolas, cuidadores, vizinhos e familiares, em alguns casos, foram incumbidos dessa tarefa, sendo que o contato e o diálogo entre modelos de educação e gerações foi ampliado.

A compreensão que tem, adquirida em sua vivência como filhos, em outros setores da vida e nas instruções dos especialistas sobre como exercer a parentalidade e educar filhos, não suprem as demandas das situações novas e, muitas vezes, são com os filhos que constroem novos modelos de conduta. Ao compartilharem a função de educação dos filhos, os pais têm suas convenções desmembradas e princípios contestados e buscam o conhecimento de profissionais de várias áreas, como Pedagogia, Psicologia, Medicina, Sociologia e, até de outros pais com mais ou diferentes experiências, para obter referências ou corroborarem as que possuem.

Confusos no que se refere a fronteira entre a aplicação da autoridade e o autoritarismo e inseguros quanto à forma de educar, que modelo adotar e sobre estarem agindo corretamente, os pais se apoiam na orientação de especialistas e seguem suas orientações gerais sobre educação, mesmo que elas não se apliquem adequadamente a sua família (SALLES, 2005; OLIVEIRA, 2009).

Na família contemporânea, o saber dos pais, na pós-modernidade, foi deslocado para outras instituições. O fácil acesso à internet, por exemplo, permite que obtenham recomendações e apliquem dentro de suas próprias casas e, os filhos, também obtêm na rede, informações e conhecimentos sem a necessidade do intermédio dos pais. A interação com equipamentos e tópicos provenientes do desenvolvimento tecnológico, fazem parte do cotidiano das famílias. Computadores, *laptops*, Internet, *e-mail*, telefones celulares, e tantos outros, alteram a interação e a comunicação familiar e podem tanto ser instrumentos que facilitam e melhoram a qualidade de vida, quanto fontes de dificuldades nos relacionamentos.

Como reflexo da sociedade do consumo, da aparência como representante do ser, da busca de prazer imediato e da individualidade, os pais criam uma expectativa de alcançar um desempenho parental e relacionamento familiar idealizado e se obrigam a suprir tudo aquilo que acham que os filhos precisam. Tentam obter mais qualidade de vida e ter mais momentos bons de convivência familiar, pois reconhecem que é neles que ocorrem as trocas subjetivas que mantêm os vínculos familiares. Contudo, para que se configurem como um momento de transmissão dos valores, saberes e afetos que forma os laços e molda a célula familiar, é preciso que os pais participem e se envolvam. Eles se impõem ganhar mais, o que demanda trabalharem mais e aprenderem mais sobre o exercício da parentalidade, para serem pais melhores e, conseqüentemente, com tantas exigências a que se submetem e são

submetidos, se ausentam mais e não conseguem estar mais presentes. E, quanto menos tempo de convívio ocorre no núcleo familiar, maior é a culpabilização infligida aos pais por si mesmos e pela sociedade.

Em virtude do acúmulo de funções, da aceleração da vida cotidiana, da dinâmica familiar e do tempo disponível para a criação dos filhos foi necessária a reformulação de significados e valores, rituais diários, novas escolhas de lazer e de interação. Importantes para o desenvolvimento da criança e manutenção dos vínculos familiares, a companhia e o convívio com os pais, são cada vez menos frequentes. A ausência alimentada pelo individualismo, o consumismo estimulado pela mídia e o sentimento de insuficiência e remorso leva os pais a tentarem suprir suas faltas e a carência afetiva provocada com objetos e presentes (OLIVEIRA, 2009).

De acordo com Lima (2014), pressionados por uma sociedade competitiva e materialista, os pais transmitem a seus filhos o imperativo de produção e performance e, muitas vezes, exigem resultados excessivos e desempenho além de suas capacidades. Na cultura do consumo, a felicidade é associada à posse de bens materiais e à imagem construída. Os produtos que se possui determinam posições sociais, estipulam nível, conferem estilo, demarcam relações e diferenciam grupos. O que é consumido expressa gostos, interesses, preferências e estilo de vida, servindo de referencial de quem se é. O envelhecimento tende a ser rejeitado e a juventude, a aparência, a beleza e a erotização enaltecidas. Os adultos adotam uma aparência, atividades e linguagem mais joviais. Com uma relação mais igualitária e de proximidade com os filhos, os pais se colocam como amigos e companheiros dos filhos. Substituem as funções disciplinares pelo amor e amizade, poupando-se do relacionamento conflitivo de ensinar e corrigir o certo e o errado. Adotam a postura pós-moderna descrita por Lipovetsky (2016) de suavizar, que se aplica ao que é árduo, trabalhoso, aflitivo, incômodo ou enfadonho e a transmitem na relação com os filhos.

De um sistema centrado na frustração e na obediência da criança sucedeu uma ordem educativa coroada por sua felicidade imediata e pela promoção de autonomia. O novo sistema educativo afirma-se contra o espírito de restrição e de sansão julgado incompatível com o respeito da individualidade e da existência independente da criança. A palavra mestra não é mais disciplina, mas a escuta dos desejos, o reconhecimento da singularidade pessoal, o desenvolvimento da autonomia. Saem as imposições rigorosas e os castigos corporais, entram a plenitude sem limite, a troca flexível, aberta e *cool*. Não se deve mais oprimir, mas sim respeitar e favorecer a individualidade da criança em um espaço inteiramente afetivo, de prazeres e de compreensão. (LIPOVETSKY, 2016, p. 252).

Os pais ao questionarem sua competência, defenderem uma relação de proximidade com a criança, equipará-la, em alguns pontos, aos adultos e, em outros, até coloca-la acima deles e não exercerem firmemente suas funções na família, promovem a desestabilização da hierarquia de idades e diferenciação entre criança e o adulto até então estabelecidas e colocam sua autoridade a cargo de outras instituições (OLIVEIRA, 2009).

O que se observa na sociedade pós-moderna, é que o predomínio das tecnologias da informação, a democratização do conhecimento, as mudanças verificadas nas estruturas de poder político e econômico, nas dimensões socioculturais, nas relações e nos diversos contextos da vida cotidiana, propiciaram à família contemporânea um caráter dinâmico, de diversidade de configurações e de formas de relacionamento próprios dessa época.

Araújo (2002) ressalta a importância de se observar as particularidades de cada família, considerando seus relacionamentos, valores, fase do ciclo vital, segredos e mitos, e abordá-las como única:

Cada família tem organização própria. E podemos imaginar essa organização como uma teia de aranha, tanto no que ela significa de perfeição arquitetônica quanto no que ela nos leva a associar: 'lugar de armadilha', onde se fica enredado. Na trama dos fios, qualquer mínimo movimento é percebido e implica uma reverberação em todo o sistema. Falar sobre o lugar do filho implica pressupor os lugares de pai e mãe, e vice-versa. Falar do lugar de mãe implica que antes ela também foi filha para uma outra mãe, e assim por diante. Sempre levando em conta ainda que estas relações são mediadas pelo universo comunicacional, portanto, estando imersas na cultura, onde não poderão ser analisadas de modo isolado. A noção de antecessor e sucessor, trabalhada na aprendizagem de conteúdos matemáticos, pode ser de grande ajuda para a compreensão dessa articulação. Para entendermos a noção de quantidade do número é preciso remetê-lo à cadeia numérica a que ele pertence, sendo por ela significado. Na família, para situarmos a história de seus membros, faz-se necessário observarmos as vinculações existentes entre eles. Ressaltando que estes sujeitos estão envolvidos em um universo de comunicação em que, pela linguagem, as trocas são possibilitadas. O fato de que tudo isso está inserido na cultura, com as características modernas de economia global, de final de milênio, de avanço tecnológico, de disparidades sociais, de nova concepção de tempo e de mudanças nas instituições sociais (família, escola, Igreja, Estado etc.), leva-nos a acreditar que na complexidade podemos encontrar acesso ao que estamos buscando. Toda simplificação termina por destituir a família de elementos vitais ao seu funcionamento. (ARAUJO, 2002, p.101).

Ainda que, as mudanças que vêm ocorrendo não sejam lineares e não cheguem a afetar igualmente todas as famílias, elas desencadeiam um novo jeito de compreender a infância que traz implicações na forma pela qual as crianças são representadas, se constroem como indivíduos e se relacionam.

5.5 O estado da arte

Realizou-se uma revisão da literatura com o objetivo de identificar como o conhecimento sobre a geração Alpha tem sido abordado nas pesquisas acadêmicas recentes. Por meio da pesquisa bibliográfica e do contato com as produções elaboradas, sintetizou-se as informações contidas nos estudos obtidos, identificando tanto as contribuições, quanto as lacunas existentes e esclarecendo a atual posição da temática.

Para o proposto foram consideradas os estudos existentes nas plataformas de indexamento Scielo, Redalyc, Lilacs, Capes e na base de dados do Google Acadêmico contendo o descritivo: geração Alpha no resultado de busca, nos idiomas português, inglês e espanhol. O recorte temporal foi de 2013 a 2018, em pesquisas de caráter interdisciplinar das abordagens psicológicas, sociológicas, antropológicas, pedagógicas e filosóficas. Os documentos foram incluídos adotando os seguintes critérios:

- a) apresentar o descritivo de busca pesquisado completo;
- b) citar Alpha como denominador geracional;
- c) estar disponível para *download*;
- d) tratar-se de trabalho científico;
- e) relacionar-se ao objetivo deste estudo.

Desconsiderando-se os trabalhos duplicados, incompletos, realizados anteriormente ao período de identificação do surgimento da geração Alpha e não publicados em fonte científica ou em formato acadêmico, totalizaram 69 trabalhos no resultado de busca. Foram obtidos: 01 na Scielo, 01 na Redalyc, 0 no Capes, 0 na Lilacs, 0 na Eric e 67 no Google Acadêmico. Desses, 35 fugiam da temática de análise proposta, 02 eram recortes de capítulos de livros e 05 estavam duplicados, restando 27 artigos aptos para análise.

Buscou-se responder às seguintes questões com os dados obtidos: Como a geração Alpha é compreendida e definida nesses estudos? Como as crianças da geração Alpha têm sido caracterizadas? Quais áreas de conhecimento têm se proposto a estudar a geração Alpha e quais são os seus objetivos? O que as pesquisas em que a geração Alpha é mencionada oferecem como contribuição?

A partir da leitura, na íntegra, das publicações selecionadas, com foco nessas questões, foi possível destacar as considerações mais relevantes que propiciam uma visão geral do tema e a construção de crenças menos negativas acerca da infância contemporânea.

Nos trabalhos obtidos, poucos têm como objeto de estudo a geração Alpha ou oferecem contribuições especificamente associadas a esse conteúdo. A maioria a aborda de forma superficial ou apenas menciona por estar, de alguma maneira, relacionada ao assunto central explorado. Segundo a referência ao tema, podem ser assim distribuídos: 01 aborda diretamente, 05 discorrem de forma sucinta sobre traços e características da geração Alpha, 11 apontam seu conceito, mas não apresentam nenhum detalhe, 09 somente citam brevemente a existência dessa geração em meio às descrições e análises das outras gerações e 01 cita a geração Alpha uma vez no resumo e nenhuma ao longo da pesquisa.

As datas de publicação dos estudos distribuem-se em: 03 pesquisas do ano de 2013, 03 do ano de 2014, 06 do ano de 2015, 08 do ano de 2016, 06 do ano de 2017 e 01 do ano de 2018. Os números mostram-se ainda reduzidos, apesar do indício de um aumento moderado e oscilante de investigações acerca desse conteúdo.

Quanto ao método abordado nos artigos, 03 estudos utilizaram uma análise quantitativa, mensurando números e dados, 08 optaram pela qualitativa, enfocando percepções e significados, 08 aplicaram a exploração quantitativa e qualitativa e 08 realizaram um estudo bibliográfico, apontando visões de autores e teorias.

No que tange ao tipo de documento, tratam-se de 14 artigos, 11 monografias e trabalhos de conclusão de curso de graduação e pós-graduação e 2 dissertações de mestrado.

1. Como a geração Alpha é compreendida e definida nos estudos?

O conceito de geração é delimitado como o conjunto de pessoas, nascidas no mesmo intervalo de tempo, que vivenciando o mesmo momento histórico apreende valores e adotam condutas similares que repercutem socialmente. A aceleração cada vez maior nos eventos históricos, sociais e culturais são apontados como motivadores da redução no intervalo de sucessão geracional, estimado, inicialmente, em 30 anos, para 10 anos.

A geração Alpha, considerada como a mais recente do século XXI, é composta pelos nascidos a partir de 2010 (CUNHA, 2013; GRANERO *et al.*, 2013; PETER, 2013; SANTOS; CESTARO; AUGUSTO, 2014; SILVA, 2014; CARLOS; NOGUEIRA, 2015; LOUZADA; NASCIMENTO, 2015; OLIVEIRA; DIAS, 2015; VIDAL, 2015; VIEGAS, 2015; PATELA, 2016; SILVA, 2016; XAVIER, 2016; DAHER, 2017; SAUSEN *et al.*, 2017; SILVA, 2017; SILVA; BEZERRA, 2017; HADDAD, 2018). Foi assim denominada no ano de 2010, por Mark McCrindle, sociólogo australiano, que na tentativa de dar continuidade ao emprego de letras adotado na classificação das gerações, utilizou o início do alfabeto grego, uma vez que foram empregadas anteriormente as últimas letras do alfabeto latino (FURIA, 2013; MCCRINDLE, 2014; VIEGAS, 2015).

Suas características são consideradas ainda pouco definidas e exatas e, até o momento, a maior certeza é o fato de seus membros nascerem em um mundo conectado em rede e serem rodeados por tecnologia (GRANERO; COUTO, 2013; PETER, 2013; SANTOS; CESTARO; AUGUSTO, 2014; VIEGAS, 2015; CORREA JUNIOR *et al.*, 2016; PATELA, 2016; HADDAD, 2018)

2. Como a geração Alpha tem sido caracterizada?

A diferença mais significativa considerada pelos estudos é o fato dessa geração estar em constante contato com a tecnologia e a internet, tornando diferente sua relação com as mídias digitais. Os *smartphones*, videogames, *notebooks* e *tablets*, estão presentes em seu dia a dia e usar redes sociais, *websites* e aplicativos faz parte de seu cotidiano. Sua visão da conexão com a rede como positiva e indispensável é ressaltada, bem como a forma de usá-la, integrando e adaptando-a para colocá-la a serviço de suas necessidades (CARLOS; NOGUEIRA, 2015; LOUZADA; NASCIMENTO, 2015; OLIVEIRA; DIAS, 2015; VIEGAS, 2015; OLIVEIRA, 2016; PATELA, 2016; HADDAD, 2018).

Esta influência, associada às transformações e evoluções sociais e familiares das últimas décadas e o acesso desenfreado a um grande número de informações, implicaram em mudanças nas atitudes infantis. O excesso de estímulos visuais, auditivos, emocionais e cognitivos recebidos a todo momento ocasionam respostas mais rápidas aos diversos estímulos, formação prematura de opinião, antecipação de etapas do processo de desenvolvimento e naturalidade e facilidade ao acessar, operar

e interagir com eletrônicos (SANTOS; CESTARO; AUGUSTO, 2014; MORENO *et al.*, 2017; SAUSEN *et al.*, 2017; HADDAD, 2018).

A sensação de que elas estão mais inteligentes é amplamente compartilhada. Embora o desenvolvimento das funções cerebrais esteja intrinsecamente associado à cultura, natureza e relações estabelecidas, sendo a capacidade intelectual influenciada pelo meio e pela quantidade e qualidade das aprendizagens que proporciona, não há comprovação de que a inteligência tenha sido, efetivamente, alterada e esteja desenvolvida nas crianças dessa geração (SCHELINI *et al.*, 2013).

O contato inerente das crianças da geração Alpha com a tecnologia estimula as atividades mentais e capacidade de estabelecer conexões, fazendo com que os mecanismos de intervenção que utilizam tenham se aprimorado e se tornado mais complexos, afinados, reativos e ágeis (VIEGAS, 2015). Integrados em práticas e conversas próprias aos adultos, fazem uso do potencial de aprendizagem que dispõem assimilando os conteúdos e aplicando-os com assertividade, apresentando melhor capacidade intelectual (CORREA JUNIOR *et al.*, 2016).

Considera-se que o convívio com o contexto virtual e no ciberespaço⁷, alteram sua linguagem, formas de expressão, seu modo de pensar e se relacionar (PATELA, 2016; HADDAD, 2018). Cercadas pela diversidade em diferentes aspectos, a espontaneidade das crianças da geração Alpha aliada a autonomia, enfraquece o apego por estereótipos e torna sua convivência com o diferente muito mais possível, pacífica, tolerante e harmoniosa (CORREA JUNIOR *et al.*, 2016).

Formadoras de opinião, elas ditam hábitos e costumes, tanto nas formas de relacionamento, quanto na moda e comércio. Têm um papel ativo e influenciador das tendências de consumo e economia familiares escolhendo produtos, demandando serviços e alterando prioridades de aquisição. O mercado, apostando em sua capacidade de determinar os hábitos de compra, consumirem e tornarem-se fiéis clientes no futuro, estuda seu perfil, cria produtos específico para elas e aplica estratégias de *marketing* para seduzi-las (VIEGAS, 2015; SAUSEN *et al.*, 2017).

⁷Espaço ou conjunto das comunidades de redes de comunicação entre computadores, notadamente a Internet. (<https://dicionario.priberam.org/ciberespa%C3%A7o>)

Demonstram uma postura ativa, independente e integrada às tecnologias em suas variadas apresentações, desde a tenra idade, fazendo com que as metodologias de ensino venham sendo repensadas para atender satisfatoriamente as demandas diversificadas. O ensino tradicional praticado nas gerações anteriores não atende mais (SILVA, 2017). Tende a ser customizado e aliado a materiais e equipamentos adequados ao perfil das crianças contemporâneas e focado em motivar, inspirar e promover a produção de conhecimento (CORREA JUNIOR *et al.*, 2016). Já é possível reconhecer em algumas instituições de ensino sistemas mais “personalizados, autônomos, híbridos, baseados em projetos e com foco no aluno e não no conteúdo” (VIEGAS, 2015, p. 26).

Alguns dos estudos mencionam que as crianças dessa geração entram mais cedo na escola, estudam por um período mais longo, tem outras atividades educativas, além da acadêmica, e fazem parte de famílias menores, que possibilita maior investimento financeiro em sua educação, e estimam que elas terão ascensão a maiores níveis de escolarização, ampliando o nível educacional (SANTOS; CESTARO; AUGUSTO, 2014; VIEGAS, 2015; MORENO *et al.*, 2017; SAUSEN *et al.*, 2017). McCrindle (2014), baseado em suas pesquisas, sinaliza que 90% dos integrantes dessa geração concluirá o ensino médio e a sua maioria ingressará no ensino superior.

Outro aspecto mencionado é a evolução na forma de relacionamento das famílias que afetou a interação entre pais e filhos. A transição dos pais da postura de autoritarismo para uma relação de troca, optando pela orientação, diálogo e amizade ao invés da rigidez, imposição e castigos, alterou a postura dessa geração (VIEGAS, 2015). Associado ao repertório de conhecimento amplo adquirido, essas crianças são munidas de recursos para questionar regras, contestar convenções e desafiar hierarquias que não consideram sensatas. Sendo sua postura ativa e de protagonista compatíveis com as influências recebidas, contradizendo a representação social das crianças estarem mais opositoras, indisciplinadas e desafiadoras, simplesmente devido à falta de imposição de limites.

A importância da família ou outras figuras que exerçam um papel de apoio, segurança e proteção é considerada acentuada pelo excesso de estímulos arbitrários, contato com diversidade cultural e os riscos do amplo acesso ao mundo virtual aos quais as crianças estão sendo submetidas e expostas (XAVIER, 2016). Em

contraposição, os adultos têm dedicado menos tempo e atenção aos filhos, devido ao volume de exigências e compromissos pessoais e profissionais acumulados (VIEGAS, 2015). Essa falta de disponibilidade dos pais, limitação de espaços que confina em ambiente fechados, a redução das atividades físicas e liberdade suprimida pela violência urbana, intensifica o acúmulo da energia inerente à infância e reforça o perfil indicado como muito ativo das crianças da geração Alpha.

As características frequentemente associadas as crianças da geração Alpha são: conectadas, autônomas, inteligentes, dinâmicas, ativas, participantes, independentes, espertas, com rápida aprendizagem e assimilação, curiosas, pensamento veloz, desafiadoras, precoces, desenvolvimento acelerado, interessadas, enérgicas, questionadoras e comunicativas (SILVA, 2014; SILVA; VIEGAS, 2015; CORREA JUNIOR *et al.*, 2016; PALETA, 2016; XAVIER, 2016; BEZERRA, 2017; MORENO *et al.*, 2017; SAUSEN *et al.*, 2017).

É elevada a periodicidade da associação do advérbio “mais” aos traços dessas crianças e a consideração de seus atributos como transcendentais do habitual. Suas características são descritas como potencializadas em comparação às crianças com as quais se teve experiência até então. Entretanto, as pesquisas não se propõem a elucidar os dados sobre a geração Alpha, retratar suas características, diferenciais e potencialidades.

3. Quais áreas de conhecimento tem se proposto a estudar a geração Alpha?

As vinte e sete contribuições apresentadas concentram construções de conhecimento agregadas às seguintes áreas: 03 em tecnologia, 01 em comunicação, 04 em *marketing*, 09 em gestão de pessoas e de carreiras e 10 em Pedagogia.

De acordo com o predomínio da área para o qual estão voltadas, as investigações e seus propósitos, é possível delinear quatro principais campos de análise: educacional, corporativo, comercial e de tecnologia da informação e comunicação.

Na área da educação é frequente o interesse pelo aperfeiçoamento de técnicas e instrumentos de ensino, planejamento de aulas, desenvolvimento de estrutura curricular e acadêmica, preparo de docentes e educadores, inclusão e aproveitamento

de tecnologias e mídias digitais no ensino e melhoria no relacionamento, dentro e fora da sala de aula, entre a instituição, alunos e familiares.

No campo corporativo o interesse é promover contribuições para a área organizacional e aprimoramentos de processos de gestão de pessoas. Destacam-se os levantamentos de aspirações profissionais, planos de carreira e benefícios, o emergir de novas ocupações profissionais, as características e comportamentos das gerações no mercado de trabalho, a disponibilidade de investimento na vida profissional, entre outros.

O setor comercial visa melhorias das estratégias de publicidade, propaganda, *marketing* e vendas. Pesquisa para conhecer mais o nicho de mercado representado e movimentado pelas crianças, seu perfil de consumidor e meios de explorar seu potencial de compras, a criação de produtos que os fidelize como consumidores, como elaborar divulgações direcionadas a este público e maneiras de fomentar sua influência no consumo familiar.

A área de tecnologia de comunicação e informação tem investigado o uso de ferramentas tecnológicas e mídias digitais pelas crianças, e ainda os riscos e benefícios do uso e exposição à internet e aparelhos eletrônicos, a aplicabilidade dos recursos tecnológicos em diversos setores que envolvem a infância, meios de ampliar seu acesso, o desenvolvimento de equipamentos e aplicativos que atraiam e atendam o interesse das crianças, sua adequação a faixas etárias e as contribuições, cuidados necessários e restrições de uso.

4. Quais são objetivos das pesquisas sobre a geração Alpha?

O objetivo geral apresentado pelas pesquisas em que a geração Alpha é mencionada são exibidos no quadro abaixo:

Quadro 1 – Objetivo geral das pesquisas que mencionam a geração Alpha

Pesquisa	Objetivo
O gerenciamento das relações entre as múltiplas gerações no mercado de trabalho	Retratar as características e comportamentos das diversas gerações que compõem o mercado de trabalho atual. A abordagem se dará desde o início da classificação das gerações, na década de 1920, com a geração Belle Époque, até a geração mais recente (nascida a partir de 2010), denominada Alpha.
O uso de tecnologias na educação infantil bilíngue	Analisar o uso de ferramentas tecnológicas em crianças bilíngues com faixa etária de 4 e 5 anos, embasando-se na perspectiva dos multiletramentos.

Continuação do Quadro 1

Pesquisa	Objetivo
Geração z: compreendendo as aspirações de carreira de estudantes de escolas públicas e privadas	Analisar a relação estabelecida entre as aspirações de carreira de estudantes da geração Z de instituições públicas e privadas da cidade de Santa Maria/RS.
Professores de creche e suas representações sociais sobre crianças de 0 a 3 anos	Identificar e interpretar as representações sociais de professores de creche sobre a criança de 0 a 3 anos para antecipar determinadas ações do sujeito a partir de como ele se posiciona a respeito de algo, sua forma estruturada de estudar as concepções de mundo, símbolos, imagens, opiniões, crenças e imagem hierarquizada, que evidencia de forma preditiva a tendência do comportamento do sujeito, ou seja, sua orientação para ação.
Crianças de seis e sete anos e o uso da internet no ambiente escolar: estudo de caso em escola pública de Sobradinho (DF)	Conhecer os usos de internet das crianças de seis a sete anos beneficiadas pelo projeto Prouca e as oportunidades e desafios que a utilização traz para a produção de conhecimento no ambiente escolar.
Inovações em marketing: ações sensoriais no varejo de moda infantil	Verificar e analisar qual a relevância e aplicabilidade do marketing sensorial nas lojas de moda infantil do município de Ijuí/RS, para atrair, encantar e fidelizar seus consumidores e clientes.
Avaliação e análise do <i>design thinking</i> aplicado à criação de brinquedos	Analisar e avaliar o método, as técnicas e as ferramentas aplicadas durante o processo prático da criação de um brinquedo sem dispor de uma estrutura especializada, utilizando uma abordagem de inovação, para servir como guia ou referência para futuros criadores.
A criança e os riscos do mundo virtual	Analisar quais os possíveis riscos que às crianças estão sujeitas com a alta exposição ao mundo virtual e suas ferramentas.
Empregabilidade após os 40 anos	Destacar as questões relacionadas à empregabilidade nos dias atuais pela análise dos fatores que atuam como ferramenta de manutenção do emprego ou obtenção de uma recolocação no mercado de trabalho.
Os gêneros digitais e sua relevância na sala de aula de língua portuguesa	Pensar os gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital e a relevância do seu uso na sala de aula de Língua Portuguesa.
Educando a geração digital: uma análise sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação no processo educativo a partir da relação tecnologia e metodologia	Analisar o uso das tecnologias da informação e comunicação no processo educativo a partir da relação tecnologia e metodologia.
Redes sociais digitais na aquisição de língua estrangeira: relatos com estudantes do ensino médio e ensino superior	Apresentar as funcionalidades das redes sociais digitais na aprendizagem de língua estrangeira tanto com estudantes da educação básica como com graduandos; e reconhecer que o uso das redes sociais como recurso pedagógico pode contribuir para um aprendizado mais significativo e atrativo.
As diferenças intergeracionais na conciliação trabalho família: um estudo qualitativo	Contribuir para o conhecimento das necessidades e/ou dificuldades na conciliação das dimensões profissional e familiar dos participantes, mas sobretudo de se compreender se estas se relacionam com a geração à qual pertencem e qual a sua influência no bem-estar psicológico destes indivíduos.
Competências digitais: o professor como gateway de novos pesquisadores	Identificar uso e domínio das tecnologias digitais, que possibilitam a inclusão social pelo professor no processo de ensino-aprendizagem.

Continuação do Quadro 1

Pesquisa	Objetivo
Dependência mobile: a relação da nova geração com os gadgets móveis digitais	Investigar como se dá o relacionamento de dependência do adolescente da geração Z e do jovem da geração Y com o aparelho de telefone móvel.
Tecnologias digitais da informação e comunicação na formação de professores de língua espanhola	Apontar que as comunidades digitais também são usadas como ferramentas para complementar o ensino e aprendizagem, e contribuir na formação de docentes.
Consumo no ciberespaço: a explosão de aplicativos de dispositivos móveis que ajudam a controlar a vida na palma da mão	Analisar a mudança das ferramentas que viabilizam o consumo via mobile e como as 'coisas' estão ganhando movimento pelos dispositivos eletrônicos.
Competências digitais: o professor como gateway de novos pesquisadores	Identificar uso e domínio das tecnologias digitais, que possibilitam a inclusão social pelo professor no processo de ensino-aprendizagem.
Como a geração digital consome jornalismo	Demonstrar como uma geração mudou a maneira de consumir jornalismo.
Trabalhadores da geração y: um comportamento diferente?	Analisar as mudanças comportamentais e conhecer as competências no ambiente de trabalho dos trabalhadores da geração Y.
Como gerir a geração y	Abordar a gestão de pessoas com ênfase na geração Y, discutindo o impacto dessa geração no ambiente de trabalho.
Percepções sobre conflitos entre gerações no ambiente de trabalho: uma breve análise sobre os Baby Boomers e gerações subsequentes	Identificar as diferentes percepções acerca dos atributos e valores de cada geração.
Estudo sobre as possíveis causas da rotatividade nos centros de serviços compartilhados brasileiros	Estudar os possíveis fatores que contribuem ou se relacionam com a taxa de rotatividade voluntária nos Centros de Serviços Compartilhados.
O uso das redes sociais como ferramenta de inclusão na educação	Apresentar as redes sociais como ferramentas pedagógicas de inclusão digital, seus meios e funções para a utilização dentro da sala de aula e, também, fora dos muros da escola.
Geração Alpha: um estudo de caso no núcleo de educação infantil da UFRN	Agregar conhecimento sobre esse assunto, este trabalho busca diagnosticar qual o perfil da nova geração, a geração Alpha, em uma escola de Natal- RN.
Now can we stop talking about my body? Discurso publicitário e o processo de (re) construção identitária da boneca Barbie	Observar as transformações ocorridas no perfil da boneca Barbie, ao analisar os mecanismos discursivos e imaginéticos utilizados pelo discurso publicitário para a transformação da identidade da boneca.
O perfil geracional dos alunos de hoje: repto à emergência de novas teorias educativas	Apresentar uma breve descrição dos perfis das diversas gerações, desde o início do século XX, a saber: Baby boomers, Geração X, Geração Y, Geração Z e Geração Alpha para tentar compreender o público com o qual nós fomos, vamos e iremos confrontando, enquanto docente.

Fonte: Elaborado pela autora.

5. O que as pesquisas em que a geração Alpha é mencionada oferecem como contribuição?

Embora apenas parte das pesquisas obtidas abordem especificamente a geração Alpha, todas trazem significativas contribuições para os estudos que propuseram e abordam reflexões acerca de elementos que a permeiam e favorecem sua compreensão.

Quadro 2 – Contribuições das pesquisas acerca dos elementos geração Alpha

Pesquisa	Contribuição
Geração Z: compreendendo as aspirações de carreira de estudantes de escolas públicas e privadas	Novas gerações estão influenciando novas tendências e comportamentos da sociedade e conseqüentemente afetando o modo de trabalho futuro.
Professores de creche e suas representações sociais sobre crianças de 0 a 3 anos	Dada a escassez de estudos sobre a temática da "Geração Alpha", seria válido que outras pesquisas fossem realizadas e divulgadas dentre os profissionais que atendem esse público, para a melhor compreensão, aprimoramento dos serviços oferecidos e orientações prestadas às famílias.
O uso de tecnologias na educação infantil bilíngue	Com o bom uso da tecnologia, aliado aos outros recursos, a criança tem mais uma possibilidade de entrar em contato com os desafios da construção do conhecimento e aprendizado.
O gerenciamento das relações entre as múltiplas gerações no mercado de trabalho	Os conflitos geracionais têm uma versão positiva, que entende os conflitos como associados a discussões e divergências de ideias com intuito de chegar-se a um consenso benéfico à sociedade, e à vida da humanidade como um todo.
Crianças de seis e sete anos e o uso da internet no ambiente escolar: estudo de caso em escola pública de Sobradinho (DF)	Para melhor compreender as crianças da atualidade, é preciso levar em consideração as gerações digitais. P. 17 Nem todas as crianças do mundo estão conectadas e nem todas têm condições para viver essa realidade. P.18
Inovações em marketing: ações sensoriais no varejo de moda infantil	Embora voltadas aos interesses comerciais de promoção de bens e serviços para clientes e consumidores, as ações aplicadas de conhecimento do público-alvo infantil configuram uma fonte de dados de alguns aspectos de seu perfil.
Avaliação e análise do design thinking aplicado à criação de brinquedos	Tentativa de inovação para adaptar os brinquedos tradicionais ao desenvolvimento tecnológico mantendo-os atrativos, lúdicos e com estímulo à educação, atendendo a demanda das crianças das novas gerações.
A criança e os riscos do mundo virtual	Apresenta os principais tipos de crime que podem ocorrer no mundo virtual e os riscos aos quais as crianças possivelmente estão expostas com base no perfil de acesso fornecido por elas neste contexto de aumento da disponibilidade e uso da internet.
Empregabilidade após os 40 anos	Indicar algumas das diferenças que serão encontradas no mercado de trabalho devido ao avanço tecnológico. A empregabilidade relacionada a capacidade de se adequar as novas tecnologias, estar preparado para oportunidades, se adequar a novos requisitos, desenvolver o potencial criativo e manter a empregabilidade.

Continuação do Quadro 2

Pesquisa	Contribuição
Os gêneros digitais e sua relevância na sala de aula de língua portuguesa	Destacar a necessidade de aceitação tecnológica por parte da escola e uma mudança por parte dos educadores para compreender melhor as características pertencentes aos nativos digitais alunos para a melhoria da qualidade educacional.
Educando a geração digital: uma análise sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação no processo educativo a partir da relação tecnologia e metodologia	Incentivar à reflexão sobre a utilização de tecnologias da informação e comunicação no processo educativo atual e como essas ferramentas podem auxiliar de forma positiva no processo de ensino e aprendizagem.
As diferenças intergeracionais na conciliação trabalho família: um estudo qualitativo	Ressalta o interesse dos profissionais no mercado de trabalho em conciliar a dimensão familiar e profissional, focando na qualidade de vida.
Dependência mobile: a relação da nova geração com os gadgets móveis digitais	Verificou que os mais jovens entendem o mundo a partir do virtual e entendem a si mesmo a partir de suas representações na rede.
Tecnologias digitais da informação e comunicação na formação de professores de língua espanhola	Apresentou as funcionalidades que as redes sociais possuem que permitem uma aprendizagem construtiva, colaborativa e autônoma e mostrar que nos dias atuais as tecnologias digitais fazem parte do ambiente escolar independentemente.
Como a geração digital consome jornalismo	Evidencia a influência da internet no consumo de informação das novas gerações que, ao mesmo tempo, produz e acessa conteúdo.
Consumo no ciberespaço: a explosão de aplicativos de dispositivos móveis que ajudam a controlar a vida na palma da mão	No mercado de consumo tecnológico atual, máquinas e programas configuram-se como mercadorias, assim como as pessoas tornam-se produtos, ao propagar suas subjetividades na internet.
Competências digitais: o professor como gateway de novos pesquisadores	A necessidade da sociedade do conhecimento de um novo perfil de educador e que, para tal, o sistema de ensino brasileiro deve fornecer condições de capacitação permanente aos docentes, notadamente em relação a atualização no uso das tecnologias digitais na Educação, bem como dotar as escolas de infraestrutura básica para que os mesmos possam trazer as tecnologias para a sala de aula.
Trabalhadores da geração Y: um comportamento diferente?	Possibilitar às empresas conhecer melhor o perfil dos profissionais e, assim, rever ou adaptar seus métodos de trabalho, de relacionamento, planos de carreira e outros para seu melhor aproveitamento e desempenho.
Redes sociais digitais na aquisição de língua estrangeira: relatos com estudantes do ensino médio e ensino superior	Incentivar o uso de redes sociais digitais como auxílio educacional para diminuir a distância entre o professor e o aluno contemporâneo.
Como gerir a geração Y	Salientar que cada geração exerce uma contribuição no mercado de trabalho, apontar algumas das transições nas posturas e a possibilidade de aproveitamento das competências de cada em equipes multigeracionais.
Estudo sobre as possíveis causas da rotatividade nos centros de serviços compartilhados brasileiros	O levantamento do perfil do profissional, embora focado na geração Y, auxilia a identificação de fatores de transformação na atuação dos trabalhadores no mercado atual e possibilita realizar projeções do que os integrantes da geração Alpha encontrarão no futuro.

Continuação do Quadro 2

Pesquisa	Contribuição
Percepções sobre conflitos entre gerações no ambiente de trabalho: uma breve análise sobre os Baby Boomers e gerações subsequentes	Mostrou que as visões e valores sobre alguns temas sofrem as influências do seu tempo e são, portanto, passíveis de divergentes perspectivas, sobretudo, em relação ao comportamento e às atitudes e que as gerações acumulam saberes que influenciam as escolhas das gerações seguintes.
O uso das redes sociais como ferramenta de inclusão na educação	Reconhecer as redes sociais como parte da rotina das pessoas e influenciadora de inclusão, produção, criação, leitura e compartilhamento de conteúdos. Além de uma ferramenta de interação e inclusão importante para gerar motivação para aprendizagem, contextualizar e atribuir significado ao conhecimento, auxiliando no processo de ensino e aprendizagem.
Geração Alpha: um estudo de caso no núcleo de educação infantil da UFRN	Gerar informações desta geração apontando características e interesses, que propiciam um melhor entendimento de suas necessidades e desejos e, auxilia na redução do conflito de gerações.
Now can we stop talking about my body? Discurso publicitário e o processo de (re) construção identitária da boneca Barbie	Demonstrar que as mudanças históricas, sociais e culturais são absorvidas e transmitidas por diversos meios e, até mesmo, ao universo infantil.
O perfil geracional dos alunos de hoje: repto à emergência de novas teorias educativas	O conhecimento dos principais traços das gerações mais recentes conduz a uma resposta possível para os problemas decorrentes da massificação do ensino e à busca de teorias educativas que permitam ir ao encontro dos perfis e dos estilos de aprendizagem genéricos dos alunos da atualidade.

Fonte: elaborado pela autora.

Os resultados das pesquisas selecionadas não foram apresentados ou analisados por estarem de acordo com objetivos que não se referem a investigação da geração Alpha e de seus aspectos, não sendo significativos para os propósitos desse estudo.

Após a revisão da literatura acerca do tema geração Alpha nos últimos cinco anos e análise da maneira como vem sendo pesquisado, bem como, os principais conceitos associados, verificou-se que as pesquisas demonstram que diversos aspectos a respeito do assunto despertam interesse no meio acadêmico e possuem relevância em diversas áreas de conhecimento, entretanto apenas uma pequena parcela se propõe efetivamente a investigá-lo.

O contexto tecnológico e de avanços sociais no qual estão inseridas, a influência da internet e mídias digitais e a participação e uso de redes sociais têm sido abordados e analisados, visando a aplicação em salas de aula, na área comercial, no mundo corporativo e outras áreas. Entretanto, o objeto de estudo não é a criança. Seu modo de ser, agir, pensar, visão de mundo, suas mudanças ou bem-estar não estão em foco. Os objetivos estão em suas reações e não em suas relações, em seu entorno

e nos resultados de seu modo de estar no mundo ao invés do sujeito e sua subjetividade.

Diante dos elementos apresentados, foi possível verificar como lacuna, a escassez de produções no cenário científico e o pouco conhecimento dos aspectos que caracterizam as crianças contemporâneas, apontando a necessidade de se ampliar as pesquisas com o objetivo primordial de trazê-los à tona. Além da reduzida quantidade de publicações, verifica-se ainda que as discussões contempladas abrangem algumas características atribuídas a geração Alpha, repercussões sofridas e outros fenômenos atrelados, porém não se aprofundam no estudo de seus membros.

Dessa forma, justifica-se a realização de estudos mais focados em explorar as percepções sobre os comportamentos e características das crianças da geração Alpha e promover conhecimento a seu respeito para ampliar os significados e interpretações construídos sobre elas, suscitando um novo olhar e posturas de compreensão e respeito a seus muitos modos de ser possíveis.

6. Metodologia

6.1 Tipo de pesquisa

Esta pesquisa é do tipo exploratória-descritiva e foi desenvolvida com método misto quantitativo e qualitativo. A pesquisa exploratória propicia um panorama do fenômeno estudado, abrangendo assuntos pouco abordados e permite “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias” (GIL, 2008, p.27). O uso dessa metodologia possibilitou uma elucidação do tema, por meio do levantamento bibliográfico, que realçou pontos importantes sobre o desenvolvimento do conceito de infância e a visão da criança ao longo do tempo, a teoria geracional que respalda a indicação das crianças nascidas a partir de 2010 como sendo uma nova geração, as características e influências exercidas pela pós-modernidade, as mudanças na família e nos relacionamentos entre pais e filhos e o que as pesquisas têm estudado sobre a geração Alpha. Por estarem melhor delineados os aportes pelos estudos preliminares, foram estruturados os instrumentos de pesquisa que aprofundaram as informações sobre as experiências e forneceram maior compreensão sobre o tema.

Conforme descreve Gil (2008, p.28), sobre a função de “descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”, a natureza de detalhamento adotada colaborou para levantar concepções e motivar um novo olhar para a questão estudada. Esse tipo de pesquisa caracteriza-se pelo uso padronizado de coleta de dados que foram registrados, analisados e correlacionados como se apresentaram. Foram verificadas as relações significativas entre as variáveis e identificada a frequência da ocorrência dos fenômenos, bem como, sua relação com outros e suas características (*ibid.*, 2008).

O método quantitativo apontou numericamente a frequência e intensidade dos dados coletados, por tratamento estatístico que garantiu a confiabilidade e, o método qualitativo que ampliou a compreensão das informações levantadas e aprofundou os conhecimentos ao lhe conferir sentido e significado (MINAYO, 2002). Aliados, os métodos viabilizaram correlacionar os resultados e obter maior confiabilidade.

A estratégia de investigação simultânea foi aplicada empregando uma exploração geral, visando verificar a amplitude na qual se torna comum a percepção dos pais sobre as características e comportamentos das crianças nascidas a partir de 2010, e um levantamento apreciativo das informações, esperando que despertassem maior entendimento dos problemas de pesquisa. Embora tenha sido dada ênfase a esse último aspecto, houve a integração dos dados no estágio de interpretação. Optou-se pela estratégia de pesquisa de triangulação concomitante por permitir atestar e validar de forma interligada os resultados com apenas um estudo (CRESWELL, 2007).

6.2 Participantes

A amostra desta pesquisa compôs-se por 114 participantes, confirmados após a aplicação dos critérios de exclusão entre os 151 selecionados por conveniência que responderam ao questionário disponibilizado em meio eletrônico.

Ao que se refere aos respondentes do questionário, 89,5% eram mães e 10,5% pais; 87,7% deles legalmente casados e 12,3% amasiados ou em união estável; 67,5% com idade entre 20 e 39 anos e 32,5% entre 40 e 59 anos.

Quanto à escolaridade 43% é pós graduado, 40,4% possuem curso superior, 14% ensino médio e 2,6% ensino fundamental. A renda familiar mensal de 5,3% era de até 2 salários mínimos, de 16,7% de 2 a 4 salários mínimos, 38,5% de 4 a 10 salários mínimos, 27,2% de 10 a 12 salários mínimos e 12,3% de mais de 20 salários mínimos.

Também fizeram parte deste estudo, na etapa de entrevistas, 08 famílias, moradoras da cidade de Guarulhos, com casais em união civil, entre 30 e 50 anos de idade, pais e a mães de crianças variando de 2 a 9 anos, conforme apresentado na Tabela 1 a seguir. Os casais foram selecionados não aleatoriamente, pela técnica bola de neve, que é uma forma de amostra não probabilística em que os pesquisados indicam novos participantes, que também indicam outros e assim sucessivamente (VINUTO, 2014). Entretanto, apesar da intenção de proporcionar uma amostra diversificada e a mais representativa possível, coincidentemente o perfil das famílias que compuseram a pesquisa ficou ligeiramente aproximado.

Tabela 1 – Famílias participantes das entrevistas

Família	Sigla	Mãe		Sigla	Pai		Filhos	
		Idade	Profissão		Idade	Profissão	Criança	Idade
F1	M1	42	Executiva	P1	39	Administrador de empresas	C1	9
F2	M2	46	Psicóloga	P2	49	Funcionário público	C2 C2.2 C2.3	4 9 16
F3	M3 Outra união Outra união	49	Administradora	P3	50	Advogado	C3	9
							Primeiro casamento	
F4	M4	37	Pedagoga	P4	36	Área de tecnologia	C4	9
F5	M5	40	Dona de casa	P5	44	Estoquista	C5 C5.2	4 8
F6	M6	40	Enfermeira	P6	40	Biólogo	C6 C6.2	9 14
F7	M7	37	Professora	P7	38	Porteiro	C7 C7.2	8 14
F8	M8	30	Dona de casa	P8	37	Carregador	C8	2

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020).

No intuito de assegurar a confidencialidade e privacidade e evitar prejuízos aos participantes, conforme determinado pelas Resoluções nº 466/2012 e 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), foram atribuídas letras maiúsculas seguidas de números para identificar e diferenciar as famílias e seus integrantes. A letra F

representou as famílias, a letra M representou as mães, a letra P representou os pais e a letra C representou as crianças. Nas famílias com mais de um filho, foi adicionado um nível à numeração, crescente do filho mais novo para o mais velho.

No contato com os casais foi possível observar alguns elementos do contexto familiar que auxiliaram na composição de sua representação:

Família 1 – A entrevista foi realizada na casa da F1 composta pela mãe, M1, 42 anos, executiva de empresa multinacional, o pai, P1, 39 anos, administrador de empresas e a filha C1 de 09 anos. No dia da entrevista a criança tinha ido para o acampamento da igreja e não estava em casa. Durante a entrevista o casal conversou bastante entre si, compartilhou ideias e, em alguns momentos, parecia se surpreender com parte das memórias e opiniões compartilhadas como se a estivessem conhecendo naquele momento. Eles demonstraram haver diálogo a respeito da educação que dedicam a filha, dividindo os cuidados. Entretanto, o pai revelou estabelecer algumas distinções de atuação por gênero, deixando para a esposa determinados assuntos em relação à filha que remetem à sexualidade, por exemplo, por considerar ser mais oportuno que sejam abordados por uma mulher. Relataram adotar uma educação dialógica com a filha em que os limites são comunicados e, algumas vezes, renegociados. A relação entre a mãe e a filha é de bastante proximidade e troca e, com o pai é um pouco mais comedida, apesar de afetuosa, pois ele busca transmitir uma imagem de seriedade e sobriedade, embora afirme ser aquele que mais cede em relação a ela.

Família 2 – Fazem parte da F2 a mãe, M2, 46 anos, psicóloga, o pai, P2, 49 anos, funcionário público e os filhos C2 de 4 anos, C2.2 de 9 anos e C2.3 de 16 anos. A entrevista foi realizada na casa da família em um dia em que todos estavam presentes. Enquanto os pais receberam a pesquisadora, os filhos mais velhos permaneceram em seus quartos realizando outras atividades e, o mais novo brincou e assistiu desenhos na sala, surgindo, uma vez ou outra. Ele vinha e observava, mas não interrompeu e conseguiu se entreter sozinho por aproximadamente 2 horas. Ele tentou servir-se e foi auxiliado pela mãe e depois pelo pai, alternadamente. Ao final da entrevista todos se reuniram e conversaram com a pesquisadora mostrando suas atividades ou falando sobre si. O casal demonstrou carinho ao falar um com o outro e uma construção conjunta da prática educativa, buscando equilíbrio entre seus temperamentos diferentes e os dos filhos. O pai revelou ter perdido a própria mãe na infância que, por isso, foi difícil e pouco afetiva, sendo mais preocupado em preparar

os filhos para a dureza da vida e menos carinhoso fisicamente. A mãe veio de uma família aglutinada e empenha-se em manter referências de união e afeto. Ela mencionou adotar práticas um pouco diferentes e relevar mais coisas na educação do filho caçula devido ao que aprendeu na criação dos outros dois filhos e, também, em função da quantidade de atividades que tem agora.

Família 3 – Fazem parte da F3 a mãe, M3, 49 anos, administradora de empresas, o pai, P3, 51 anos, advogado, o filho do casal C3, de 09 anos e os filhos de M3 de relacionamentos anteriores, C3.2, 21 anos, estudante e C3.3, 26 anos, estudante e o filho de C3.4 do primeiro casamento, P3, 28 anos, que está temporariamente morando com a família. O casal optou por comparecer ao consultório para a realização da entrevista enquanto o filho estava em uma de suas atividades extracurriculares. A esposa solicitou que o marido tomasse cuidado com o que ia dizer, uma vez que, a entrevista seria gravada e ao longo da conversa ele a interrompeu para corrigi-la, acreditando que ela estava se desviando do assunto. Eles discordaram algumas vezes ao longo da conversa e consideraram ter atitudes e posturas educativas distintas com o filho. Acreditam que o filho percebe como os pais agem e se comporta de forma diferente com cada um deles. O pai é mais austero, estabelece regras e transmite valores de hombridade, enquanto a mãe é mais permissiva, deixa mais à vontade, dá mais liberdade e preocupa-se menos. Os cuidados com o filho são divididos e o pai, algumas vezes, fica vários dias sozinho com o filho enquanto a mãe viaja a trabalho. Embora os outros filhos, de relacionamentos anteriores, sejam adultos e morem com eles, os afazeres e responsabilidades com o caçula é assumida, quase que exclusivamente, pelos pais.

Família 4 – A entrevista da F4 foi realizada na residência onde vivem a M4, 37 anos, pedagoga, o P4, 36 anos, profissional da área de tecnologia e o filho C4 de 09 anos. A criança permaneceu no quarto a maior parte do tempo do encontro, vindo até nós em alguns momentos e participando da conversa. Inicialmente foi incluído pela mãe e, depois, respondeu perguntas sobre ele feitas aos seus pais e interagiu com desinibição e desenvoltura. Foi até a cozinha e preparou com independência o próprio lanche. A mãe somente observou e foi auxiliá-lo apenas em determinado momento, quando ele não encontrou o que precisava. O casal demonstrou tentar alinhar sua maneira de educar, incluindo o pensamento de cada um, mesmo quando eles são divergentes, cedendo quando é oportuno. A mãe declarou que procura equilibrar o

modelo que conhece, as práticas atuais e o modo de ser do filho, enquanto o pai tenta prezar pela educação que recebeu e o que considera ter funcionado com ele. A mãe revelou se questionar se está educando adequadamente e fez algumas perguntas sobre o assunto para a pesquisadora, informando ter interesse pelo resultado da pesquisa. O pai mencionou preocupar-se, em alguns momentos, com a quantidade de trabalho e compromissos que possui em contraposição ao tempo que dedica ao filho. O casal demonstrou uma relação dialógica, afetuosa e inclusiva com o filho.

Família 5 – A F5 é composta pela mãe, M5, 40 anos, dona de casa, o pai, P5, 44 anos, estoquista e os filhos C5 de 04 anos e C5.2 de 08 anos. A entrevista foi realizada na casa da família. Enquanto conversávamos o C5.2 ficou no celular vendo vídeos no *youtube* e a C5 alternou entre assistir vídeos no celular e brincar pular no sofá e escalar as paredes. Durante o contato ela demonstrou ser uma criança bem ativa e, com a mãe, ser questionadora e tentar convencê-la a fazer as coisas como ela deseja. Ao conversar com a pesquisadora ela foi comunicativa, desinibida e articulada. O casal revelou que devido ao temperamento dela, por ser uma menina e ser a filha caçula, em alguns momentos ela acaba sendo protegida ou tendo privilégios em relação ao irmão. Eles informaram conversar sobre a educação dos filhos e concordarem quanto a postura que adotam. A filha não foi planejada e a gravidez causou um pouco de surpresa ao casal que se preocupou com a condição financeira para educar os dois filhos. Eles relataram se empenhar em passar tempo com as crianças e priorizarem esse contato a outras necessidades familiares. Inclusive, sendo esse um dos principais motivos pelo qual a M5 deixou seu emprego. Embora, o casal more no mesmo terreno da família da M5 e, contar com o apoio de sua mãe quando necessário, eles preferem cuidar eles mesmos, o máximo possível, das responsabilidades com os filhos.

Família 6 – A F6 é composta pela mãe, M6, 40 anos, enfermeira, o pai, P6, 40 anos, biólogo, os filhos C6 de 9 anos e C6.2 de 14 anos. O casal foi entrevistado em sua residência enquanto os filhos brincavam na rua com os amigos. Devido à profissão da mãe e o horário de trabalho mais flexível do pai, é ele quem passa a maior parte do tempo com os filhos e lhes presta os principais cuidados. Ele forneceu a maior parte das informações e procurou completar o que a esposa relatou, interrompendo-a em alguns momentos. Manifestou orgulho pelo conhecimento que tem dos filhos e um sentimento de estar sendo reconhecido e valorizado pela oportunidade de falar sobre

eles, que a ocasião proporcionou. A esposa deixou que o marido respondesse, sem opor-se e observou enquanto ele falava. Em determinados instantes ela se ausentou, tomando algumas medidas para promover conforto ao ambiente enquanto conversávamos. Por morarem em um condomínio fechado os filhos usufruem de bastante liberdade para brincar ao ar livre e ir e vir da residência dos amigos, não permanecendo muito tempo em casa. Segundo os pais, os filhos são incentivados a ter autonomia sendo incluídos nas atividades domésticas e quando permanecem uma pequena parte do dia sozinhos casa, entre o horário que chegam da escola e o retorno do pai do trabalho.

Família 7 – A entrevista da F7 foi realizada no consultório com a mãe, M7, 37 anos, professora e o pai, P7, 38 anos, porteiro. Eles têm dois filhos: o P7 de 8 anos e P7.2 de 14 anos. A mãe ficou levemente receosa quanto as suas colocações, por acreditar que o fato de ser professora e ter certo conhecimento lhe traz a responsabilidade de acertar. O marido declarou também acreditar que ela sabe mais sobre os filhos e percebe coisas que ele não percebe, por ser professora. Ele trabalha em mais de uma atividade e passa mais tempo fora de casa do que a esposa. O casal iniciou seu relacionamento na adolescência e está junto a bastante tempo, por isso construíram o juntos seus valores, pensamentos e modo de educar. Eles relataram que vão transmitindo aos filhos seus princípios e estabelecendo as regras por meio das situações do dia a dia e do seu próprio comportamento, conversando bastante, explicando e deixando bem claro a maneira como as coisas devem ser e o que esperam. Após a entrevista revelaram interesse em saber mais sobre o assunto, fizeram perguntas e trocaram ideias sobre educar filhos. A mãe perguntou a pesquisadora como é ser mãe e psicóloga, tentando compreender se traz o mesmo conflito que ela sente sendo mãe e professora. Revelou que ter conhecimento sobre o desenvolvimento infantil causa preocupação, faz com que tome alguns cuidados e tenha atitudes baseadas no que sabe sobre o assunto e não em como os filhos são ou nas situações que vivenciam. Solicitou orientação para aliviar a preocupação que transpareceu inicialmente.

Família 8 – Compareceu ao consultório para entrevista da F8 a mãe, M8, 33 anos, dona de casa, o pai, P8, 37 anos, carregador e a filha C8 de 02 anos. A criança permaneceu brincando e realizando atividades durante o processo, interrompeu poucas vezes solicitando atenção ou mostrando algo que gostou. Interagiu com a

pesquisadora com desembaraço, mostrou todas as cores que sabe em português e inglês, contou as peças com que brincava e utilizou os brinquedos de formas diferentes do usual e bem criativas. Pediu a atenção e participação do pai em uma parte de sua brincadeira e ao final guardou prontamente todos os brinquedos demonstrando estar acostumada a isso. Os pais revelaram que se sentem surpresos com a agilidade e facilidade com que a filha aprende e os conhecimentos que ela apresenta. Eles informaram que costumam ir tomando as atitudes e decidindo as práticas educativas à medida que as necessidades vão aparecendo. A esposa apresentou uma postura comunicativa, determinada e ativa e falou sobre dificuldades de relacionamento que ela e o cônjuge estavam passando com suas famílias de origem. O marido manteve um comportamento pacífico, reflexivo e apaziguador, apoiando a esposa e concordando com suas colocações. O casal demonstrou estar bastante preocupado devido a essa questão e falou sobre isso durante uma parte da entrevista. A mãe relatou estabelecer mais regras e limites para C8, enquanto o pai assume uma posição mais amistosa e que ambos priorizam o relacionamento da família nuclear em detrimento ao da família extensa.

No delineamento, a pesquisa previu a realização de entrevistas com 10 casais, entretanto a amostra não foi ampliada por ter sido atingida a saturação teórica em 08 casais (CRESWELL, 2007). Tendo sido baseada nos significados e não no critério numérico, conforme orienta Minayo (2002), e os dados obtidos passarem a apresentar uma certa redundância, não foi considerado relevante, na avaliação da pesquisadora, persistir na coleta. Reunir mais informações pouco acrescentaria ao material já obtido, visto que não alterariam significativamente a compreensão do fenômeno estudado. Contribuiu também a dificuldade em obter novos participantes indicados, voluntários, com disponibilidade de tempo, sem reserva de falar sobre seus filhos e sem receio de receberem julgamentos de valor. Dentre os casais convidados a fazer parte da pesquisa e que afirmaram interesse e disponibilidade, 05 agendaram a entrevista e, posteriormente, desmarcaram e comunicaram ter desistido e, outros 06 deixaram de responder aos contatos após a confirmação inicial, exemplificando a evitação.

6.3 Critérios de inclusão

Os participantes da pesquisa foram casais heterossexuais, casados ou em união estável⁸, pais ou mães de crianças com idades entre 01 ano e 09 anos e 11 meses, do sexo feminino ou masculino, frequentando instituição de ensino, caso estivessem em idade escolar, residentes juntos com os filhos na cidade de São Paulo ou região metropolitana⁹.

A delimitação da amostra com pais e mães se deu por pertencerem a um subsistema no sistema familiar, o parental, em que desempenham importantes papéis e ocupam um lugar que provoca percepções, práticas e estruturas de inter-relação com os filhos. Devido à sua complexidade e organização, para compreender a individualidade do comportamento das partes, é essencial ponderar suas percepções sobre as relações. Lewis e Dessen (1999, *apud* GOETZ e VIEIRA, 2008) indicam que a parentalidade é uma experiência compartilhada pelos pais e suas formas frequentemente estão ligadas ao modelo de relacionamento conjugal, havendo semelhanças nos estilos de educação, maneira de cuidar e medidas adotadas. Os autores afirmam que:

[...] muitas e variadas influências sobre o comportamento de cuidado parental podem ser decorrentes, por exemplo, de mudanças associadas à rotina de uma nova escola, alterações nos compromissos de mães e pais fora de casa ou pela separação do casal. (LEWIS e DESSEN, 1999, *apud* GOETZ e VIEIRA, 2008, p. 84).

Visto que, a qualidade da relação do casal interfere no exercício da maternidade e paternidade e a interdependência dos elementos, de acordo com a Teoria Sistêmica, faz com que as mudanças influenciem os todos integrantes do sistema familiar, o estudo delimitou-se a casais com união civil ou estável, formalizada ou não, habitando no mesmo domicílio. A observação do comportamento da criança em lares diferentes e por outros responsáveis demandariam o estudo, inclusão e consideração de outras variáveis.

⁸ Relação entre duas pessoas que se caracteriza como uma convivência pública, contínua e duradoura e que tem o objetivo de constituição familiar, sem prazo mínimo de duração e necessidade de residir na mesma habitação (Lei 9278/96).

⁹ Arujá, Barueri, Biritiba Mirim, Caieiras, Cajamar, Carapicuíba, Cotia, Diadema, Embú, Embú-Guaçu, Ferraz de Vasconcelos, Francisco Morato, Franco da Rocha, Guararema, Guarulhos, Itapeverica da Serra, Itapeví, Itaquaquecetuba, Jandira, Jquitiba, Mairiporã, Mauá, Mogi das Cruzes, Osasco, Pirapora do Bom Jesus, Poá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra, Salesópolis, Santa Isabel, Santana de Parnaíba, Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano, São Lourenço da Serra, São Paulo, Suzano, Taboão da Serra e Vargem Grande.

Foi circunscrito como local de residência a cidade de São Paulo e região metropolitana visando manter o recorte de inserção em um contexto de similaridade cultural, social e político de produção de sentido, uma vez que ele atua na construção da subjetividade (SALLES, 2005).

A escolha pela idade das crianças justifica-se por condizer com a faixa etária dos pertencentes a geração Alpha, que segundo os estudos de alguns autores que se apoiam na Teoria das Gerações são os nascidos a partir do ano de 2010 (FURIA, 2013; MCCRINDLE, 2014).

6.4 Critérios de exclusão

Foram desconsiderados na pesquisa os participantes que se auto denominaram no questionário com graus de parentesco com a criança diferentes de pai ou mãe, com estado civil separado, divorciado, viúvo e solteiro e não residentes na cidade de São Paulo ou região metropolitana, representando 24,5% do total da amostra.

6.5 Instrumentos

Foram adotados como instrumentos para coleta de dados um questionário e uma entrevista, compostos por questões elaboradas alinhadas aos conceitos e fundamentos presentes no referencial teórico e aos objetivos deste estudo. O primeiro recurso visou o levantamento de informações condensadas e, o segundo, o emergir das descrições e compreensões dos participantes sobre o assunto. Um pré-teste foi aplicado para verificar se os termos, as questões e as instruções estavam claras, adequados e de fácil compreensão, para realizar os ajustes necessários aos instrumentos propostos garantindo confiabilidade, pertinência e concordância (GIL, 2008).

O questionário (Anexo B) foi elaborado com questões fechadas e linguagem acessível, em formato eletrônico, por meio da plataforma digital de formulários do

*Google Drive*¹⁰, local em que ficou arquivado e foi disponibilizado com instruções sobre o preenchimento e sobre a pesquisa. As 09 primeiras perguntas foram voltadas ao delineamento do perfil socioeconômico dos participantes e, as demais, de levantamento das características, comportamentos, hábitos e preferências apresentados pelos filhos, segundo a perspectiva dos pais. As perguntas de número 10 a 20, compostas por 6 opções cada, permitiram que fossem marcadas mais de uma alternativa que correspondesse a resposta. Elas agruparam informações que compunham categorias sobre: a vida acadêmica e aprendizagem, as demonstrações de autonomia, os equipamentos eletrônicos utilizados, os aspectos da comunicação estabelecida, a relação com autoridade e resposta a regras, os níveis de atenção e concentração, o dinamismo e vitalidade apresentados, o tipo de interação com a tecnologia, o acesso à informação e expressão do conhecimento, as maneiras de agir e reagir em determinadas situações e as manifestação de posturas e atitudes. Sua aplicação possibilitou coletar os dados de um número maior e mais diversificado de pessoas dentro dos critérios de inclusão e exclusão delimitados.

As entrevistas foram semiestruturadas, norteadas por um roteiro (Anexo C) com perguntas abertas que possibilitaram aos participantes discorrer sobre o tema em um contexto muito semelhante ao de uma conversa, focadas nos significados construídos acerca de como são e como devem ser as características da infância, os comportamentos infantis e o relacionamento entre crianças e adultos (MINAYO, 2002). Perguntas adicionais, não inicialmente previstas, foram incluídas somente para elucidar respostas e significados para que ficassem mais claros, estimular a complementariedade ou ajudar a retomar o tema proposto. As entrevistas foram realizadas, tendo a narrativa como referencial, encorajando um espaço e um processo dialógico, não direcional e que não privilegiou uma descrição em detrimento a outra, para conhecer os sentidos atribuídos e compreender o tema à luz das experiências vividas pelos participantes (GRANDESSO, 2011).

Por ser uma técnica de coleta de dados que é apropriada para obter “informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes” (GIL, 2008, p.109), seu uso permitiu o contato mais

¹⁰ Serviço do Google de criação, armazenamento, sincronização e compartilhamento de arquivos (<https://www.google.com/intl/pt-br/drive/about.html>).

próximo com aspectos da vida social das famílias participantes e a obtenção de detalhes.

6.6 Considerações éticas

A pesquisa foi desenvolvida com base nos preceitos éticos dos procedimentos, orientados pelas diretrizes e normas de pesquisa conforme disposto nas Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS, BRASIL, 2016).

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, sob o parecer consubstanciado de nº 16746819.6.0000.5482. O procedimento da pesquisa previu risco mínimo de ocorrência de dano imediato ou tardio para a integridade física, psicológica ou moral dos participantes e cuidados éticos relacionais foram adotados.

Foi garantido o direito aos participantes de desistir a qualquer momento da pesquisa, podendo retirar seu consentimento sem prejuízo, assegurado o direito ao anonimato e à confidencialidade, salvaguardando as suas identidades ao longo da pesquisa e também no âmbito da divulgação dos resultados obtidos, sendo usados nomes fictícios, para a impossibilidade de identificação, bem como, oferecido o suporte necessário caso surgissem demandas oriundas do processo.

Os dados fornecidos foram tratados de forma anônima e confidencial e os nomes substituídos de forma aleatória protegendo a privacidade das famílias em todas as fases do estudo.

6.7 Procedimento de coleta de dados

Após a aprovação pelo Comitê de Ética para Pesquisas com Seres Humanos (CAAE nº 16746819.6.0000.5482), foi dado início ao procedimento de coleta de dados quantitativos e qualitativos, por meio da utilização de dois instrumentos distintos, que, embora tenha ocorrido em um mesmo período, foram aplicados separadamente.

A divulgação da pesquisa e o convite para a participação foram realizados na rede pessoal e profissional da pesquisadora, presencialmente e nos meios de comunicação digital, sendo encaminhados pelos aplicativos de mensagens *Whatsapp* e *Messenger*, pelas redes sociais do *Facebook* e *Instagram* e pelo correio eletrônico (*e-mail*). Ambos foram compartilhados e disseminados por terceiros, indicando, sucessivamente novos participantes.

O questionário foi disponibilizado em formato digital para ser respondido *online*, por meio de um *link*¹¹, que levava a até a página do *Google Drive* na internet em que estava armazenado e deveria ser respondido, com as orientações de preenchimento e sobre a pesquisa. O formulário permaneceu acessível durante 30 dias para os participantes, selecionados por conveniência.

Para o recrutamento de casais integrantes das entrevistas, o contato inicial fornecendo maiores esclarecimentos foi estabelecido por telefone pela pesquisadora, com os indicados ou aqueles que se voluntariaram por intermédio de amigos e profissionais. Na comunicação pessoal alguns esclarecimentos quanto aos objetivos da pesquisa e como seria a entrevista foram transmitidos e, então, agendadas data, hora e local para a realização da mesma.

A intenção inicial era que as entrevistas fossem realizadas no consultório da pesquisadora para garantir um ambiente sem muitos ruídos e interferências e garantir a confidencialidade das declarações prestadas. Entretanto, nos primeiros contatos alguns casais demonstraram sentirem-se mais confortáveis e menos receosos em dar seu depoimento fora do ambiente clínico, além de ser mais restrita sua disponibilidade de dias e horários, caso tivessem que se deslocar. Deste modo, foi aberta a possibilidade de se realizar as entrevistas na casa dos próprios participantes, sendo que alguns dos casais sentiram-se mais à vontade desta forma. Assim, 05 depoimentos foram colhidos na residência dos entrevistados e 03 colhidos no consultório da pesquisadora.

O casal, pai e mãe, foi ouvido junto, em espaços que ofereceram condições de segurança, conforto e privacidade para a atividade. Antes do início, a pesquisadora conversou e criou um clima de descontração e afabilidade, apresentou-se e prestou

¹¹ Palavra inglesa que significa ligação e refere-se a um elemento, imagem, trecho ou palavra que contém o endereço de um local na internet, e conecta o usuário a outro elemento, documento ou site (<https://www.dicio.com.br/link/>).

aos participantes maiores detalhes dos dados do estudo e orientações sobre seus direitos e atribuições. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A) foi lido juntamente com o casal e, mediante sua concordância, assinado e recebida a cópia. As declarações foram gravadas em áudio, com consentimento formal concedido pelos participantes, para manter a coleta precisa das informações.

Inicialmente, os casais eram mais comedidos nas respostas e, ao longo da entrevista, ficaram mais desinibidos e expressivos. Ao término da coleta de dados todos os casais participantes demonstraram estar à vontade com o tema e a forma como o processo foi conduzido, manifestando interesse pelo assunto, desejo de saber mais sobre ele e de continuar a conversa, mesmo após a finalização de suas declarações. Em todas as entrevistas, os casais, depois de cessada a gravação, voltaram a falar e trouxeram exemplos dos filhos de outras faixas etárias, fizeram perguntas ou solicitaram algum tipo de orientação e informação, sendo necessário que partisse da pesquisadora o encerramento do encontro. Todos foram bastante prestativos e colaborativos e, além de terem sido agradecidos por sua participação, foram convidados a conhecer as considerações finais da pesquisa após sua publicação.

Embora o procedimento não caracterizasse causa de constrangimentos, poderia ser interrompido, pela manifestação do desejo ou qualquer indício de mal-estar ou desconforto dos participantes. Foi oferecido e poderá ser prestado, se necessário, atendimento de apoio aos envolvidos.

6.8 Procedimento de análise dos dados

Partindo da proposta da realização de um processo dinâmico de pesquisa, com método um misto e levantamento paralelo de dados, a análise dos conteúdos emergentes seguiram o mesmo modelo dando ênfase aos resultados qualitativos.

Na análise quantitativa, foi realizada a estatística descritiva com a frequência e porcentagem das variáveis observadas e verificada a média e desvio padrão, assim como o intervalo de confiança de 95% das variáveis contínuas. Em seguida, foi realizada a estatística inferencial onde foram analisadas as correlações e associações estatisticamente significativas entre as variáveis.

No caso das variáveis contínuas, o teste de Shapiro-Wilk verificou o tipo de distribuição dos dados com o objetivo de selecionar o método estatístico mais apropriado: testes paramétricos, para distribuição normal, ou testes não paramétricos, para distribuição não normal.

Tabela 2 – Teste de normalidade das variáveis contínuas

Variáveis	Teste de normalidade (Shapiro-Wilk)		
	Estatística	df	p-valor
Autonomia	0,882	114	<0,001
Equipamentos eletrônicos	0,935	114	<0,001
Comunicação	0,898	114	<0,001
Dinamismo e vitalidade	0,931	114	<0,001
Tecnologia	0,912	114	<0,001
Conhecimento e informação	0,918	114	<0,001

df: graus de liberdade

Interpretação: p-valor $\geq 0,05$: não há aderência desta variável à distribuição normal. Portanto, serão utilizados métodos não-paramétricos para a análise estatística dessa variável. p-valor $< 0,05$: há aderência desta variável à distribuição normal. Portanto, serão utilizados métodos paramétricos para a análise estatística dessa variável.

Fonte: elaborada pela autora.

As variáveis contínuas foram obtidas por meio da soma das questões selecionadas (1 ponto por questão selecionada) das categorias: autonomia, comunicação, dinamismo e vitalidade, tecnologia e conhecimento e informação, demonstrando maior índice daquele fenômeno em função da pontuação que variou de 0 a 5 pontos. No caso específico dos equipamentos eletrônicos, foi considerado 2 pontos para cada afirmação selecionada, 0 ponto para a opção "Nenhuma das anteriores" e do score total foi subtraído 1 ponto quando a afirmação "Ele(a) não tem um aparelho próprio, mas utiliza o item assinalado pertencente aos pais" estava selecionada. Neste caso, a pontuação variou de 0 a 9 pontos. O nível de significância estatística adotado neste estudo foi de 0,05.

Os comportamentos, características, atitudes, hábitos e preferências investigados, reconhecidos como presentes, foram analisados de acordo com os critérios atribuídos às categorias construídas, conforme descrito a seguir.

A autonomia foi definida por atitudes apresentadas que denotam a capacidade de agir e tomar decisões por si mesmo, em um processo dinâmico guiado pelos pais e apropriado à etapa de desenvolvimento referente a faixa etária das crianças estudadas e, incluiu, ainda, a capacidade de cooperação mediante a participação na

tarefa de guardar brinquedos e pertences. Reichert e Wagner (2007), com base em seus estudos, afirmam que seu desenvolvimento é gradativo e sustentado por:

[...] variáveis internas, tais como autoestima, percepção do ambiente, relações com autoridade e desejo para a independência, assim como sofre influência de variáveis externas: estrutura familiar, comunicação familiar, presença ou ausência de controle e o ambiente emocional que envolve o indivíduo. (REICHERT; WAGNER, 2007, p. 408).

Os pais incentivam nos filhos aspectos da habilidade de comunicação, de escolha, a independência e a confiança em si mesmo e nos outros, por intermédio do tipo de relação que estabelecem com eles, e observando-a é possível reconhecer seu potencial (SALLES, 2005; REICHERT; WAGNER, 2007).

Na categoria comunicação, observou-se na transmissão das informações pela criança, alguns dos aspectos descritos por Portugal e Alberto (2013) como indicativos da capacidade de gestão comunicacional e presentes nas dimensões que envolvem a comunicação familiar: expressão compreensível e coesa, receptividade e aceitação para se comunicar, entendimento do que está sendo dito e capacidade de argumentação e de trocar de ideias. E, ainda, a extensão e emprego do vocabulário (PAIVA; COSTA, 2015).

Os processos de relação com autoridade e regras envolveram a disponibilidade das crianças para aceitar e realizar solicitações, seguir orientações e cumprir regras, o tempo de atendimento às ordens, o respeito as restrições, o questionamento dos motivos, a adaptação e seletividade no cumprimento e a disposição para acatar as formas de reparação (BUENO *et al.*, 2010; BRITO *et al.*, 2013). Levou-se em consideração o embasamento utilizado pelos pais para estabelecer as normas, a forma de transmissão, a abrangência e necessidade dos limites e consequências ou penalidade propostas (RODRIGUES, 2018).

A atenção e concentração abrangeu como se manifesta no cotidiano da criança a manutenção da atenção. Tanto a atenção dividida, caracterizada pela habilidade de realizar mais de uma atividade ao mesmo tempo, quanto a atenção sustentada, que se refere à capacidade de permanecer atento a alguma coisa, sem interromper, pelo período que for preciso (MIRANDA *et al.*, 2015; FANTIN, 2016). Ponderou-se que a qualidade da atenção oscila quando se realiza atividades consideradas monótonas, pouco motivadoras e por um tempo muito longo e que a atenção e concentração são

diferentes em cada fase do desenvolvimento infantil e dependem do nível atingido (TANAKA, 2008).

A manifestação de disposição física, dinamismo e vitalidade foi nomeada como dinamismo e vitalidade e abordou a prática de atividades estimulantes e movimentadas, a avidez pelo preenchimento do tempo, tolerância e reação em momentos de espera ou que não apresentam novidades, preenchimento do tempo com a realização de várias atividades simultaneamente e reação frente a situações gratificantes e de recebimento de recompensas (SILVA; BOECHAT; SOUZA, 2019).

Na categoria sobre conhecimento e informação foram destacados o modo como a criança assimila e elabora o conhecimento para construir sua inteligência, os recursos disponíveis que ela possui para a produção de conhecimento, as estratégias de ação utilizadas por ela para desenvolvê-lo, como ela compreende as experiências, instruções e dados que recebe, organiza e desenvolve e como ela demonstra ou aplica os conhecimentos produzidos em sua interação com outras pessoas, o grupo social no qual está inserida e com o mundo. O conhecimento foi empregado como uma construção contínua que ocorre no contato com o meio físico e social e depende da experiência relacional, pois surge primeiro na interação com o grupo, para depois ser interiorizado e transformado pela criança por meio de seu relacionamento com as pessoas e o meio (MORIN, 2011). A aprendizagem requer que se esteja inserido em um grupo social, pois é a troca com o meio, a cultura, a linguagem, entre outros aspectos, que faz com que a criança amplie ou modifique as informações e adquira conhecimento (HILLESHEIM; GUARESCHI, 2007).

A categoria tecnologia abrange a interação das crianças com equipamentos eletrônicos e com o acesso à internet, a aprendizagem de seu funcionamento e transmissão do conhecimento que adquirem, as habilidades que desenvolvem, os resultados que promovem, quais são as aplicabilidades que dão a eles e em que áreas eles servem como ferramenta: fornecendo acesso aos conteúdos escolares e às informações sobre o mundo, como instrumento de aprendizado, meio de diversão e entretenimento e facilitando a socialização. Compreende-se que as crianças ao nascerem cercadas por tecnologia e conviverem constantemente com a internet, computadores, celulares, videogame e redes sociais tornam-se familiarizadas com ela, a consideram inerente e adquirem naturalmente habilidade em operá-la, não

havendo ênfase nos aspectos positivos ou negativos do convívio (TOLEDO, 2012; FANTIN, 2016; OLIVEIRA, 2016; SANTOS; SIMÕES; GONÇALVES, 2017).

Os dados qualitativos dos depoimentos dos pais nas entrevistas foram examinados pela análise de conteúdo temática sistematizada por Bardin (1979, *apud* MINAYO, 2002), por possibilitar a elaboração de inferências do conteúdo da comunicação de um texto, replicáveis ao seu contexto social. Essa técnica foi aplicada e foram realizadas as etapas de pré-análise, de exploração do material ou codificação e, ainda, de tratamento dos resultados. Iniciou-se pela transcrição das entrevistas e leitura do material, entrando em contato com o conteúdo dos relatos e identificando questões subtendidas. Os núcleos de sentido significativos comuns encontrados que se repetiam nas afirmações, sejam representados por meio de uma palavra, frase ou resumo, foram categorizados em unidades de contexto temáticas.

Os temas mais gerais e abstratos, foram criados na fase exploratória com base na literatura revisada e nos objetivos da pesquisa e as categorias temáticas e subcategorias, mais específicas e concretas, foram formuladas no curso da própria análise como um todo e também no conteúdo das entrevistas.

Os conteúdos mais amplos delimitados, crianças, infância e educar filhos abrangidos pela pesquisa, emergiram em três categorias temáticas, mais distintas: características, influências e conceitos e derivaram subcategorias: filhos, pais, outras crianças e outros pais.

O conceito não se refere a uma definição dos participantes de criança, infância e educar filhos, absoluta, que explicam ou descrevem com clareza e exatidão o que, de fato, são e aponta precisamente o real. Representou os significados construídos por eles segundo suas vivências, compreensão e subjetividade e como qualificam e avaliam cada um desses aspectos, baseados em seu julgamento e sua opinião sobre as características e influências que lhes atribuíram.

Na categoria influências, foram ressaltados os elementos que os pais, a partir de sua percepção, consideram causar efeitos sobre as características, a forma de apreender, de pensar e de agir das crianças, os aspectos que, em seu ponto de vista, configuram a infância, as práticas adotadas na educação dos filhos e o tipo de relacionamento estabelecido com eles, bem como, as concepções de todos os temas abordados.

Quadro 3 – Temas, categorias, subcategorias e conceitos da análise de conteúdo

Tema	Categoria	Subcategoria	Conceito
Crianças	Características	Filhos	Características e comportamentos que os pais identificam em seus filhos
		Pais	Características e comportamentos que os pais afirmam ter quando eram crianças
		Outras crianças	Características e comportamentos que os pais atribuem a outras crianças além do seu filho
	Influências		Quais elementos os pais consideram exercer influência nas características e comportamentos das crianças hoje
	Conceito		Que definição os pais atribuem a ser criança hoje
Infância	Características	Filhos	Características que os pais verificam na infância de seus filhos
		Pais	Características que os participantes relatam que marcaram sua infância
	Influências		Quais elementos os pais consideram que influenciam na infância hoje
	Conceito		Como os participantes definem a infância de hoje
Educar filhos	Características adotadas e recebidas	Filhos	As práticas educativas e traços do relacionamento que os participantes afirmam adotar com seus filhos
		Pais	Como foi a educação e o relacionamento que os participantes receberam de seus pais.
		Outros pais	Como percebem a educação de outros pais ou famílias
	Influências		O que os pais consideram que influencia o seu modo de educar filhos
	Conceito/Qualificação		Como os participantes qualificam sua experiência de educar filhos

Fonte: elaborado pela autora.

Sendo assim, conforme a orientação de Gomes (2002, p. 90), de que “com base nas inferências, discutimos os resultados da pesquisa numa perspectiva mais ampla, trabalhando na produção do conhecimento de uma área disciplinar ou um campo de atuação”, a adoção desse método expandiu a significação do assunto investigado daquela que está evidente no material.

7. Resultados e Discussão

Os resultados obtidos, relacionados aos objetivos propostos para esta pesquisa, serão apresentados e discutidos em três momentos que se complementam. Na primeira parte serão expostos os resultados da etapa quantitativa reunidos a partir do questionário e a análise dos dados estatisticamente tratados. Na segunda parte serão exibidos os dados qualitativos, aos quais foi dada prioridade seguindo os pressupostos epistemológicos que norteiam o estudo, e exploradas as perspectivas fornecidas pelos pais, contidas nas entrevistas, conforme as categorias descritas no procedimento de análise dos dados. E na terceira parte, será apresentada a interpretação dos resultados dos dois métodos correlacionados, exemplificando e ratificando os dados numéricos com relatos dos participantes.

7.1 Resultados quantitativos

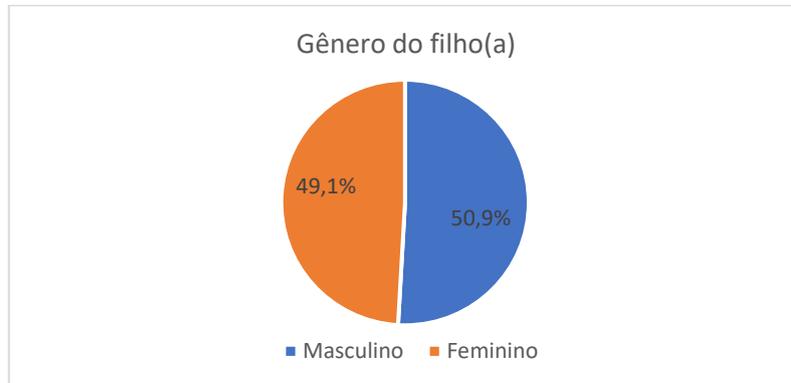
Conforme descrito anteriormente, o questionário *online* continha 20 questões fechadas sobre os aspectos sociodemográficos dos participantes e, características, comportamentos, hábitos e preferências apresentados pelos filhos, agrupadas em 12 categorias de informações. No intuito de propiciar uma melhor visualização e compreensão, optou-se pela representação gráfica das informações contidas nos 114 questionários válidos, resultantes após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão em todos os 151 respondidos.

Inicia-se com a caracterização do perfil das crianças obtida pelos dados investigados, em seguida serão apresentados os comportamentos e características indicados pelos pais e mães como manifestados, em sua percepção, por seus filhos e, posteriormente, serão exibidas as correlações estatisticamente significativas das categorias investigadas. As demais análises (significativas ou não) resultantes do tratamento estatístico constam no teor integral das entrevistas no Anexo D.

Pôde-se observar que se tratava de filhos de pais, em sua maioria, na faixa etária entre 20 e 39 anos (67,5%), com ensino superior completo (83,4%) e pertencentes a famílias que fazem parte da classe média (65,7%), representando um excerto populacional do universo do público alvo da pesquisa.

As crianças foram representadas de forma equilibrada segundo o gênero, conforme o gráfico 1, sendo 49,1% do feminino e 50,9% do masculino.

Gráfico 1 – Porcentagem de crianças por gênero

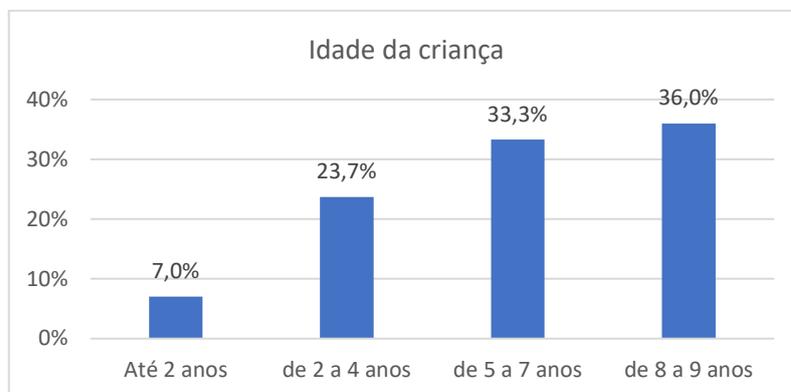


Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)¹²

Foi possível observar um equilíbrio na representatividade de meninos e de meninas.

O gráfico 2 apresenta a variação das idades dos filhos dos participantes, sendo maior a população composta por crianças acima de 5 anos.

Gráfico 2 – Porcentagem de crianças por idade

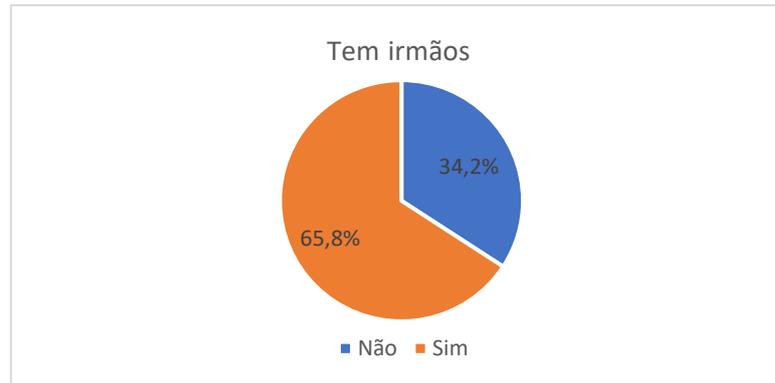


Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

Verificou-se que 7% das crianças têm menos de 2 anos de idade, 23,7% tem entre 2 e 4 anos e mais da metade das crianças (69,3%) tem mais de 5 anos, sendo, especificamente, 33,3% na faixa etária de 5 a 7 anos e 36% tem 8 ou 9 anos.

O gráfico 3 indica que 65,8% das crianças da amostra possui irmãos, ou seja, mais da metade delas não é filho único.

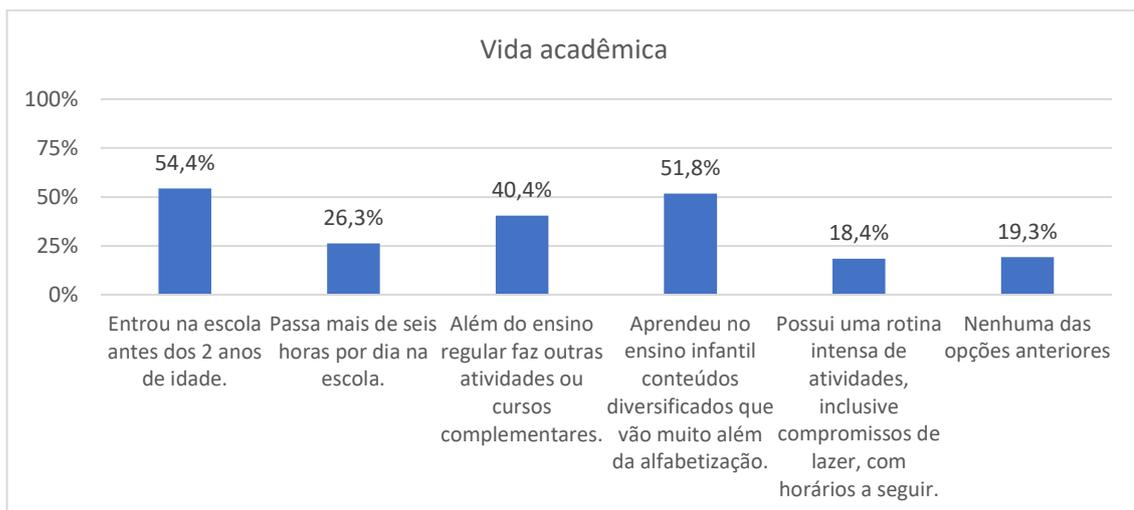
¹² Todos os recursos estatísticos deste estudo foram criados pelo estatístico Jefferson Luiz Pereira, a partir das informações fornecidas pela pesquisadora.

Gráfico 3 – Crianças que têm irmãos

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

Os aspectos de características, comportamentos, hábitos e preferências foram agrupados por categorias, analisados e correlacionados deste modo: vida acadêmica, autonomia, equipamentos eletrônicos, comunicação, autoridade e regras, atenção e concentração, dinamismo e vitalidade, contato com tecnologia, conhecimento e informação, maneiras de agir e reagir e posturas e atitudes.

O gráfico 4 exibe as informações denominadas de vida acadêmica que se referem à relação entre a criança e a aprendizagem, incluindo atividades educativas, extracurriculares e compromissos sociais que ela possui e o volume e o nível de conteúdos a que é exposta.

Gráfico 4 – Vida acadêmica

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

Observou-se que um pouco mais da metade das crianças, 54,4%, entrou na escola ainda no maternal, ou seja, antes dos 2 anos de idade e, 51,8%, aprendeu ao longo da permanência na educação infantil, que se estende dos 2 aos 6 anos, conteúdos que abrangem mais do que a preparação para a alfabetização. As próprias

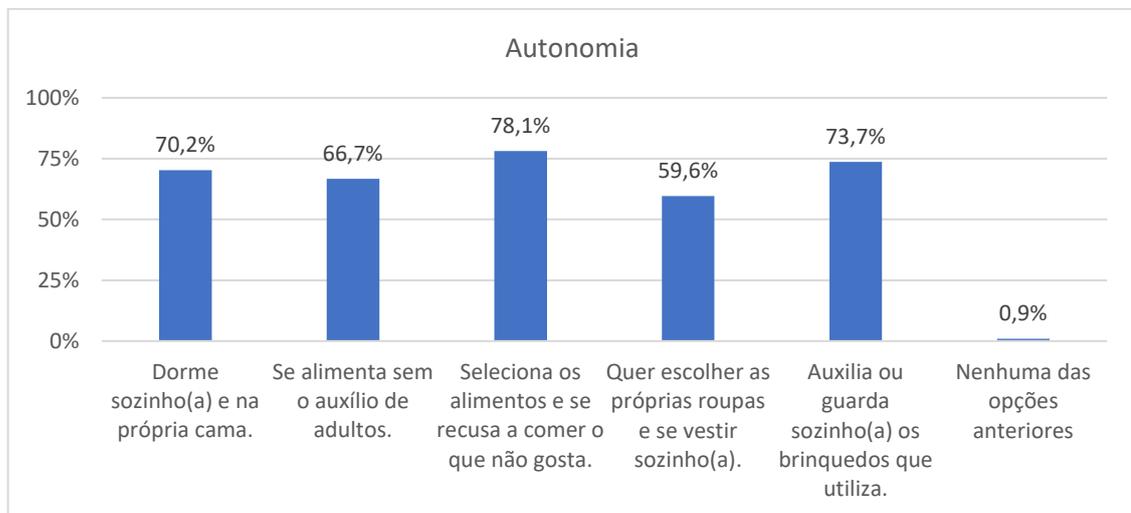
Diretrizes Curriculares Nacionais¹³ para a Educação Infantil presentes na Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, propõe a aplicação de um conjunto de práticas que integrem a experiência da criança, até os seis anos de idade, com informações relativas ao patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico.

Cerca de 40 % delas, além do ensino regular faz outras atividades ou cursos complementares. Sendo assim, os processos de aquisição, aprimoramento e associação de conhecimentos diversificados e aprendizagens foram incentivados e promovidos para boa parte dessas crianças.

Quanto ao tempo de dedicação, apenas 26,3% das crianças passa mais de 6 horas por dia na escola e 18,4% possui uma rotina intensa de atividades, inclusive compromissos de lazer, com horários a cumprir.

No gráfico 5 as atitudes estão relacionadas à autonomia, ou seja, a capacidade demonstrada de agir com independência e decidir questões apropriadas à idade.

Gráfico 5 – Demonstrações de autonomia.



Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

Verificou-se que boa parte das crianças possui um grau de autonomia e independência na realização de algumas atividades do dia-a-dia como se alimentar sem o auxílio dos adultos (66,7%), dormir sozinha na própria cama (70,2%), escolhe as próprias roupas e se veste por conta própria (59,6%) e ajuda ou guarda sem auxílio os brinquedos que utiliza (73,7%). E, 78,1% das crianças selecionam os alimentos e

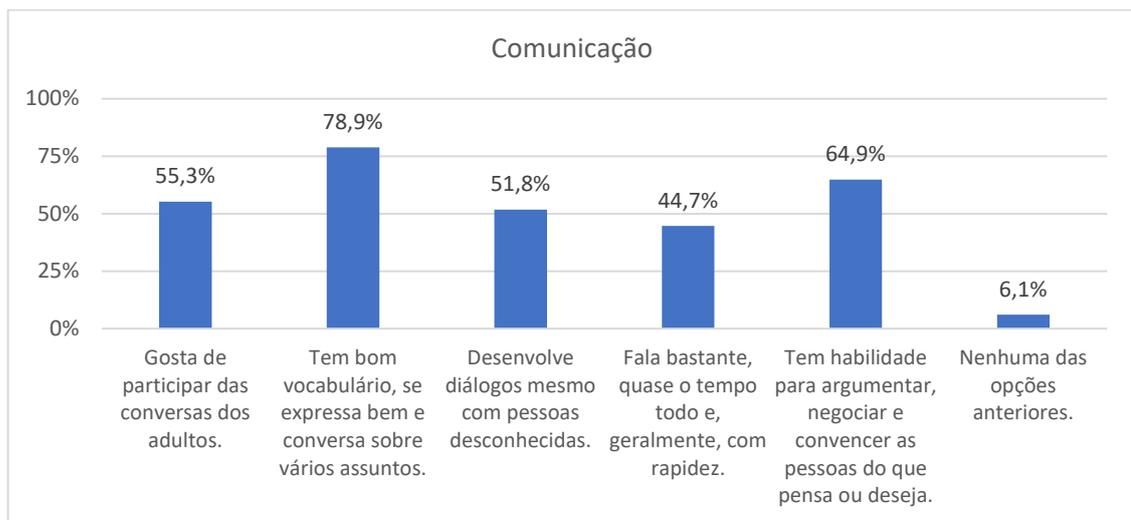
¹³ Normas obrigatórias para a educação básica que orientam o planejamento curricular das escolas e dos sistemas de ensino. Disponível em: <https://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf>

se recusam a comer o que não gostam, demonstrando suas preferências alimentares e tentando tomar parte na decisão de suas refeições.

Reichert e Wagner (2007) afirmam, que a conquista da autonomia está associada à percepção do mundo a nossa volta e é proporcional à oferta de receptividade aos desejos e necessidades, ao uso de estratégias educativas semelhantes pelos pais, à disponibilidade de afeto com controle, e à uma autoestima e autossatisfação bem desenvolvidas. Sendo assim, depreende-se que o tipo de contexto ao qual essas crianças fazem parte promove essas ações.

A comunicação estabelecida pelas crianças apresentada no gráfico 6, demonstra a apropriação do lugar de interlocutor, pela capacidade de se expressarem por meio da linguagem construída na relação com o adulto, mas independentemente de sua mediação para interpretar e associar sentido as suas ações.

Gráfico 6 – Aspectos da comunicação

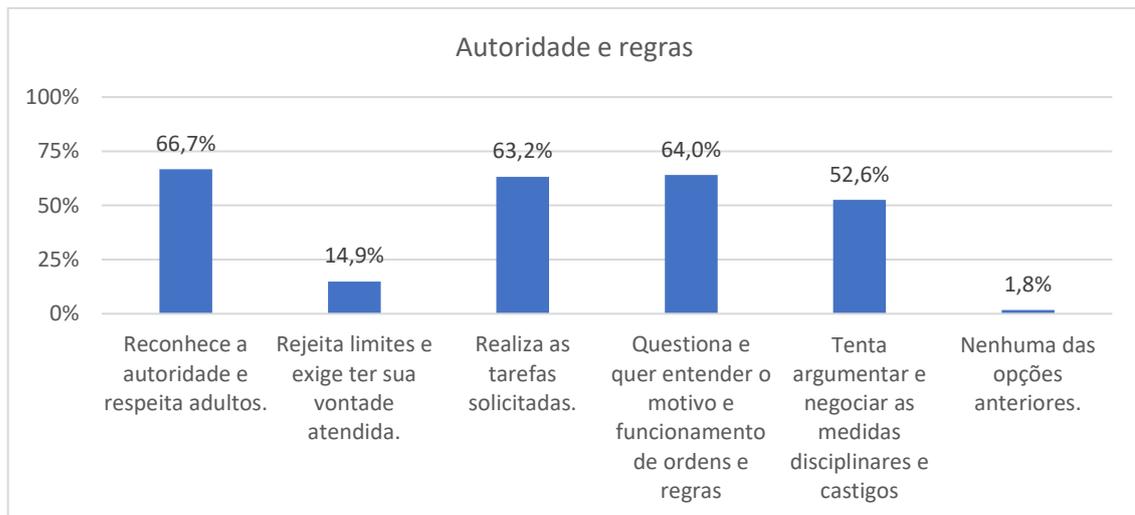


Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

Observou-se que um elevado número de crianças, 78,9% tem bom vocabulário, expressa-se bem e conversa sobre vários assuntos e, também, 64,9% têm habilidade para argumentar, negociar e convencer as pessoas do que pensa o deseja. Pouco mais da metade delas, gosta de participar da conversa dos adultos (55,3%) e desenvolve diálogos mesmo com pessoas desconhecidas (51,8%).

Ao se comunicarem, 44,7% das crianças falam bastante e com rapidez.

A maneira como as crianças lidam com regras e reagem às ordens estabelecidas pelas figuras de autoridade é expressa pelo Gráfico 7.

Gráfico 7 – Relação com autoridade e regras

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

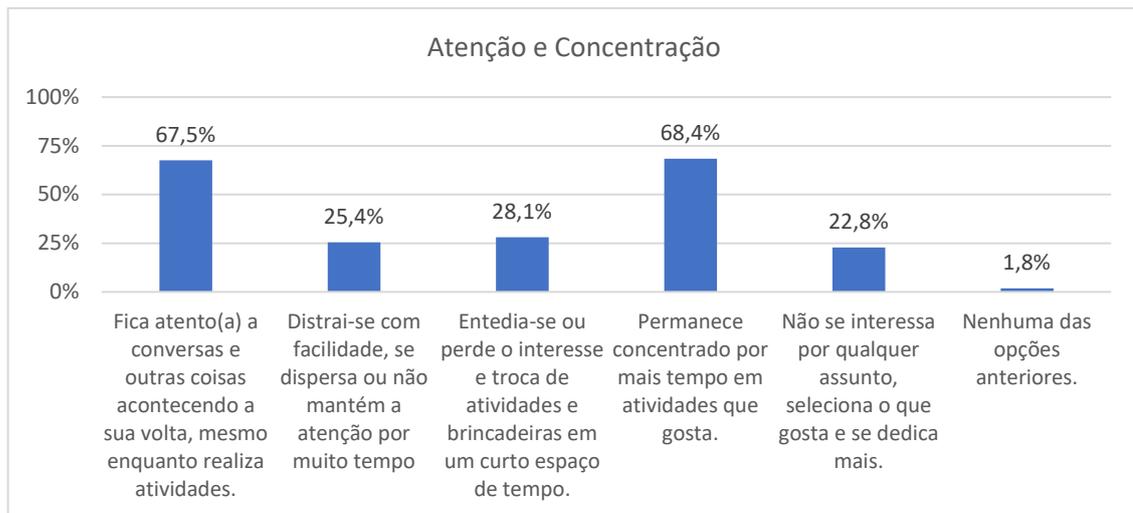
Nota-se que as tarefas solicitadas são realizadas por 63,2% das crianças e que 66,7% reconhecem a autoridade e respeitam os adultos, embora parte delas (64%) queira saber e entender o motivo e as premissas das regras e ordens.

Cerca da metade das crianças, 52,6%, tenta argumentar e negociar as medidas disciplinares e castigos determinados, mas apenas 14,9% rejeita os limites e exige ter sua vontade atendida.

Segundo Rodrigues (2018), tratar com respeito os filhos cria confiança e consideração e amplia a aceitação, a colaboração e o cumprimento das regras, enquanto a postura autoritária e intransigente instiga a reação de desacatar as regras e de indisciplina. Estabelecendo limites e regras pelo exercício do diálogo ao longo do convívio com os filhos, expondo motivos e implicações sem imposição e intransigência, os pais contribuem para que eles cooperem e participem ao invés de apenas obedecer e ocorram menos conflitos no relacionamento (BRITO *et al.*, 2013).

No Gráfico 8, é apresentada a capacidade de manter a atenção em uma situação ou atividade, a flutuação do foco, o nível de concentração e seletividade da atenção conforme preferências e a reação diante de distrações.

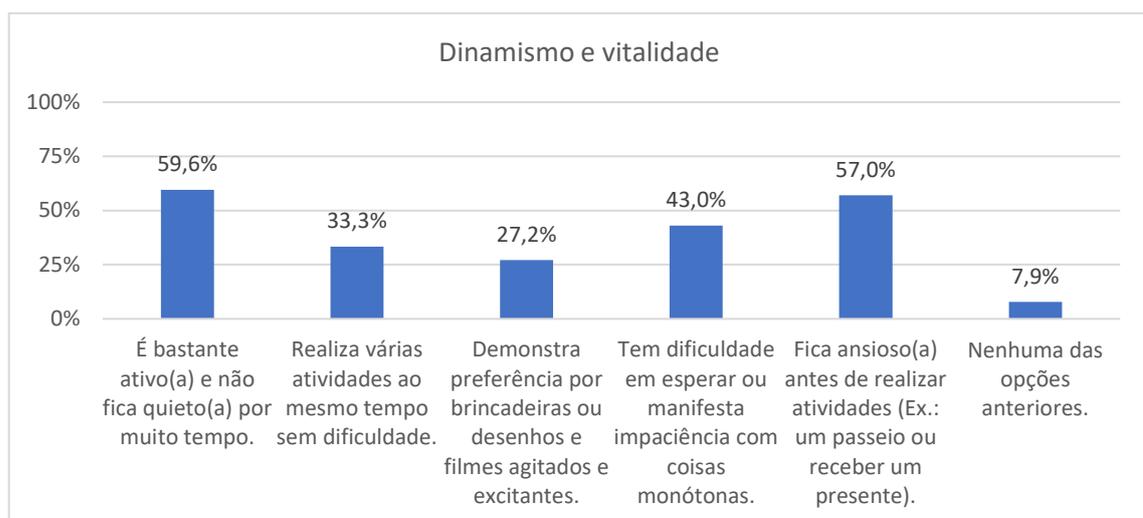
Quanto a atenção e capacidade de concentração, 67,5% das crianças conseguem ficar atentas a conversas e as coisas acontecendo a sua volta mesmo enquanto realizam outras atividades e, menos de um terço, 25,4%, se distrai com facilidade, se dispersa ou sustenta a atenção por pouco tempo.

Gráfico 8 – Níveis de atenção e concentração

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

Verifica-se que 22,8% das crianças não se interessam por qualquer assunto, selecionam e se dedicam mais ao que gostam, sendo que 68,4% permanecem concentradas por mais tempo nas atividades que gostam e 28,1% trocam de atividades e brincadeiras rapidamente pela perda de interesse ou por ficarem entediadas.

O Gráfico 9 apresenta comportamentos de manifestação de energia para se movimentar e realizar atividades, disposição física, tendência à ação, dinamismo e vitalidade.

Gráfico 9 – Dinamismo e vitalidade

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

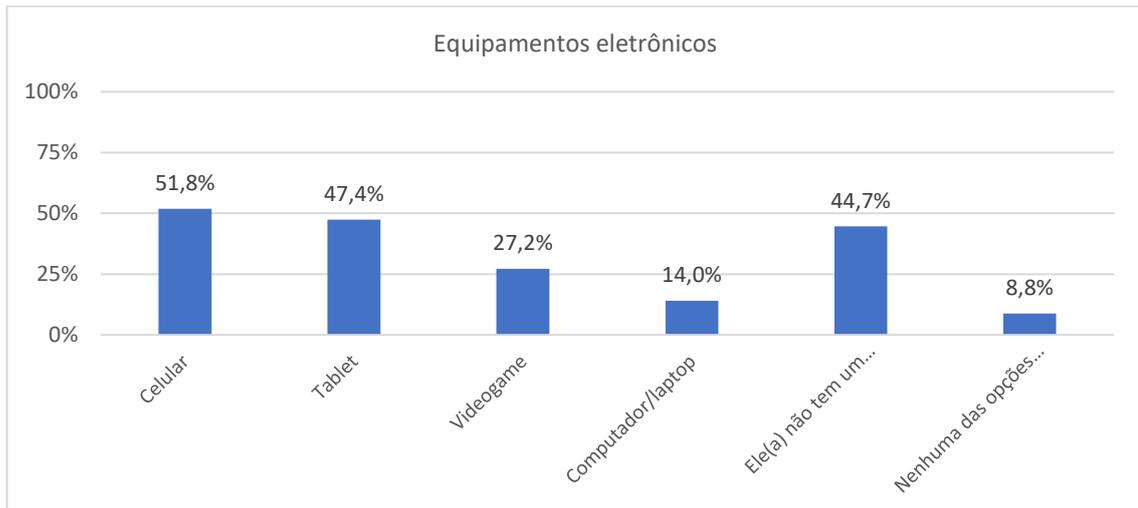
Ainda que, pouco mais da metade das crianças, 59,6% seja bastante ativa e não fique quieta por muito tempo, somente 27,2% possui preferência por brincadeiras ou desenhos e filmes agitados e excitantes.

Observou-se que, 57% das crianças demonstraram ansiedade antes de realizar atividades como, por exemplo, um passeio, ganhar um presente ou uma avaliação escolar e 43% têm dificuldade em esperar ou manifesta impaciência com coisas monótonas.

Silva *et al.*(2019), afirmam que o comportamento mais ou menos ativo das crianças é compatível com o padrão familiar, e que em famílias em que todos têm muitas atividades, fazem várias coisas ao mesmo tempo, desempenham tarefas no trabalho e em casa e têm um ritmo acelerado, os filhos tendem a ter mais vitalidade.

Os equipamentos eletrônicos aos quais as crianças têm acesso e interagem são exibidos no gráfico 10.

Gráfico 10 – Uso de equipamentos eletrônicos

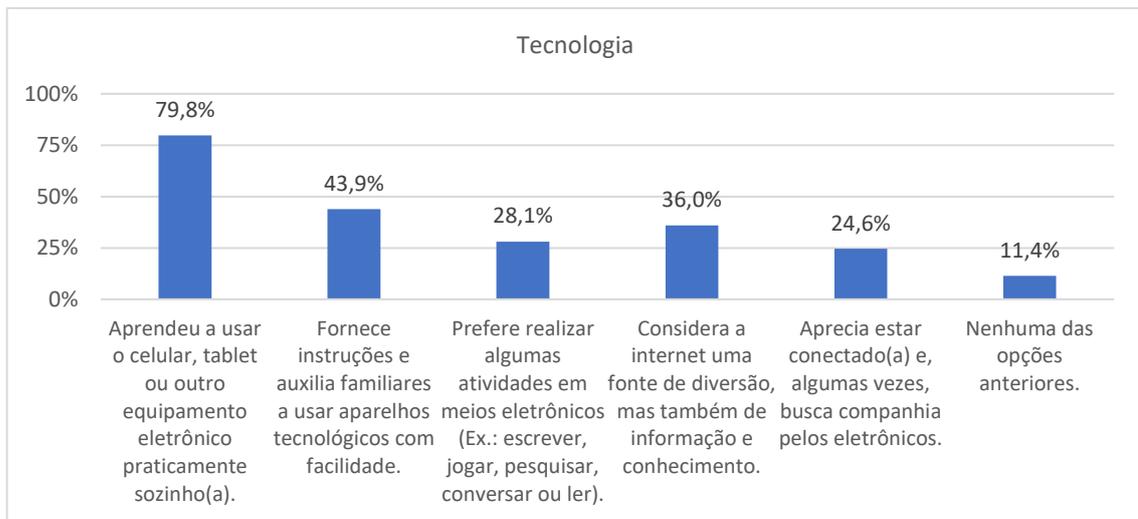


Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

Observou-se que aproximadamente a metade das crianças, 51,8% possuem aparelho celular, 47,4% possuem *tablet* e 44,7% das crianças, mesmo não possuindo um aparelho próprio utiliza o de seus pais.

Os dados revelam que não são tantas as crianças que possuem videogame, apenas 27,2%, ainda que, cerca da metade delas seja do gênero masculino e o equipamento e o uso de jogos seja comumente associado aos meninos. E, verificou-se que uma pequena parcela das crianças possui computador ou *laptop* (14%).

Quanto ao contato e interação com a tecnologia e aparelhos tecnológicos retratados no gráfico 11, constatou-se que a maior parte das crianças, 79,8% aprenderam a usar o celular, *tablet* ou outro equipamento eletrônico disponível, praticamente sozinha e sem a necessidade de muitas instruções.

Gráfico 11 – Interação com a tecnologia

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

De acordo com Toledo (2012), as crianças utilizam as novas tecnologias digitais de maneira quase que intuitiva e com muito mais aptidão do que os adultos, o que contribui para que cerca de 43% delas tenham apresentado facilidade em orientar e auxiliar os pais e outros familiares a usar aparelhos tecnológicos.

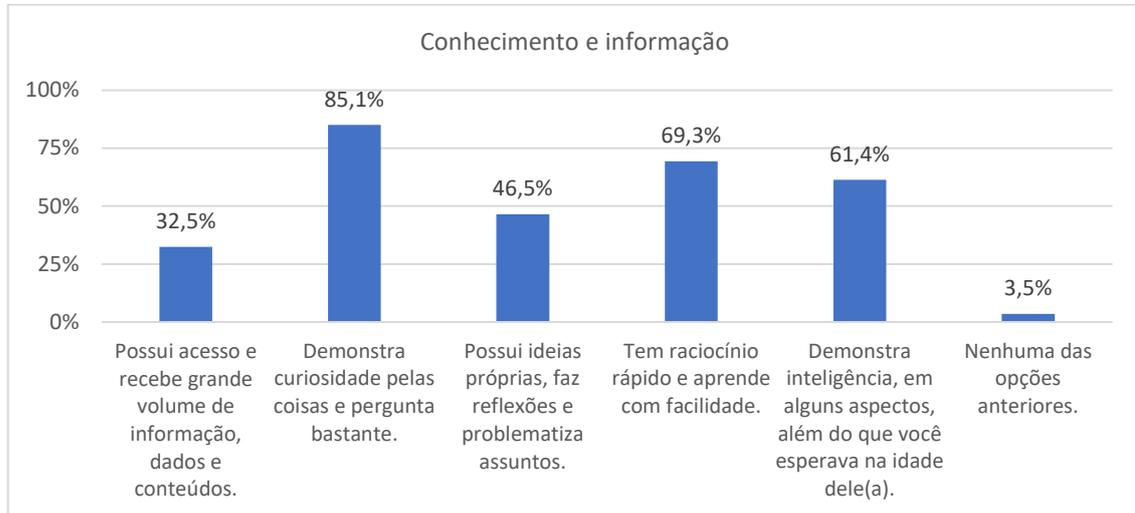
Embora estabeleçam contatos com amigos *online* em jogos e atividades escolares interativas, por exemplo, somente 24,6% das crianças que apreciam estar conectadas, algumas vezes, buscam companhia pelos eletrônicos. A preferência por realizar algumas atividades como, por exemplo, escrever, jogar, pesquisar, conversar e ler, em meios eletrônicos é apresentada por 28% das crianças.

No gráfico 12 são abordados aspectos relacionados às formas como a criança expressa seu conhecimento em sua interação com as pessoas e com o meio, a disponibilidade das informações e conhecimentos para ela, as posturas que adota em relação aos dados com que tem contato e o modo como ela desenvolve e aplica seu aprendizado.

Verificou-se que, um elevado número de crianças, 85,1% demonstra curiosidade pelas coisas com as quais têm contato ou sobre as quais tomam conhecimento, revelam interesse em saber sobre fatos e acontecimentos e fazem bastante perguntas, mas nem todas elas convivem intensamente com a informação, uma vez que, 32,5% das crianças possuem acesso e recebem grande volume de conhecimento, dados e conteúdo.

Observou-se que entre as crianças pesquisadas, 46,5% possuem ideias próprias, pensam sobre os assuntos, fazem reflexões e problematizam sobre eles.

Gráfico 12 – Expressão do conhecimento e acesso à informação

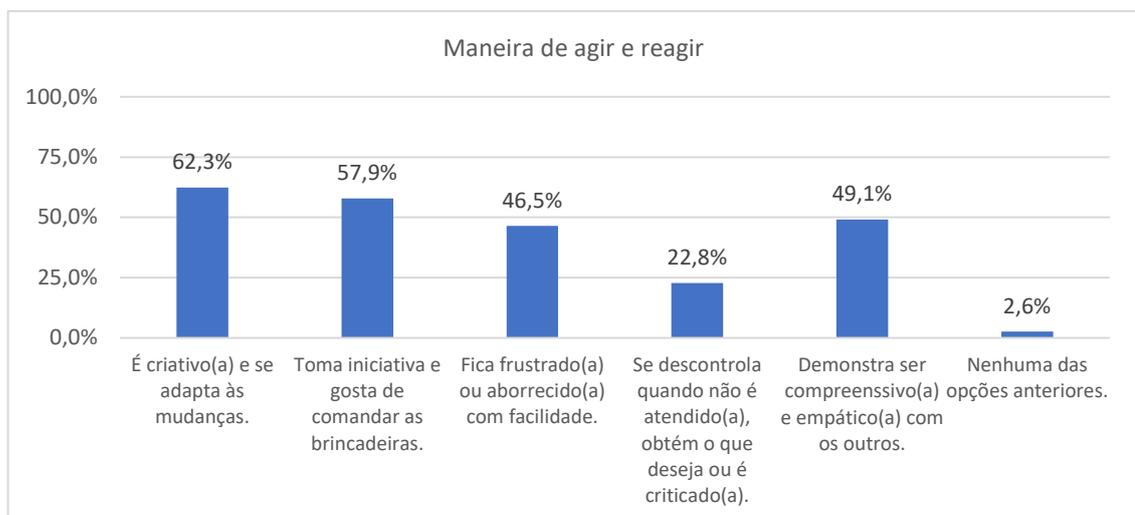


Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

Por volta de 69% das crianças apresentam um raciocínio rápido e facilidade em aprender e 61,4% demonstram inteligência, em alguns aspectos, acima do os pais esperavam que ela tivesse em sua idade.

O gráfico 13 expõe alguns comportamentos e maneiras de reagir apresentados pelas crianças em determinados momentos, mencionados pelos estudiosos como sendo comumente presentes na geração Alpha.

Gráfico 13 – Maneira de agir e reagir



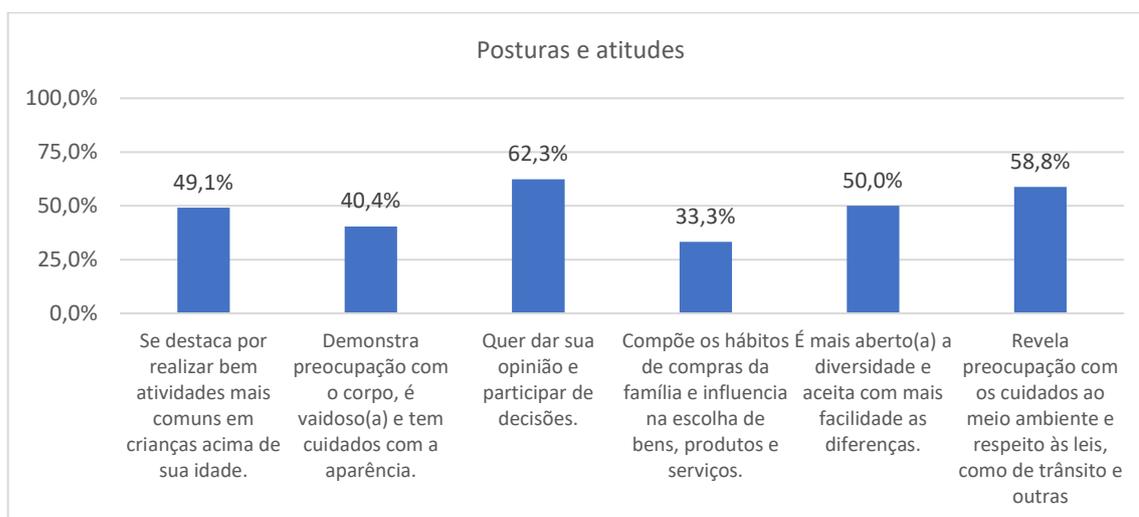
Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

Em relação a maneira de agir, 62,3% das crianças são consideradas criativas e conseguem se adaptar a mudanças e são 57,9% as que tomam a iniciativa e gostam

de comandar as brincadeiras. Quanto a reação em algumas situações, 46,5% das crianças ficam frustradas e ou aborrecidas com facilidade, 22,8% se descontrolam quando não são atendidas, não obtém o que desejam ou quando são criticadas. E, 49,1% delas demonstram ser compreensivas e empáticas com as outras pessoas.

O gráfico 14 mostra formas de proceder motivadas por propósitos, ponto de vista, posicionamento e posições adotadas pelas crianças em certas circunstâncias ou em relação a algum assunto.

Gráfico 14 – Manifestação de posturas e atitudes



Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

Observou-se uma atitude de preocupação de 40,4% das crianças com o corpo, sendo vaidosas e mantendo cuidados com a aparência, e de 58,8% com os cuidados com o meio ambiente e respeito às leis, como as de trânsito, por exemplo.

A metade das crianças é mais aberta à diversidade e aceita com mais facilidade as diferenças.

Acerca da postura, 62,3% das crianças querem dar sua opinião e participar das decisões, sendo que 33,3% delas participam dos hábitos de compras da família e influenciam na escolha de bens, produtos e serviços consumidos.

Quanto ao modo de proceder, 49,1% das crianças se destacam por realizar bem atividades em que, comumente, crianças acima de sua idade têm mais habilidade.

Ao analisar as categorias, depreendeu-se que: as crianças iniciam sua vida acadêmica com poucos anos e tem uma educação abrangente; têm boa autonomia em todas as atividades de autocuidado como se alimentar, vestir e dormir,

mencionadas; possuem dispositivos móveis de tecnologia próprios; mais da metade delas apresenta as características das alternativas da comunicação, com exceção da fala em demasia e acelerada; respeitam a autoridade e os limites, mas almejam compreendê-los e conversar sobre sua definição; têm atenção ao que acontece ao seu redor e não se dispersam tão rápido ou facilmente, embora concentrem-se mais e por períodos mais longos nas atividades que gostam; são ativas e têm energia, porém sem uma intensidade que interfira e tenha reflexos muito significativos nas atividades praticadas, a não ser em situações que antecedem algum evento; desenvolveram a habilidade em utilizar equipamentos eletrônicos sem muita intervenção ou instrução direta e auxiliam os pais; revelam interesse em obter conhecimento sobre as coisas, aprendem com facilidade e demonstram bom raciocínio e inteligência; adaptam-se bem às mudanças e o nível de frustração e tolerância à expectativas não alcançadas se mostra pertinente; uma atitude que sobressai é o desejo de participar das decisões e ter suas considerações ouvidas.

Estabelecendo delineamentos correlacionais utilizando a técnica estatística de coeficiente de correlação produto-momento de Pearson (1904) e de ρ de Spearman (1904), foi possível analisar as ligações entre as variáveis e como cada uma se comportou diante da alteração da outra (*apud* DANCEY e REIDY, 2019).

De acordo com Dancey e Reidy (2019), o coeficiente de correlação concede um valor (r) à força e direção da relação linear entre duas variáveis que pode variar de -1 a 1. Se duas variáveis se correlacionam completamente $r=1$ ou $r=-1$ e se elas não se correlacionam $r=0$ (DANCEY e REIDY, 2019). Baseada na classificação de Cohen (1988, *apud* DANCEY e REIDY, 2019), que varia entre 0 e 1 e os valores mais altos indicam uma interdependência mais forte, as interpretações do tamanho do efeito do coeficiente de correlação das variáveis dessa pesquisa foram definidas como sendo $r=1$: perfeito, $0,7 \geq r \leq 0,99$: forte, $0,4 \geq r \leq 0,69$: moderado, $0,1 \geq r \leq 0,39$: fraco e $r=0$: sem relação.

Como o questionário foi dividido entre as informações sociodemográficas dos participantes e as características, comportamentos, hábitos e preferências apresentadas pelos filhos, correlacionou-se as categorias, consideradas, variáveis contínuas: vida acadêmica, autonomia, equipamentos eletrônicos, comunicação, autoridade e regras, atenção e concentração, dinamismo e vitalidade, tecnologia e conhecimento e informação, com os dados sociodemográficos, considerando-se

variáveis categóricas: faixa etária dos pais, instrução dos pais, renda familiar e idade da criança.

As correlações estatisticamente significativas apresentadas entre as categorias das variáveis contínuas constatadas revelam que ocorre inter-relação e interdependência positiva entre as variáveis, tanto contínuas quanto categóricas, em diferentes intensidades, entretanto isso não significa que exista uma relação de causalidade ou que uma seja consequência da outra. Compreende-se que as categorias se inter-relacionam reciprocamente e, também, com inúmeros outros fatores pertencentes à subjetividade das crianças, ao relacionamento familiar, à vida social e o contexto ao qual pertencem, por exemplo, que influenciem sua composição e desenvolvimento e por elas sejam afetadas.

Tabela 3 – Correlações variáveis contínuas

Categorias 1	Categorias 2	r	Tamanho do efeito*	
			Interpretação	IC 95%
Vida acadêmica	Autonomia	0,41	Moderado	0,24 - 0,55
	Comunicação	0,22	Fraco	0,04 – 0,39
	Tecnologia	0,30	Fraco	0,00 – 0,34
	Conhecimento e informação	0,29	Fraco	0,11 – 0,45
Autonomia	Comunicação	0,31	Fraco	0,13 – 0,47
	Tecnologia	0,37	Fraco	0,20 – 0,52
	Conhecimento e informação	0,28	Fraco	0,10 – 0,44
Comunicação	Tecnologia	0,29	Fraco	0,11 – 0,45
	Conhecimento e informação	0,59	Moderado	0,45 – 0,70
	Dinamismo e vitalidade	0,33	Fraco	0,16 – 0,48
Dinamismo e vitalidade	Conhecimento e informação	0,20	Fraco	0,02 – 0,37
Tecnologia	Equipamentos eletrônicos	0,47	Moderado	0,37 – 0,62
	Conhecimento e informação	0,39	Fraco	0,22 – 0,54

* Correlação de Pearson IC 95% intervalo e confiança de 95%

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

Os resultados indicaram que a intensidade da vida acadêmica e as demonstrações de autonomia têm correlação $r=0,41$, com efeito moderado, com a categoria comunicação correlação de $r=0,22$, efeito fraco, com a tecnologia correlação de $r=0,30$, efeito fraco e com o conhecimento uma correlação $r=0,29$, efeito fraco. Sendo assim, pôde-se inferir que a aprendizagem adquirida na vida acadêmica e o conteúdo diversificado proporcionado pelas atividades extracurriculares nas crianças que fizeram parte da pesquisa contribuíram para: agirem com independência ao realizar atividades de sua rotina sem o auxílio de adultos; a aquisição de um bom

vocabulário, desenvolvimento de sua expressão oral, o contato com assuntos diversos, capacidade de argumentar e persuadir e uma comunicação ativa; a sua compreensão do modo de utilizar aparelhos eletrônicos e auxiliar familiares nessa tarefa e para servir-se da tecnologia como meio para acessar a internet, realizar atividades e, algumas vezes, conectar-se com amigos; ter acesso e receber informações, desenvolver o raciocínio, a inteligência e a habilidade de aprendizagem e formar ideias próprias.

Verificou-se que a categoria autonomia tem correlação com a comunicação de $r=0,31$, com efeito fraco, com a tecnologia correlação de $r=0,37$, efeito fraco e com o conhecimento uma correlação $r=0,28$, efeito fraco. A capacidade das crianças de agir com independência e tentativas de tomar decisões por si mesmas tem correlação com: sua habilidade de expressão e para argumentar, negociar e convencer as pessoas do que pensam ou desejam; o modo como aprenderam a utilizar aparelhos eletrônicos e sua atitude de auxiliar familiares nessa tarefa; os mecanismos que empregam para desenvolver seus conhecimentos, demonstrá-los ou aplicá-los.

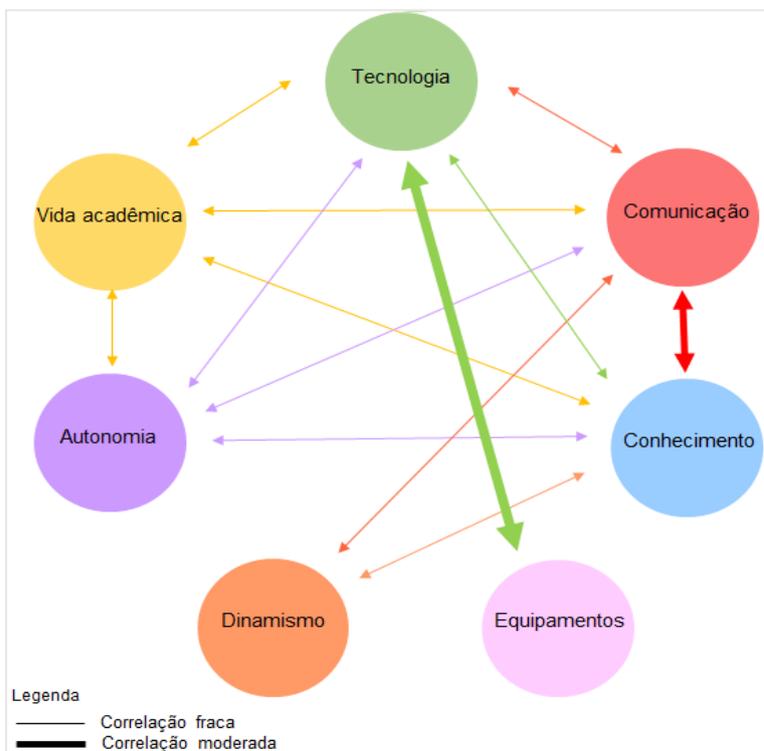
A categoria comunicação tem correlação significativa com o conhecimento de $r=0,59$, que possui efeito moderado e com a tecnologia correlação de $r=0,29$, com efeito fraco. Indicando que a capacidade de se comunicar com desembaraço, expressando-se com clareza, coerência e boa argumentação gestão possui correlação com: o fornecimento de instruções aos familiares sobre a utilização de aparelhos eletrônicos e o uso da internet como fonte de informação e conhecimento,

A categoria dinamismo tem correlação com a comunicação de $r=0,33$, com efeito fraco e com o conhecimento correlação de $r=0,20$, com efeito fraco. Deste modo, a disposição física, dinamismo e vitalidade atribuídas as crianças que participaram da pesquisa se inter-relacionam com o vigor no envolvimento nos diálogos, o modo como expressam sua fala e, também, suas ideias, o interesse e busca por informações e a forma de desenvolvimento de raciocínios e reflexões.

A categoria tecnologia tem correlação com o uso de equipamentos correlação de $r=0,47$, de efeito moderado e com o conhecimento de $r=0,20$, efeito fraco. A compreensão das crianças acerca do uso da tecnologia e o tipo de interação que estabelecem com as funções que ela dispõe têm considerável inter-relação com os equipamentos eletrônicos que utilizam ou tem acesso e uma leve correlação com o acesso e volume de dados, informações e conteúdos que recebem.

A rede de inter-relações entre as categorias e a intensidade do efeito ficam visíveis na representação a seguir:

Figura 1 – Correlação entre categorias



Fonte: elaborada pela autora.

As correlações estatisticamente significativas apresentadas entre as variáveis categóricas e contínuas, ou seja, entre os dados sociodemográficos entre si e com as categorias, conforme indicado nas tabelas 4 e 5, permitem observar que a idade da criança possui correlação positiva, embora de efeito fraco, com os dados sociodemográficos: renda familiar $r=0,25$ e faixa etária dos pais $r=0,29$ e as categorias: vida acadêmica $r=0,28$, autonomia $r=0,28$, conhecimento e informação $r=0,24$ e equipamentos eletrônicos $r=0,36$. Com a tecnologia a correlação é de efeito moderado, $r=0,57$. Dessa maneira, quanto maior a idade das crianças, maior é a renda familiar e a instrução acadêmica dos pais, assim como a intensidade de sua própria vida acadêmica, as demonstrações de autonomia, o acesso à informação e expressão do conhecimento, os equipamentos eletrônicos utilizados e, principalmente, a interação com a tecnologia.

A renda familiar também possui correlação positiva e de efeito fraco com os dados sociodemográficos: instrução dos pais $r=0,21$ e faixa etária dos pais $r=0,20$ e com as categorias: vida acadêmica $r=0,38$, autonomia $r=0,32$, conhecimento e

informação $r=0,21$, equipamentos eletrônicos $r=0,30$ e tecnologia $r=0,30$. Conforme se eleva a renda familiar, aumenta a instrução acadêmica e a faixa etária dos pais, e igualmente, a quantidade de atividade acadêmica, extracurricular e social das crianças, as demonstrações de autonomia, o acesso à informação e expressão do conhecimento, a interação com a tecnologia e os equipamentos eletrônicos utilizados.

Tabela 4 – Correlações variáveis categóricas

Dados sociodemográficos		Tamanho do efeito*		
		r	Interpretação	IC 95%
Idade da criança	Renda familiar	0,25	Fraco	0,07 – 0,41
	Faixa etária pais	0,29	Fraco	0,11 – 0,45
Renda familiar	Instrução dos pais	0,21	Fraco	0,03 – 0,38
	Faixa etária pais	0,20	Fraco	0,02 – 0,37

* Correlação de Spearman
IC 95%: intervalo e confiança 95%

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

A instrução dos pais apresenta correlação com conhecimento e informação $r=0,46$, de efeito moderado, demonstrando que quanto maior a instrução dos participantes, mais recursos seus filhos dispõem para a produção de conhecimento e acesso a informações e dados. A faixa etária dos pais tem correlação positiva e de efeito fraco com equipamentos eletrônicos $r=0,23$ e tecnologia $r=0,24$, portanto, a utilização de equipamentos eletrônicos e a interação com a tecnologia se amplia à medida que a faixa etária dos pais sobe.

Tabela 5 – Correlações variáveis categóricas e contínuas

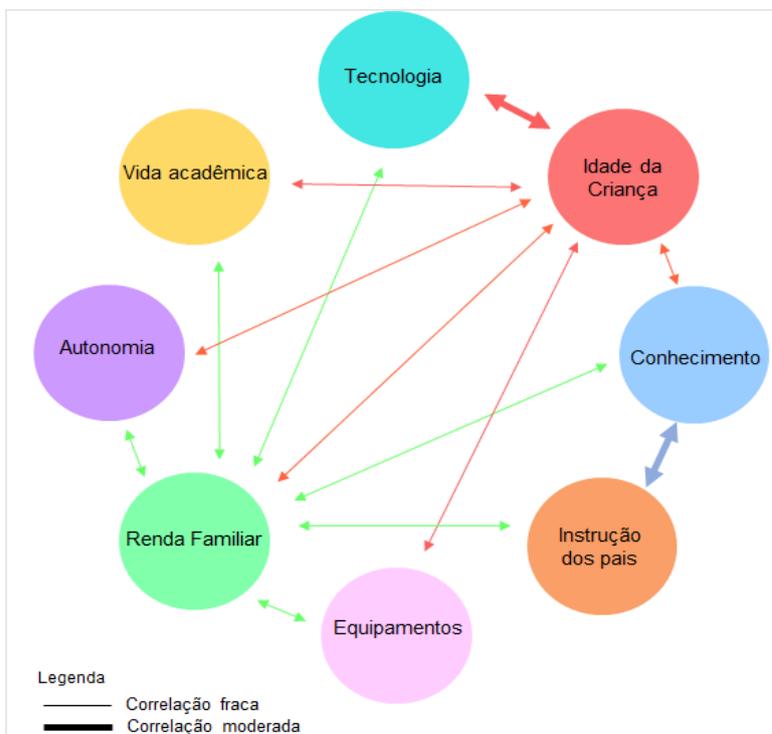
Dados sociodemográficos	Categorias	Tamanho do efeito*		
		r	Interpretação	IC 95%
Idade da Criança	Vida acadêmica	0,28	Fraco	0,10 – 0,44
	Autonomia	0,28	Fraco	0,10 – 0,44
	Conhecimento e informação	0,24	Fraco	0,05 – 0,41
	Equipamentos eletrônicos	0,36	Fraco	0,19 – 0,51
	Tecnologia	0,57	Moderado	0,43 – 0,68
Renda familiar	Vida acadêmica	0,38	Fraco	0,21 – 0,53
	Autonomia	0,32	Fraco	0,15 – 0,48
	Conhecimento e informação	0,21	Fraco	0,03 – 0,38
	Equipamentos eletrônicos	0,30	Fraco	0,12 – 0,46
	Tecnologia	0,30	Fraco	0,12 – 0,46
Instrução dos pais	Conhecimento e informação	0,46	Moderado	0,30 – 0,59
Faixa etária pais	Equipamentos eletrônicos	0,23	Fraco	0,04 – 0,39
	Tecnologia	0,24	Fraco	0,05 – 0,41

* Correlação de Spearman IC 95%: intervalo e confiança 95%

Fonte: elaborada pela autora.

A rede de inter-relações entre as categorias e os dados sociodemográficos com sua intensidade ficam visíveis na representação abaixo:

Figura 2 – Correlação entre categorias e dados sociodemográficos



Fonte: elaborada pela autora.

Ainda que o tamanho do efeito da correlação entre a maioria das categorias estabelecidas tenha sido identificado como fraco, algumas correlações individuais entre características, comportamentos, atitudes, hábitos e preferências que as compõem, apresentaram um efeito positivo moderado ou forte. Ou seja, ainda que duas categorias, de um modo geral, contenham uma inter-relação leve entre si, suas condutas podem ter correlações acentuadas.

As correlações entre as opções que compõem as perguntas do questionário são apresentadas na tabela 6:

Tabela 6 - Correlação entre as opções de cada questão e tamanho do efeito

Variável 1	Variável 2	p-valor*	Tamanho do efeito V de Cramer	Interpretação
Se alimenta sem o auxílio de adultos	Realiza as tarefas solicitadas	<0,001	0,386	Moderado
	É aberto(a) a diversidade e aceita com mais facilidade as diferenças	<0,001	0,409	Moderado
Quer escolher as próprias roupas e se vestir sozinho(a)	Fornece instruções e auxilia familiares a usar aparelhos tecnológicos com facilidade	<0,001	0,331	Moderado

Continuação da Tabela 6

Variável 1	Variável 2	p-valor*	Tamanho do efeito V de Cramer	Interpretação
Além do ensino regular faz outras atividades ou cursos complementares	Não se interessa por qualquer assunto, seleciona o que gosta e se dedica mais.	<0,001	0,363	Moderado
	Fornecer instruções e auxilia familiares a usar aparelhos tecnológicos com facilidade	0,001	0,318	Moderado
	Possui acesso e recebe grande volume de informação, dados e conteúdos	<0,001	0,346	Moderado
	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos	<0,001	0,345	Moderado
	É aberto(a) a diversidade e aceita com mais facilidade as diferenças	0,001	0,322	Moderado
Aprendeu no ensino infantil conteúdos diversificados que vão muito além da alfabetização	Se alimenta sem o auxílio de adultos	<0,001	0,434	Moderado
	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos	0,001	0,302	Moderado
	É aberto(a) a diversidade e aceita com mais facilidade as diferenças	<0,001	0,334	Moderado
	Fornecer instruções e auxilia familiares a usar aparelhos tecnológicos com facilidade	0,001	0,310	Moderado
	Considera a internet uma fonte de diversão, mas também de informação e conhecimento	0,001	0,304	Moderado
Auxilia ou guarda sozinho(a) os brinquedos que utiliza	Realiza as tarefas solicitadas	<0,001	0,493	Moderado
	Fica atento(a) a conversas e outras coisas acontecendo a sua volta, mesmo enquanto realiza atividades	<0,001	0,352	Moderado
	Demonstra ser compreensivo(a) e empático(a) com os outros	<0,001	0,348	Moderado
	É mais aberto(a) a diversidade e aceita com mais facilidade as diferenças	0,001	0,319	Moderado
Celular	Aprendeu a usar o celular, tablet ou outro equipamento eletrônico praticamente sozinho(a)	<0,001	0,389	Moderado
Computador / laptop	Prefere realizar algumas atividades em meios eletrônicos	<0,001	0,366	Moderado
	Aprecia estar conectado(a) e, algumas vezes, busca companhia pelos eletrônicos	<0,001	0,356	Moderado
	Possui acesso e recebe grande volume de informação, dados e conteúdos	0,001	0,313	Moderado
Ele(a) não tem aparelho próprio, mas utiliza o tem assinalado pertencente aos pais	Fornecer instruções e auxilia familiares a usar aparelhos tecnológicos com facilidade	<0,001	0,440	Moderado
Reconhece autoridade e respeita adultos	Fica atento(a) a conversas e outras coisas acontecendo a sua volta, mesmo enquanto realiza atividades	0,001	0,305	Moderado
	Entedia-se ou perde o interesse e troca de atividades e brincadeiras em um curto espaço de tempo	<0,001	0,345	Moderado
	Demonstra ser compreensivo(a) e empático(a) com os outros	<0,001	0,397	Moderado

Continuação da Tabela 6

Variável 1	Variável 2	p-valor*	Tamanho do efeito V de Cramer	Interpretação
Gosta de participar das conversas dos adultos	Tenta argumentar e negociar as medidas disciplinares e castigos	0,001	0,312	Moderado
	Considera a internet uma fonte de diversão, mas também de informação e conhecimento	0,001	0,307	Moderado
	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos	0,001	0,308	Moderado
	Quer dar sua opinião e participar de decisões	<0,001	0,355	Moderado
	Compõe os hábitos de compras da família e influencia na escolha de bens, produtos e serviços	0,001	0,300	Moderado
	Revela preocupação com os cuidados ao meio ambiente e respeito às leis, como de trânsito e outras.	<0,001	0,357	Moderado
Realiza as tarefas solicitadas	Demonstra ser compreensivo(a) e empático(a) com os outros	0,001	0,314	Moderado
	É mais aberto(a) a diversidade e aceita com mais facilidade as diferenças	<0,001	0,364	Moderado
Tem bom vocabulário, se expressa bem e conversa sobre vários assuntos	Fica atento(a) a conversas e outras coisas acontecendo a sua volta, mesmo enquanto realiza atividades	<0,001	0,331	Moderado
	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos	<0,001	0,352	Moderado
	Tem raciocínio rápido e aprende com facilidade	0,001	0,309	Moderado
	Quer dar sua opinião e participar de decisões	<0,001	0,353	Moderado
Desenvolve diálogos mesmo com pessoas desconhecidas	Toma iniciativa e gosta de comandar as brincadeiras	<0,001	0,350	Moderado
Fala bastante, quase o tempo todo e, geralmente, com rapidez	Realiza várias atividades ao mesmo tempo sem dificuldade	0,001	0,300	Moderado
Rejeita limites e exige ter sua vontade atendida	Fica frustrado(a) ou aborrecido(a) com facilidade	0,001	0,301	Moderado
	Se descontrola quando não é atendido, obtém o que deseja ou é criticado	<0,001	0,359	Moderado
Questiona e quer entender o motivo e funcionamento de ordens e regras	Não se interessa por qualquer assunto, seleciona o que gosta e se dedica mais	0,001	0,320	Moderado
	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos	<0,001	0,405	Moderado
	Quer dar sua opinião e participar de decisões	<0,001	0,360	Moderado
Permanece concentrado por mais tempo em atividades que gosta	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos	<0,001	0,331	Moderado
Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos	Quer dar sua opinião e participar de decisões	<0,001	0,363	Moderado

Continuação da Tabela 6

Variável 1	Variável 2	p-valor*	Tamanho do efeito V de Cramer	Interpretação
Tem habilidade para argumentar, negociar e convencer as pessoas do que pensa ou deseja	Questiona e quer entender o motivo e funcionamento de ordens e regras	<0,001	0,445	Moderado
	Permanece concentrado por mais tempo em atividades que gosta	<0,001	0,331	Moderado
	Considera a internet uma fonte de diversão, mas também de informação e conhecimento	0,001	0,321	Moderado
	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos	<0,001	0,538	Forte
	Tem raciocínio rápido e aprende com facilidade	<0,001	0,427	Moderado
	Demonstra inteligência, em alguns aspectos, além do que você esperava na idade dele(a)	<0,001	0,399	Moderado
	Toma iniciativa e gosta de comandar as brincadeiras	<0,001	0,341	Moderado
	Quer dar sua opinião e participar de decisões	<0,001	0,376	Moderado
Tenta argumentar e negociar as medidas disciplinares e castigos	Tem dificuldade em esperar ou manifesta impaciência com coisas monótonas	<0,001	0,327	Moderado
	Se descontrola quando não é atendido(a), obtém o que deseja ou é criticado(a)	0,001	0,306	Moderado
	Quer dar sua opinião e participar de decisões	<0,001	0,349	Moderado
Entedia-se ou perde o interesse e troca de atividades e brincadeiras em um curto espaço de tempo	Tem dificuldade em esperar ou manifesta impaciência com coisas monótonas	<0,001	0,443	Moderado
	Se descontrola quando não é atendido(a), obtém o que deseja ou é criticado(a)	0,001	0,312	Moderado
Não se interessa por qualquer assunto, seleciona o que gosta e se dedica mais	Fica ansioso(a) antes de realizar atividades (Ex.: um passeio ou receber um presente)	0,001	0,303	Moderado
Tem dificuldade em esperar ou manifesta impaciência com coisas monótonas	Fica frustrado(a) ou aborrecido(a) com facilidade	<0,001	0,399	Moderado
	Se descontrola quando não é atendido(a), obtém o que deseja ou é criticado(a)	<0,001	0,330	Moderado
Fornece instruções e auxilia familiares a usar aparelhos tecnológicos com facilidade	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos	<0,001	0,346	Moderado
	É mais aberto(a) a diversidade e aceita com mais facilidade as diferenças	<0,001	0,354	Moderado
Considera a internet uma fonte de diversão, mas também de informação e conhecimento	Possui acesso e recebe grande volume de informação, dados e conteúdos	<0,001	0,417	Moderado
	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos	<0,001	0,364	Moderado

Continuação da Tabela 6

Variável 1	Variável 2	p-valor*	Tamanho do efeito V de Cramer	Interpretação
Aprecia estar conectado(a) e, algumas vezes, busca companhia pelos eletrônicos	Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos	<0,001	0,326	Moderado
Demonstra inteligência, em alguns aspectos, além do que você esperava na idade dele	Se destaca por realizar bem atividades mais comuns em crianças acima de sua idade	0,001	0,310	Moderado
Demonstra ser compreensivo(a) e empático(a) com os outros	É mais aberto(a) a diversidade e aceita com mais facilidade as diferenças	<0,001	0,351	Moderado

* Teste qui-quadrado

Fonte: elaborado pela autora.

7.2 Resultados Qualitativos

Os resultados qualitativos foram categorizados a partir das narrativas evidenciadas que atribuíram sentido e significado às questões alinhadas aos propósitos da pesquisa e propiciaram o aprimoramento da compreensão dos dados obtidos, depreender conhecimento e ampliar o campo de estudo, levando em consideração que essa temática possui poucos estudos (MINAYO, 2002).

Um ponto importante, com base no referencial teórico escolhido como suporte deste trabalho, foi contextualizar o processo de realização das entrevistas pelo fato de complementar e aprofundar a análise dos dados coletados, ampliando a reflexão sobre o material obtido. Nas entrevistas realizadas no consultório, os casais adotaram uma atitude mais contida e cerimoniosa, de comprometimento com um processo circunspecto. Embora, ao longo da conversa eles tenham se descontraído e expressado abertamente, não deixaram completamente a postura de participantes da fase de coleta de dados de uma pesquisa. Nos depoimentos efetuados no ambiente familiar a pesquisadora foi recebida mais como uma visitante e inserida na rotina doméstica. Os depoimentos ocorreram de maneira mais informal, espontânea e fluída.

Os pais foram bastante participativos e demonstraram muito interesse em dar sua opinião e em fazer colocações de seu ponto de vista sobre seus filhos. Sendo que, 05 (cinco) deles relataram estarem bastante envolvidos no dia-a-dia com os filhos, dividindo atividades de cuidados com as esposas. Em apenas uma das famílias,

a esposa não participa da composição da renda familiar. As crianças que estiveram presentes antes, depois ou durante algum momento da entrevista, interagiram com naturalidade, demonstrando cordialidade, desenvoltura e independência.

Foram efetuadas questões norteadoras que visavam fomentar o emergir de aspectos alinhados aos objetivos do estudo, sendo algumas delas integrantes do roteiro de entrevista semiestruturado, outras similares ou apenas complementares. Entretanto, vários pontos significativos foram sendo espontaneamente abordados, pelos próprios casais participantes, ao longo de seu relato em decorrência de suas convicções, sem a necessidade de indagações específicas.

Os trechos destacados a seguir foram extraídos da fala dos participantes durante as entrevistas e foram agrupados seguindo o tema e a categoria que retratavam.

7.2.1. Tema crianças

7.2.1.1 Categoria características filhos

Esta categoria indica as principais características e comportamentos que, de acordo com os pais, descrevem ou representam melhor os seus filhos e seu modo de agir.

Alguns adjetivos e qualidades foram frequentemente associados aos filhos: inteligente, esperto, curioso, observador, questionador, argumentador, manipulador, teimoso, insistente, determinado, pensador, perceptivo, meigo, amoroso, carinhoso, empático, bondoso, espontâneo, comunicativo, articulado, falante, calmo, tranquilo, agitado, ativo, independente, maturidade, liderança, gênio forte, boa memória, aprende rápido, interage facilmente, tem opinião e fala muito.

“É uma criança questionadora, pensadora, muito meiga, ela tem... eu a acho extremamente articulada. Às vezes, manipuladora no sentido tanto do positivo quanto do negativo, como uma criança sabe onde tirar a manha da mãe e manipular um pouco aí, quando é necessário e também quando não é.” (M1)

“O que eu ressalto nele é que tem um gênio muito forte. É uma criança de opinião.” (M2)

“É auto independente, ele pega a roupa dele, eu deixo. [...] Ele fica até conseguir, ele fica na sua orelha, até você cansar.” (P2)

“Uma coisa não muda, na escola e em casa ele fala para caramba.” (M3)

“É inteligente, amoroso, é calmo, é paciente, as vezes é meio... como que eu vou falar... meio mimado” (P3)

“Eu acho interessante a maneira dele, assim, de lidar com o desconhecido, né. Essa curiosidade. [...] Ele tem essa facilidade, e na escola foi do mesmo jeito, quando eu vi já tinha feito amizade. [...] É bem comunicativo” (M4)

“É uma criança amorosa né, cuidadosa. [...] Teimoso.” (P4)

“Bem assim, comunicativa. Ela gosta, também, de ajudar as pessoas. [...] ela pula demais, como gosta de pular, né. Ela gosta de pular, de correr, ela gasta uma energia. Ela é bem ativa.” (M5)

“Ele lembra mesmo sem ter que se esforçar demais.” (M6)

“Determinado. Assim... ou uma coisa entre a determinação e a teimosia, porque ele é bastante... com uma opinião forte. Aí, por exemplo, quando ele é contrariado é difícil reverter essa contrariedade, assim... e para outras situações quando ele está em desvantagem, vamos dizer assim, ele também não desiste. Ele é bem... acaba sendo bem durão” (P6)

“É independente, tem iniciativa, ele programa as coisas muito rápido, então, ele não se contenta com qualquer resposta. E ele é bem objetivo, assim, no que ele quer. [...] Ele é muito detalhista, observador.” (M7)

“Ela é divertida, inteligente, né, no sentido de muitas coisas, está aprendendo, começou a aprender a falar agora, ainda tem aquela coisa de nenê, a gente ensina as palavras corretas, mas ela não é uma criança que dá tanto trabalho assim, ela é interagida.” (P8)

A forma de raciocinar, decodificar e refletir as informações das novas gerações é diferente das anteriores, segundo Prensky (2001), em função do contexto tecnológico que a estimula e os pais expressam essa percepção sobre a capacidade intelectual de que seus filhos mencionando que os consideram inteligentes.

“Eu acho extremamente esperta, muito inteligente.” (M1)

“É assim, muito esperto.” (M2)

“O C3 é inteligente.” (P3)

“Ele é bem inteligente, bem dedicado.” (M6)

“É uma criança esperta, ela fala até palavras em inglês. [...] Acho ela muito inteligente.” (M8)

Os pais indicam os comportamentos e a maneira como as crianças absorvem e desenvolvem o conhecimento acessível em seu entorno e como elas o demonstram na relação com as pessoas e com as coisas. Eles fazem com que a sua reação aos estímulos disponíveis em seu ambiente seja considerada ágil e perspicaz, e o armazenamento e recuperação das informações muito bom.

“É esperto, ele tem uma mente muito... uma memória muito boa. A gente passa num lugar e ele fala: aqui é a casa de fulano de tal. Na rua, a gente está passando de carro e ele fala: é aqui que eu vou estudar, aqui é a casa da dinda. Como é que ele sabe, se só passou de carro? Aí, já tem essas características já.” (P2)

“Ele raciocina muito rápido e perde o interesse. Vai lá e faz rapidinho e pronto: já lidei, já me livrei disso.” (M4)

“Até assim no modo de ela se expressar, né. A gente fala alguma coisa com ela e você vê que a cabeça dela já é mais aberta. Ela responde, mas assim, responde assim de uma coisa... Assim, ela tem uma percepção de responder... É, pensa rápido.” (P5)

“Ele tem uma memória muito boa, mas ele tem uma preguiça. Então, ele começa a ler um texto de história, ele bateu o olho e ele lembra de tudo o que ele viu na aula. Aí ele não lê mais, sabe. Ele não lê mais. Ele aprende super rápido, então, ele tem memória do que a professora falou na aula, entendeu?” (P6)

De acordo com Furia (2013), as crianças estão em contato constante com imagens e ideias presentes em muitos lugares e momentos e, fazer parte desse meio estimulante, desperta uma atitude de interesse e curiosidade pelo que ocorre ao seu redor.

“É uma criança de opinião, agitado, ele é esperto, curioso, pula, chama bastante atenção.” (M2)

“Por mais que eu tente enrolar: não, depois a gente vê. Ele sempre traz: você não falou que a gente ia ver, como que é isso? Tá bom, vamos pesquisar, vamos ver como que é.” (M4)

“Eu estou vendo uma coisa e ele já vem olhar, curiar, já quer mexer. Às vezes, eu estou com óculos e, ele quer tirar o óculos e olhar também como que é. Ele é curioso. [...] Ele quer saber de todos os detalhes” (P7)

Frente a concessão de poder e direitos desiguais conferidos pela hierarquia que é concedida pelo lugar ocupado na família, que pode legitimar o uso da autoridade e determinar subordinação, os pais relatam que a resposta dos filhos é de contestação. Eles pleiteiam a uniformidade dos preceitos familiares e conformidade entre o que é exigido que eles façam e o que é praticado pelos pais, utilizando aquilo que é ensinado pelos pais para refutar.

“Tendência de querer: mas, você não falou isso! É típico: C1, vai fazer tal coisa. Você não faz! Eu não tenho que fazer C1, quem tem que fazer é você, eu estou mandando. Então, como eu dou muita liberdade para ela: e daí que você está mandando? E eu já: como que é?” (M1)

“Ele tem opinião mesmo, ele enfrenta, ele não chora e, outra coisa, né bem, ele, às vezes, ele está nervosinho e joga as coisas no chão. Eu falo: vai lá pegar C2, pega. E ele vai assim, ele vai, abaixa no chão, comigo né, com a mãe, e faz assim com a mão, mas não abre a mão para pegar o objeto que ele jogou. Ele não pega.” (M2)

“Ele sabe o limite dele com cada um. Ele pode achar que se ele fizer alguma coisa, mexer em alguma coisa, eu não vou falar nada porque eu deixo ele fazer e ele sabe que quando é alguma coisa relacionada ao pai ou alguma coisa que o pai já falou para não fazer. Ele sabe muito bem.” (M3)

“Hoje, ele meio que manipula e usa contra a gente, se de repente a gente bate de frente com algo que ele não concorde.” (M4)

“Eu tenho a impressão que, muitas vezes ele quer se colocar num nível de igualdade, né. Como se a gente, claro, somos os pais dele, mas estivéssemos simplesmente morando os três juntos aqui, sem nenhum tipo de hierarquia, né. Aonde que ele é uma pessoa que está aqui e o que ele deseja, também, ou o que ele quer fazer, também, no tempo dele, tem que ser respeitado.” (P4)

Na interação com seus pais, também é verificada a busca das crianças por saber mais sobre as coisas que são negadas, as restrições feitas, questionamentos e solicitações de explicação sobre as regras, as razões e propósitos das condutas adotadas. O relacionamento horizontalizado, de maior proximidade e conversacional entre pais e filhos associados a capacidade das crianças de aprendizagem e assimilação de conteúdo propicia que adquiram argumentos e usem para contrapor e debater.

“O porquê, do porquê, do porquê. Então, tudo é: porque?” (M1)

“Não é nem que ele não aceita, muitas vezes ele fica falando mil vezes. Então, eu já falei que não C3. É, mas... Argumenta até você falar não depois, de novo.” (M3)

“Ele sempre usa o argumento: vocês têm que respeitar o meu desejo, não é assim? Não foi isso que vocês me ensinaram? Sempre cobrando dessa forma.” (M4)

“Ele questiona também, ele fala: mas porque eu não posso ir?” (P5)

“Ele argumenta. Assim, não é aquela criança birrenta, assim, que só usa a favor dele, não.” (M7)

O cumprimento de regras e limites estipulados, o respeito às restrições e realização de solicitações, são apresentados pelos pais conforme os critérios que elaboraram para as orientações que devem ser seguidas, as ordens e os pedidos acatados e se há tentativas dos filhos de fazer as coisas a sua maneira.

“Você é muito esperta, as regras que você quer aceitar você aceita. As regras de tomar banho no horário sozinha, fazer isso, fazer aquilo, você não quer.” (M1)

“Na hora de dormir, se eu falo: não C2, você não vai dormir aqui hoje. Você tem que dormir na sua cama. Às vezes, ele quer dormir na minha cama comigo, aí ele pega, vira a cara, vai para o outro canto, fica no meio do corredor e senta. Ali ele fica e não sai, se for o caso. Então, ele tem uma opinião muito forte.” (M2)

“Quando a coisa não é feita muito do jeito dele, ele resmungo.” (M3)

“Questionando, ele não fica. Ele fica de cara feia, ele fica mais, meio teimosinho com as coisas. Fica irritado: não posso fazer nada! nada eu posso!” (P5)

“Ele argumenta, assim por exemplo, mas ao mesmo tempo que ele argumenta, a gente contra argumenta. Depois dessa argumentação fica, por exemplo, ele fica emburrado.” (P6)

“Se você não explicar e falar: sai do computador que agora... Aí, vai ter uma pequena confusão. Não vai ficar bravo. Vai chorar, vai ficar... começar a resmungar” (M7)

“Quando põe a regra, na maioria das vezes ele obedece a regra, ele reluta um pouquinho, mas acaba obedecendo a regra” (P7)

Os pais descrevem que a reação de seus filhos quando são contrariados ou não têm suas vontades atendidas é ficarem emburrados e amuados em uma tentativa de demonstrar seu desagrado e conseguir o que desejam. Também comentam que buscam satisfazer suas vontades e suprir suas necessidades, acostumando-os a ser atendidos.

“Um gênio forte, de opinião, então assim, se fez uma coisa que não agradou ele, ele vira a cara, não conversa e fica firme.” (M2)

“Quando ele é contrariado ele sai batendo o pé. Não é tão calmo assim. É que quando o pai dele está, ele sabe que o pai fica bravo e, então, ele se segura. Mas, ele é meio invocado, assim, com certas coisas que fazem. Até um amigo, faz alguma coisa no jogo que ele não gosta, ele fica bem de bico. Mesmo na escola ele resmunga bastante.” (M3)

“Ela fica resistente, fala que não quer, e aí a gente: está bom, se você não quer, não quer. E aí ela senta no sofá e fica ali emburrada, chorando as vezes, e aí depois esquece.” (P5)

Cientes de seus gostos, segundo os pais, as crianças procuram fazer valer o seu desejo e impor suas vontades sendo resolutas e decididas. Nas brincadeiras com os amigos tentam convencê-los a fazer o que querem e conduzir por persuasão ou autoritarismo.

“Gosta de tomar conta das coisas, ela gosta de manipular a brincadeira. Então, a brincadeira tem que ser do jeito dela.” (M5)

“Ele manda, ele quer do jeito dele, ele já sabe o que ele quer, como ele quer, como é para fazer. Se estiver fazendo errado, ele sabe falar: oh, isso não é assim, é assado. [...] Ele lidera. Exatamente, ele sabe liderar. Ele já tem esse instinto de liderança.” (P7)

A facilidade de contato com outras pessoas, interação espontânea e desinibição é retratada pelos pais, na maioria das crianças. Mesmo aquelas mais inibidas no primeiro contato se socializam depois.

“Onde a gente vai, num instantinho ele já entra, ele não tem vergonha. [...] Ele tem essa facilidade de transitar. Ele entra, conversa.” (M4)

“É bem assim, espontânea, né. Ela se interage muito rápido com as pessoas. Se a gente vai numa festa, a gente não conhece ninguém, ela faz amizade muito rápido, muito... já está lá falando.” (M5)

“Se dá bem na escola com todo mundo.” (P5)

“Eu queria que ela fosse mais fechada, né. Não, se você falar vamos ali com a tia, ela vai.” (M8)

“Ele interage bem assim, se dá bem assim, brinca, conversa, respeita.” (M7)

Os pais ressaltam a demonstração de vitalidade, energia física e disposição dos filhos, como ocupam o seu tempo, as atividades praticadas e as preferências por determinadas brincadeiras e brinquedos.

“Ele fala: prefiro ficar em casa.” (M3)

“Bem tranquilo, não é muito de querer sair. [...] Em casa ele é meio agitado. [...] Só que assim, a gente tem que tirar da mão dele porque se deixar, fica colado no celular” (M5)

“Eles gostam mais de assistir e jogar.” (P5)

“Ele é ativo, mas ele é intenso. Como eu estou falando dessa determinação, se ele vai jogar bola e ele quer tomar a bola, ele vai tomar a bola. Se ele tem que, por exemplo... é uma jogada dura, ele vai lá nessa jogada dura, pensando que outros tirariam o pé, entendeu. Se tem uma questão assim que é um desafio, por exemplo, ele encara o desafio.” (P6)

“Ele é muito ativo, ele brinca com tudo. Às vezes, brinquedo tipo montanha, carta, ele brinca com tudo.” (P7)

“Se ela não estiver com o celular, ela brinca bastante, antes ela ficava mais no celular, só que agora que ela entende mais.” (M8)

Com maior liberdade de expressão e de participação no sistema familiar e um vocabulário amplo desenvolvido a partir dos conteúdos que tem contato e as relações dialógicas, os pais consideram que as crianças estão mais comunicativas e se manifestando com mais frequência e desembaraço.

“Ela me fala tudo. Acho que com exceção até dessas coisas mais de menina mesmo, daí ela acaba procurando mais a M1 do que eu.” (P1)

“Ele fala mesmo, não tem, não tem medo de falar não, ele se descola sozinho. [...] Ele conversa de tudo, se você chamar ele para conversar, ele conversa o assunto que você quiser.” (P3)

“Desde pequeno, se deixar sozinho ele conversa com as canetas, ele cria um modo para ele conversar. [...] Hoje eu percebo que o C4, ele participa mais, às vezes ele dá opinião.” (M4)

“Ela fala, ela mete a boca mesmo. Aí a gente tem que segurar: C5, não é assim.” (P5)

“Ele quer conversar, ele fala de tudo e passa o dia inteiro falando.” (M7)

7.2.1.2 Categoria características dos pais quando criança

Os pais relatam como eram quando crianças, seu jeito, suas preferências e como se comportavam.

O relato dos pais de como eram quando crianças, se concentram em seu comportamento, as brincadeiras que gostavam e o tipo de comunicação que estabeleciam com seus progenitores.

Descrevem-se como crianças preocupadas em manter um bom comportamento, sem malícia e que eram menos protegidas pelos pais, portanto possuíam responsabilidades e independência.

“Era muito responsável, muito responsável. Eu fui me dar conta disso quando já era mais adolescente. Que eu falo para você, não fui criança, principalmente quando eu converso com o P1, porque eu pensava demais.” (M1)

“Com 5, 6 anos sabia tomar um ônibus, andava sozinho, ia para a escola sozinho na primeira série. Ia para a escola sozinho, levando uma criança menor que eu e que eu era responsável por ela.” (P1)

“Eu até os doze anos, acho que eu era bobo.” (P3)

“Nunca fui assim, de cobra nada. Se ter, tinha; se tinha, tinha; se não tinha, eu ficava na minha.” (P5)

“Sempre fui muito independente.” (M8)

A relação com o seus próprios pais e familiares era de distanciamento e sem diálogo. Não se posicionavam diante dos acontecimentos ou emitiam opiniões e evitavam protestos.

“Eu nem pensava em discordar. Tipo assim, eu nem pensava em discordar, então, muitas vezes eu não me vi questionando algumas coisas que eu deveria ter questionado.” (M1)

“Eu era aquela criança que não respondia na frente, mas fazia por trás, entendeu, era aquela criança digamos, mais esperta. [...] Discordava, mas não respondia, porque naquela época a gente sabia que não ia ter a resposta, a resposta era um “porque não” e acabou, e se você insistisse no porque não, o porque não virava uma punição, então era melhor não insistir.” (P1)

“Eu não era assim de falar. Eu tinha vontade de, as vezes gritar. Mas não, se eu falar minha mãe vai me bater, vai brigar comigo.” (M5)

“Não é não, e acabou. Não tinha o que questionar mais. E eu, às vezes, como eu sou meio C5, que não seguia o exemplo” (P5)

Respeitavam as imposições e ordens estabelecidas e quando discordavam os limites eram desobedecidos apenas escondido. Tinham uma atitude mais pacífica.

“Quebrava as coisas e tentava esconder. [...] Eu aprontava, aprontava um monte, mas eu sabia que existia um limite máximo ali, eu sabia que tinha uma beira do abismo.” (P1)

“Às vezes, eu ia nas casas de parentes, coisa e tal, e eu ficava olhando e eu queria comer. Deixava todo mundo sair né, de perto e ia lá e comia a banana escondido e ninguém ficava sabendo.” (P5)

As atividades de lazer e as brincadeiras eram realizadas em ambiente externo com maior interação e liberdade.

“Eu brincava, corria...” (M1)

“Bolinha de gude, futebol, eu era moleque, bem moleque mesmo.” (M2)

“Brincava na rua, jogava bola, brincava de esconde-esconde, pega-pega, tinha uma bicicleta, tinha um Atari para jogar.” (P5)

“Brincava na rua, eu também descia de carrinho de rolimã.” (M6)

“Sempre preferi mais esportes, de estar na rua, então era muito... como eu morava com um quintal muito grande, tinha muitas coisas lá, era muito engenhoso. Assim... montava as coisas. Meu quintal tinha um pomar, montava minha cabana, montava meus próprios brinquedos [...]. Enquanto não estava na escola, eu praticamente estava na rua. Só voltava quando escurecia.” (P6)

7.2.1.3 Categoria características de outras crianças

Os pais afirmam perceber algumas características e comportamentos também em outras crianças, além de seus filhos, que os levam a pensar que não são traços somente individuais que se referem, exclusivamente, a personalidade, e consideram, na verdade, serem mais comuns.

“Eles têm palavras que eu acho que são extremamente maduras em geral. É um ou outro que não, mas a maioria. [...] Essas crianças têm essa capacidade, às vezes, de sentir mais, a impressão que eu tenho é isso, é muito sensível. [...] Mais questionadoras, mais curiosas. [...] Eles são espontâneos e é difícil lidar com isso. [...] Hoje em dia, elas são mais naturais e na frente dos adultos. [...] Aprontam e não sei o que, sabem o limite, mas eles, eu acho eles mais espontâneos, por isso que eu acho interessante. [...] Eles têm essa conexão, eu vejo isso claro, como essa geração é mais sensível. Acredito que eles são, até o menos deles, eu acho que são mais do que os outros. Eles acabam absorvendo mais esses problemas, de olhar na rua e ver um mendigo e se sensibiliza. [...] É uma coisa que é deles. Então, nunca vejo só a minha filha, vejo mais porque ela está comigo, mas assim, de chorar, de olhar uma pessoa na rua e começar a chorar porque está na rua, sabe?” (M1)

“Mais curiosas, elas têm como saciar, elas têm, parece que elas são mais curiosas do que nós éramos.” (P1)

“Eles não valorizam, é descartável. Então, você sabe que o celular é caro. Então, deu um nervosinho, não importa quanto você pagou, vai lá e quebra.” (P2)

“Não sabe, como se diz... não é controlar o sentimento, talvez não conheça, não sabe lidar com... talvez um não. [...] Eles não têm noção, não tem noção... Então, ontem ele estava conversando com um amigo dele, ontem não, domingo, que eles estavam jogando aquela garrafinha d’água que cai em pé: o moleque jogou tão forte que quebrou a lâmpada, e daí, começamos a dar risada lá! Pronto, normal para eles.” (M3)

“Fica fixado ali entre a TV, aí ele sai da TV, ele vai para o computador, né, é o tablet, é tudo muito ao mesmo tempo, é o celular e tal. [...] As crianças já tinham tablet quando a gente se reunia.” (M4)

“As outras crianças tinham ali, utilizavam tablet, celular né, e tal, e ele não utilizava e as vezes ele ficava isolado por conta disso.” (P4)

“Vejo muitas crianças, por aí fora, pedindo tênis de marca, roupa de marca, passear, mesada.” (M5)

“Hoje eles pedem para ter WhatsApp, eles pedem para ter chip no celular e eu falo, não, não é o momento agora, e eles falam, mas todos os meus amigos da escola têm WhatsApp.” (M6)

“Tenho um sobrinho de nove, você está conversando e ele se intromete, ou se você contar alguma mentira, qualquer que seja, ele desmente na sua cara. E assim segue, e não adianta fazer minha irmã, eu não sei... Agora com ela não sei porque ainda está em processo, né. Não sei como é que vai ser, mas acredito que ela vai ser também essa criança que a gente está falando, ela vai se intrometer.” (M8)

7.2.1.4 Categoria influências sobre as crianças

Algumas ações e circunstâncias, são sinalizadas pelos pais como possíveis potencializadoras de mudanças no perfil de seus filhos e de outras crianças.

De acordo com Oliveira (2009):

As contradições sociais que vivenciamos trazem um mundo novo no qual as famílias passam pela escalada da violência urbana, deixando como consequências o crime, a morte, o tráfico e outras manifestações que podem aterrorizar a vida das pessoas. (OLIVEIRA, 2009, p. 81).

Os pais mencionam as mudanças nas formas de se relacionar com os filhos, a maior proximidade no contato, dedicação a eles, liberdade de expressão e trocas afetivas.

“Hoje em dia, as crianças têm muito mais atenção, muito mais cuidado, então, talvez isso gere um pouco esses medos. Por ela não saber, às vezes, enfrentar, tão sozinha, alguma coisa, como a gente era obrigado a enfrentar. [...] Eles têm mais oportunidade em serem espontâneos. Acho que a geração de hoje eles podem ser espontâneos. Não são soldadinhos criados. A regra é igual para todo mundo. [...] Por conta, digamos, desse diálogo aberto, de ter essa liberdade, dificulta muito a criação. Porque, várias vezes, ela confunde a mãe com uma amiga porque eu permiti isso de alguma forma.” (M1)

“A gente ser mais protetor pelo medo que a gente tem, pela insegurança que a gente sente, faz a gente ser mais protetor e isso, conseqüentemente, muda a forma da criança porque ela acaba, em certo sentido, entrando em temas, talvez mais adultos, mais cedo.” (P1)

“As crianças ficavam mais com os pais né, com os filhos. Ia trabalhar o pai e a mãe ficava em casa. Hoje já é diferente. Vamos colocar na escola, e o pai e a mãe vão trabalhar porque senão, não dá. Então, a criança vai ficando mais independente por si só.” (M8)

Embora seja um relacionamento em que há maior intimidade, o tempo de convívio é menor e os pais consideram que essa ausência provoca um impacto importante.

“Eu penso que essa geração de hoje, ela tem menos... Apesar de os pais serem mais próximos, darem mais liberdade, eles têm menos presença física dos pais. A grande maioria. E antes, a gente tinha mais a presença física do pai e da mãe. A mãe estava geralmente em casa o dia inteiro e, hoje não é assim. Então, são crianças que são criadas nas suas necessidades básicas, às vezes, na maioria delas, por uma escola ou por uma babá. E, se tem o pai e a mãe lá no final do dia ou de manhã, você está conversando, mas não tem essa presença física. Eu acho que isso é algo que, de alguma forma, influencia até para que eles sejam mais questionadores. É diferente, sei lá. Você tem liberdade de você ficar questionando a babá, papapa, a professora, os pais... Você estava em casa, vai no banheiro, era diferente, você não tinha muito disso. Então, eu acho que essa falta de presença física, ela é algo que, eu acho, que influenciou bastante no comportamento das crianças hoje em dia né.” (M1)

“O que influencia muito as crianças hoje, além desse mundo digital todo que eles têm acesso, eu penso um pouco nessa mudança de rotina que a gente tem. Igual, o P6 tem essa flexibilidade toda, mas eu não tenho essa flexibilidade toda. E, eu vejo que muitos pais não tem essa flexibilidade toda e que isso mudou, né, a convivência das crianças. Porque hoje, muitas crianças não tem esse convívio, esse diálogo com os pais. E então, eu vejo que isso dificulta muito, às vezes, a criança enfrentar alguns problemas, enfrentar alguns desafios e acaba levando a transtornos que antigamente não tinha. [...] Um pouco dessa influência da ausência dos pais. Acho que dessa mudança mesmo, de rotina, que as pessoas, muitas não sabem, de alguma forma, utilizá-la. Então, por exemplo, as vezes o tempinho que tem para ficar com os filhos é o tempo que usa para ficar no celular, é o tempo que usa para fazer outras coisas, né.” (M6)

É dado destaque à influência do volume de informação, a facilidade de acesso e contato intenso com a tecnologia.

“Eles têm mais informação do que a gente tinha, hoje eles querem informação, pega o celular, pega o tablet...” (P1)

“Hoje, você tem informações que não tem nada a ver nem com estudo. O dia a dia tem informação sobre qualquer produto. [...] A questão da informação, do acesso à internet, que traz tudo isso. O que muda muito, acho, que no dia de hoje também, que, na verdade, a tecnologia afeta até no estudo né. Na escola, no dia a dia para eles, mudam tudo, porque na escola, hoje em dia, eles podem fazer pesquisa no computador, no tablet, eles conseguem. Tem muita coisa. Tem escola que a criança não escreve mais, não precisa mais escrever, faz pelo tablet, faz pelo computador.” (M3)

“O que eu acho muito, que tem muita diferença, é exatamente isso: a internet traz muita informação para as crianças, de coisas que nós não tínhamos. Então, a comparação de ele falar, eu acho que eu era bobo. Não, mas não tinha de onde buscar tanta informação do jeito que hoje tem.” (P3)

“A questão do acesso à internet, aí à disposição, que tudo tem um argumento, traz alguma coisa. Acho que é mais nesse sentido que a gente conversou logo, esse acesso. Porque o mundo está ali diante deles, né, e eu acho que isso faz com que eles tenham acesso ao que a gente não tinha, tão facilmente, no passado.” (M4)

“Eles têm informação que não é adequada para a idade, por exemplo. Então, acho que isso vai gerar um conflito porque a criança vai amadurecer mais rápido, ficar adulta mais rápido.” (M7)

“Tem a tecnologia, o acesso à informação. O que a gente demorava doze anos, quinze anos para saber, hoje, com três, quatro eles já sabem.” (P7)

“Pelo fato de ele ter, sei lá, tablet, celular, videogame, então, às vezes, ele é condicionado a fazer duas ou três coisas ali ao mesmo tempo. E, às vezes, você pedia a atenção, o foco para fazer uma coisa só, é difícil, porque, justamente, ele está estimulado, acostumado a fazer várias coisas ao mesmo tempo, né. Até mesmo, sei lá, com o dever de casa, de falar: filho se concentra, e tem que fazer. É difícil por conta de todos esses estímulos. O que pode acabar tendo uma carga, ali, de dificuldade adicional para que ele possa fazer. [...] Tenho uma convicção que, hoje, as crianças tem muito mais estímulos do que nós tínhamos quando criança, né. Hoje em dia, as crianças tem celular, tem tablet, tem vídeo game, tem todos os equipamentos eletrônicos, sabe. Tudo isso, acaba estimulando as crianças para que elas possam fazer coisas diversas, possam, de repente, obter informações diversas, né. [...] Hoje, a gente tem a referência de alguns influencers digitais. Você pega, de repente, o Felipe Neto ou o Lucas Neto, que está em todo momento interagindo com as crianças. E, eu acho que muito do que, de repente, as crianças, e eu coloco o C4 dentro, de uma das referências que ele utiliza, eu acredito que alguns desses argumentos surgem a partir daí, né.” (P4)

“Eles têm acesso a muita informação. Não quer dizer que seja uma informação qualificada e não quer dizer que seja um aprendizado, um método de aprendizado. É informação. Quem tem facilidade, consegue lidar com essa informação. Nós, por exemplo, temos aqui os nossos filhos, não sei se por sorte ou azar, facilidade de lidar com a informação, então uma coisa que eles ouvem numa conversa nossa, uma coisa que eles ouvem na TV ou uma coisa que eles ouvem lá do youtuber lá que eles assistem, eles correlacionam rapidinho, entendeu. [...] A mudança da rotina, eles são bombardeados com informação, eles têm sido incentivados, já sabem coletar as informações e manipular, fazer a manipulação deles lá, com essa informação e aí por outras.” (P6)

A sociedade de consumo e o estímulo à aquisição e compras, também são consideradas pelos pais como elementos que sugestionam o comportamento das crianças na atualidade.

“Às vezes, os pais para compensar a ausência: oh, tó, tó. E aí, isso acaba interferindo.” (M2)

“Acho que o mundo interfere. Que nem hoje, porque é Black Friday: ah, porque a gente precisa comprar! O mundo está com essa questão comercial, o consumismo.” (P2)

“Como os filhos mandam nos pais, meio que os pais, se desdobram para poder comprar as coisas que eles querem. Então, comprar uma roupa diferenciada, um jogo... essas coisas influenciam no dia a dia.” (M3)

“Igual celular, cada dia aparece um celular novo. Videogame, cada dia um videogame novo. Para eles: nossa! Tem que estar atualizado.” (M5)

O sistema educacional adotado pelas instituições de ensino, o papel que a escola possui e os métodos de transmitir os conteúdos acadêmicos, assim como os comportamentos reforçados que proporcionam a aquisição de conhecimento, também são mencionados.

“Eu achei muito interessante, porque ele, no primeiro ano, eles faziam uma roda de conversa para saber a opinião das crianças. E eu: meu Deus, o que é isso? Imagina! Eh, como assim? E ajuda a questionar né.” (P4)

“Hoje em dia, a escola dá muito mais liberdade. A escola, na nossa época, era diferente. Eu acho que, hoje você tem um monte de método. Tem o tradicional, tem o nanana... na nossa época era o tradicional e o muito tradicional, entendeu. Acho que, hoje em dia, eles têm mais espaço e tem mais informação, a gente não tinha informação.” (P1)

“Ele fica dez horas na escola, imagina dez horas numa escola? Mas não é que ele reclama assim, mas tem dias que ele realmente está cansado.” (M3)

7.2.1.5 Categoria conceito de criança

O conceito que os pais atribuem a como é ser criança na atualidade, baseado em suas concepções, percepções e vivências.

“Gostaria que eles fossem mais moleques né, de brincar. Eu acho que eles precisam sair mais. [...] A geração hoje, a criança só falta nascer andando e falando já. Eu acho que está uma geração, assim, tem muita informação.” (M2)

“Não sabe lidar com... talvez um não. Criança que não tem não, que não sabe lidar com não, com uma rejeição. Isso eu acho que nas crianças, hoje, mudam, tem diferença.” (M3)

“Para mim ser criança é ser espontâneo e ser feliz. [...] Ela tem umas coisas dela que eu falo assim, poxa vida, é dela, é meio a uma velha. E, como a gente conhece algumas pessoas da nossa geração, aí você fala: essa pessoa é diferenciada. [...] Eles têm essa conexão. Eu vejo isso claro, como essa geração é mais sensível. Acredito que eles são, até o menos deles, eu acho que são mais do que os outros. Eles acabam absorvendo mais esses problemas, de olhar na rua e ver um mendigo e se sensibilizar. É uma coisa que é deles, então nunca vejo só a minha filha. [...] Criança tem que ser espontânea, criança não tem que pensar, criança tem que ser feliz.” (M1)

“Ser criança, hoje, a gente sempre faz comparativo, né. Eu brincava na rua, isso, aquilo e tal, e hoje, a gente percebe que está um pouco diferente. Até a questão que você comentou de ir para a escola sozinho, não dá. Eu ia, na idade dele eu ia para a escola sozinho, hoje, não consigo imaginar.” (M4)

“Acho que está muito isso: ah, porque fulano tem eu também quero ter. Então, acho que hoje, esse negócio de tecnologia, está acabando com as crianças, com os adolescentes porque está muito, é ostentação.” (M5)

“As crianças, voltando para a era de hoje, fez aniversário dá carrinho, dá boneca, mas a criança tem isso, tem isso, tem isso e eles não vão brincar. Muitas vezes, a gente fala, vai fazer aniversário dá roupa. Dá roupa, dá sapato, dá uma camisa, dá um short, é melhor do que ficar trazendo brinquedo.” (P5)

“Para mim é o curtir. Assim, é trazer os pequenos detalhes para você se lembrar. Porque assim, tem coisas, por exemplo vai, eles têm um carrinho de rolimã, então aqui é uma descida, eles descem no carrinho de rolimã.” (M6)

“Acho que não é muito fácil não e eles tem muitas obrigações, né. E escola, por mais que seja bom, eu acho que acaba sendo sobrecarregado.” (M7)

“A gente brincava de tudo quanto era brincadeira, subia nas árvores, pegava bicho de pé, empinava pipa, jogava pião. As crianças, hoje, não querem saber muito disso. Acho que elas são inteligentes na tecnologia, mas solta uma criança de nove anos hoje para atravessar uma rua? [...] Ela eu morro de medo porque eu queria que ela fosse mais fechada, né. Não, se você falar vamos ali com a tia, ela vai.” (M8)

7.2.2. Tema infância

7.2.2.1 Categoria características da infância dos filhos

As propriedades e particularidades que os pais identificam que, na atualidade, fazem parte e caracterizam a infância. São mencionados os aspectos relativos ao contexto sociocultural, econômico e, principalmente, relacional presentes que compõem esse período do desenvolvimento e distingue do modo como era vivido anteriormente.

Os pais mencionam a forma como os filhos são tratados e o tipo de cuidados que recebem.

“A gente é muito mais próxima aos filhos, do que os pais eram antes.” (M1)

“Hoje em dia, as crianças têm muito mais atenção, muito mais cuidado. [...] Hoje, acho que como até as crianças ficam mais dentro de casa do que nós, do que eu vejo a C1, do que eu, então, esse tempo junto com os pais aumenta, de estar junto, sentar, conversar, ver um filme junto. [...] Hoje em dia acho que os pais, pelo que eu vejo, dão muita liberdade. E alguns dão até excessivas, porque eu acho que tem questões que não tem que ser discutidas com as crianças.” (P1)

“Uma coisa que a gente também tem hoje, é a interferência de avós, né. Dos avós, eu acho que é importante, não sei... Como que é aí fora, as pessoas falam, vô e vó faz tudo, né. O pai educa e avô e avó deseducam.” (M2)

“O C4, na hora de dormir ele gosta que vai lá, cobre, dá beijo, faz oração. E o P4: não, ele precisa se cobrir sozinho que quando eu era pequeno... E eu falei: P4, quando você menos esperar, não vai ter mais.” (M4)

“Gosto de brincar com eles, gosto de dançar, quero estar junto, o C6.2 já não gosta, o C6 eu percebo que se não fosse o C6.2, ele gostaria.” (M6)

“Sempre que a gente pode, eu acompanho ele na piscina, eu desço para o parque.” (M7)

O conhecimento disponível, é considerado pelos pais, mais abrangente, com acesso maior e mais fácil, além da tecnologia ser um recurso para encontrar material e facilitar a aprendizagem.

“Hoje também, as crianças têm muito acesso à informação que nós não tínhamos. [...] Hoje em dia, ela pega o celular e pesquisa o que ela quer, ela quer tirar uma dúvida ela pega o celular.” (P1)

“Hoje eles têm um mundo ali diante deles, e assim, que bom que estão usando a favor.” (M4)

“Hoje, eles podem, de repente, fazer esses questionamentos na internet e a gente, basicamente, nem saber o que eles estão questionando, estão perguntando por aí, né. Então, eu acredito que tem muito mais liberdade neste sentido. De se expressar, inclusive, né.” (P4)

“Quer saber alguma coisa, pergunta para o Google.” (P7)

“Eles têm acesso a essa informação e eles conseguem relacionar as informações com muita facilidade, para o bem e para o mal. [...] Aprendem uma coisa, assim, com uma amplitude maior, e isso acaba sendo, no meu ponto de vista, ruim.” (P6)

Porém esse mesmo volume e facilidade de obtenção da informação é percebido como excessivo, muitas vezes, e inserido antes ou além do necessário, inclusive, pelas instituições de ensino que praticam e concretizam essa prática, sobrecarregando as crianças.

“As crianças vão para a escola e aí na escola [...] as crianças acabam colocando seu potencial de criatividade mais para fora e aí vem tudo. Vem o bom e o ruim de uma criatividade.” (M1)

“Hoje, na primeira série a criança já tem que saber ler e escrever e ela carrega uma apostila, caramba [...] Tira da criança, a infância, assim, do brincar e aprender. O aprender deles também é diferenciado. O aprender hoje deles, acho que é muito. A bagagem que eles têm que carregar e aprender é muito maior do que a gente tinha, né. Que eles têm que trazer, aprender muito mais tempo.” (M3)

O uso de bens materiais pelos pais como forma de compensação pela ausência, a possibilidade de ofertar aos filhos coisas que antes não puderam ter, a valorização social e qualificação pela posse e o incentivo ao consumo e é novamente apontada.

“Antigamente, a gente não tinha isso de... lógico que tinha aquela coisa, a minha bola é melhor que a sua, mas hoje está muito. É muita coisa cara, muita ostentação, acho que muita coisa surreal na verdade.” (M5)

“Hoje, assim, eu percebo que eles têm uma estrutura muito melhor. Que a gente pode dar para eles o que eles quiserem. A gente pode dar, mas ao mesmo tempo a gente também, como ele colocou, a gente também tem que se segurar um pouco porque senão eles também nunca vão ter nenhum tipo de frustração na vida dele. Porque tudo o que eles querem, eles têm.” (M6)

“Hoje está menos, as famílias estão menores, a gente vê assim, o espaçamento entre as idades é grande. Não tem uma disputa, assim, muito grande. Ou então, fica sob os cuidados da avó ou de uma cuidadora, uma babá e tal. E aí, tem uma questão, assim, que eles não têm muita frustração porque vai nisso daí. Quem ficou fora, faz, dá um jeito de compensar aquilo. Vou compensar hoje com uma coisa material, né.” (P6)

As opções de entretenimento e lazer que cerca as crianças são consideradas pelos pais bastante diferenciada pela presença maior de brinquedos eletrônicos e em ambientes fechados.

“Hoje as crianças ficam mais dentro de casa.” (M6)

“Acho que com essa relação que eles têm hoje, eles gostam muito de TV hoje, de ficar em casa, talvez até pelo conforto que a gente proporcione. [...] Para eles, ah, se quebrou a bicicleta eu vou assistir a TV, se não tem a TV eu vou para o celular, se não tem isso aí, eu vou procurar uma outra coisa.” (P6)

“Tem uma diferença, que hoje, as crianças são muito, brinca de videogame, de ipad, computador... Eles não... não é como era antes, que não tinha isso.” (M3)

“Antigamente, a gente tinha mais liberdade. Tanto que dava oito, nove horas a gente estava brincando de esconde-esconde na rua. E hoje, eles não sabem o que é isso. Brincar ali no mundinho fechado, eu acho que isso muda.” (M7)

Como o tempo dos filhos é ocupado e preenchido, a quantidade de atividades e o ritmo de vida que eles têm são considerados pelos pais elevados e acelerados para a idade.

“Hoje, as crianças tem que ficar praticamente o dia inteiro na escola, por causa que os pais trabalham e não dá para deixar eles em casa.” (M3)

“Ele fica comigo, então ele tem que ficar a mesma carga horaria que eu faço de trabalho, independente se ele está ali brincando ou não. Então é muito cansativo, então chega em casa no nosso horário. Antes não, minha mãe saía para trabalhar e eu ficava em casa, eu dormia, eu descansava, tinha a TV. Então, acho que acaba mudando. [...] Eles estão sendo criados na nossa rotina, então as vezes é corrido. Eles estão ali, no ritmo e nas obrigações que a gente já tem.” (M7)

“O ritmo de vida de todos né, porque o ritmo de vida é mais acelerado. Antigamente, as crianças nasciam com os olhos fechados. Hoje, já nasce praticamente andando.” (M8)

7.2.2.2 Categoria características da infância dos pais

Nessa categoria os pais falam sobre sua própria infância, a memória que têm daquela época, a forma de se relacionar com os pais e os fatos que consideram a terem marcado.

Descrevem um relacionamento entre pais e filhos hierárquico, distanciado e em que os pais ocupavam um lugar de autoridade e respeito e não havia diálogo.

“A principal diferença entre as criações que é você criar um vínculo. Então assim, acho que na geração anterior, na minha experiência, a gente não criou vínculo com os pais. Você tinha uma criação de autoridade. [...] A gente vem de uma cultura de medo. Você respeitava pelo medo, não pela admiração, porque eu acho que essa é a principal diferença. [...] Minha mãe é uma mulher forte, ela cuidava da casa, ela estava. Mas eu não tenho uma lembrança da minha falando comigo assim: vamos brincar filha. Não tenho.” (M1)

“A gente não tinha muita... muito diálogo. Não tinha linha de diálogo, era isso e acabou, obedece. [...] Naquela época, a gente sabia que não ia ter a resposta. A resposta era um porque não e acabou. E se você insistisse no: porque não? O porque não, virava uma punição. Então, era melhor não insistir. [...] Quando sentava todo mundo na mesa para a refeição você tinha esse tempo, você tinha uma conversa, mas fora isso, os outros momentos, eu me lembro muito mais, por exemplo, no meu quarto ou brincando com meus amigos. [...] Na nossa idade, a gente tinha muito menos a atenção dos pais do que hoje em dia.” (P1)

“A gente tinha medo, né.” (M6)

“Antigamente os pais, eu não condeno nenhum, mas não tinha esse negócio de conversa.” (P5)

Em sua maioria, as mães permaneciam em casa e eram as principais responsáveis pelos cuidados com os filhos e os homens trabalhavam. Passavam muito mais tempo com os filhos, mas não participavam das atividades deles.

“A mãe ficava em casa. Na grande maioria, a mãe ficava em casa. [...] A mãe, a noite botava para dormir no horário certo, estava cansada fisicamente, mas a mãe não tinha o estresse do trabalho. A família era muito separada. O pai tem aquela carga do trabalho, do estresse, que aquilo é terrível.” (M1)

“A mãe tinha o trabalho de casa. [...] O trabalho da mãe era ser mãe, era outro mundo. [...] Os pais antigamente não traziam trabalho para casa.” (P1)

“Lembro que os meus pais trabalhavam, a gente ficava com a minha irmã mais velha. Então a gente brincava muito, muito mesmo. Era bem tranquilo, sossegado.” (M7)

“Na minha infância o meu pai trabalhava muito, né. [...] Na época, então ele trabalhava muito e eu ficava muito com a minha mãe.” (P7)

Era exigido das crianças um comportamento contido e recatado para permanecer junto aos adultos, não era permitido participar ou interferir nas conversas. O comportamento considerado ideal era aquele em as regras eram introjetadas e respeitadas sem a necessidade de repetição em público, bastando um olhar.

“Eu ficava com medo de ir para a diretoria, depois de a professora mandar um bilhete e depois, o pior de tudo, de chamar a minha mãe. Esse era o pior. Eu sabia que eu ia apanhar. Mas tinha medo, então evitava ir.” (P3)

“A gente quando era pequeno: tem que ficar sentadinho, comportadinho. [...] Antes a gente era forçado a ficar lá sentadinho e tal. E, aí de levantar, né! Já vinha com aquele olhar, né. E aí, ficava lá sentadinho: mas porque que eu não posso? Tá vendo lá, aquela criança quietinha, comportada e tal.” (M4)

“Quando adulto estava conversando, até uma determinada idade, a gente não podia opinar e os nossos pais sempre reforçavam.” (P4)

“Não tinha esse negócio de conversa. Antigamente, era não e não, e não discute. Era isso e acabou.” (P5)

“Antigamente, chegava visita em casa, o pai e a mãe só olhava. Com o olho a gente já sabia que ou sai ou vai apanhar.” (M8)

“A rotina, a criança já vê você fazendo e ela já vai aprendendo. Não é que nem antigamente, nossos pais falavam assim, você vai ficar aqui e pronto, não tinha como.” (P8)

É relatado que as brincadeiras eram muito mais coletivas, ao ar livre, simples e com brinquedos que demandavam e estimulavam a criatividade.

“As crianças, você não tinha celular, então elas tinham que usar a criatividade para brincar de alguma coisa. Tinha que ser criativos.” (M1)

“Na nossa época, a gente brincava de bola no campo.” (P2)

“Na nossa época que eu ia para a rua brincar, brincava. Voltava da escola, fazia lição e brincava a tarde inteira. Até a hora de jantar eu brincava na rua e brincava de coisas, de bola, de pega-pega, de esconde-esconde, de pique. Cada brincadeira que hoje ninguém nem sabe o que é.” (M3)

“A gente brincava no mato lá, se divertia, não tinha telefone, não tinha internet.” (P3)

“Na rua, na minha época, a gente brincava de bola.” (M5)

“Antigamente, a nossa diversão o que era? Era brincar na rua, não é?! Era... brincava na rua, jogava bola, brincava de esconde-esconde, pega-pega.” (P5)

“A gente brincava de tudo quanto era brincadeira, subia nas arvores, pegava bicho de pé, empinava pipa, jogava pião.” (M8)

“Tanto eu quanto minhas irmãs, pipa, bolinha de gude. Na casa da minha mãe tinha um campo na frente, então minha mãe levava a gente para empinar pipa. [...] Antes a gente tinha mais liberdade, até para brincar na rua, para sair, por mais que não tinha tecnologia.” (M7)

Os filhos ingressavam na escola mais tarde e a vida acadêmica era a principal via de acesso ao conhecimento e de obtenção e troca de informações sobre diversos assuntos.

“Estava muito lá longe. Talvez existisse, mas como não tinha a internet, você não tinha acesso global a tanta informação. Jornal nacional era coisa de São Paulo né. Era diferente.” (M1)

“Nossa informação era basicamente o que os pais falavam e a escola.” (P1)

“A questão da informação. A gente não tinha, vamos dizer, muito o que almejar, porque o nosso conhecimento do que podia ter e acontecer, também, era limitado.” (M3)

“Infância na nossa época, infância era brincar, se divertir, passar o dia a dia, aprender, ir para a escola, aprender o bê-á-bá, começar do zero. Aprender tudo, mas no seu tempo.” (P3)

“A gente mal assistia jornal assim. E tinha, ia na biblioteca se quisesse fazer um trabalho, enciclopédia.” (M4)

“A gente começou mesmo quando era prezinho. então você começa a aprender alguma coisa. Na televisão era só o desenho, era um ou outro que passava, na cultura que você via fazendo experiência ou alguma conta. Hoje, não. Que nem os vídeos dela, ela já vai aprendendo as coisas. Antigamente, não tinha algo que falava inglês, como eram as cores. Ia começar mesmo quando você já estava na escola.” (P8)

7.2.2.3 Categoria influências sobre a infância

Os participantes indicam quais são os fatores e mudanças que consideram ter interferido nos parâmetros que compõem a infância ou que ainda estão presentes e acontecendo e provocam alterações na maneira que ela se caracteriza e é vivenciada.

Os perigos decorrentes da vida urbana, a violência e a insegurança dos contatos realizados no meio virtual e informações advindas da internet são considerados pelos pais como aspectos importantes.

“Eu acho que o mais difícil hoje em dia, é lidar com essa parte de segurança que talvez a informação também tenha trazido. Porque nós não tínhamos internet, jornal, acesso para saber que todo dia tem quinhentas pessoas morrendo assassinadas. E eles olham isso já, e é difícil para a gente.” (M1)

“O mundo mudou muito. Também, se for pensar nesse sentido, hoje em dia não dá... hoje, você anda dois, três quarteirões e tem a chance de ser assaltado. Na minha época, no interior, putz, eu fui ter medo de assalto, de violência, muito mais tarde.” (P1)

Assim como a interação com aparelhos tecnológicos, pelas crianças, desde bem pequenas e os benefícios e prejuízos que podem representar.

“Hoje as crianças com três anos estão ganhando um celular e aí você olha, isso é ruim até fisicamente para eles.” (M1)

“Tem a internet, tem o celular, o Ipad, videogame, WhatsApp, tem tudo para se comunicar.” (M3)

“Joga online, fica com o fone no ouvido e aí conversa, briga né. [...] e aí depois quando encontra pessoalmente, normal. Assim... como se fosse uma pessoa ali, no virtual, e quando vê pessoalmente.” (M4)

Outro desses fatores seria a aceleração da vida cotidiana, o acúmulo de atividades e a diminuição do tempo de convívio familiar.

“Acho que dessa mudança, mesmo, de rotina que as pessoas, muitas não sabem, de alguma forma, utilizá-las. Então, por exemplo, às vezes, o tempinho que tem para ficar com os filhos é o tempo que usa para ficar no celular, é o tempo que usa para fazer outras coisas, né. [...] Nunca ouvi, na minha infância, dizer que uma criança, um adolescente se suicidou, do tanto que a gente ouve hoje.” (M6)

“A gente não pensava em mais nada, só pensava em dar o final de semana para ir brincar, não tinha preocupação com mais nada.” (P3)

O incentivo da sociedade ao consumo e a tentativa dos pais de fornecer o máximo de conforto e prover as necessidades materiais dos filhos, também corrobora o perfil das crianças Alpha.

“A interferência da sociedade é mais nisso, porque eles pregam o consumismo, tem que comprar, tem que ter, um tênis da marca e aí não dá. [...] A gente quer sempre o melhor para o filho, sempre está tentando.” (M2)

“Numa outra questão é, eles têm poucos momentos de ter as divergências, as frustrações [...] Eles acabam encontrando pouquíssimas frustrações, né, que sempre o que eles querem, eles conseguem.” (P6)

As práticas educativas incentivadoras difundidas, protetivas e afetivas que respeitam a individualidade das crianças e o preparo social para atender suas particularidades são outros aspectos que contribuem para esse quadro.

“Essa geração, se com qualquer transtorno, defeito, etc., que tenha, mas é muito bom quando você é aceito do jeito que você é. E isso que, hoje em dia, eu vejo que existe. É mais normal isso.” (M1)

“A gente era exposto a mais coisas. Acho que, até talvez, mais coisas em relação a sexualidade, a gente era mais exposto, na televisão do que hoje em dia. O negócio parece que era mais, mais livre. [...] Não só isso, de saúde, de tudo a preocupação hoje em dia é maior, hoje o bebê espirra, leva para o hospital.” (P1)

“Acho muito bacana algo que na faculdade os professores sempre comentavam, tem que formar seres pensantes, e tal, que não sei o que, que para a gente foi diferente. [...] Ele já traz uma história, um exemplo e isso eu vejo como uma evolução. Considero né, de repente trazer essas questões. Porque até mesmo esse tipo de conversa era difícil ter com os nossos pais. [...] Hoje você vai num restaurante tem um espaço para criança.” (M4)

“Hoje é diferente, jamais posso exigir uma coisa deles que sejam igual a mim. Não, eu tenho que dar educação, aprendizado né.” (P5)

“Tem muito essa questão de não, de talvez não experimentar as descobertas. Embora tenha autonomia para outras coisas, para essas, eu acho que falta o momento dessa construção. E mesmo quando você proporciona para eles, falta um pouco.” (P6)

7.2.2.4 Categoria conceito de infância

Esta categoria expõe a compreensão dos pais do que é infância hoje, os aspectos que se destacam e como consideram ser passar por ela com as peculiaridades que possui na atualidade.

“O significado da infância para mim é você conseguir com essa espontaneidade e felicidade você aprender a lidar com os seus sentimentos. Eu acho assim, não de forma adulta, mas é a primeira oportunidade de você se conhecer. Acho que se a gente consegue ser espontâneo e criativo, você consegue levar boas memórias, olhar as coisas com um olhar positivo. Acho que a infância é isso, é você deixar a criança ser ela, espontânea.” (M1)

“Infância é um descobrimento. Basicamente, onde ela vai descobrir o que é bom, o que é ruim, o que é ser feliz, o que é ser triste, o que é certo, o que é errado, ela vai descobrir tudo. É onde ela vai formar a personalidade dela para o que ela vai ser no futuro. Para mim, eu ainda acredito um pouco naquela teoria, nem sei, mas uma coisa que se fala em faculdade que é, a gente nasce uma folha em branco. Temos certas predisposições, mas que ainda estão desativas, mas estamos em branco, e o meio que a gente vive vai tornar a gente em quem a gente realmente vai ser.” (P1)

“Hoje acho que é diferente. Hoje, a infância é pouco tempo para brincar. Se for brincar, é muito mais coisas eletrônicas, não tem mais a brincadeira de criança mesmo. Não existe mais. Poucas crianças que tem. E aí, a gente, escola, estudo. A pressão para a criança, hoje, é muito maior do que a gente tinha.” (M3)

“Você tinha a infância, e depois você já estava, meio que, preparado para ir trabalhar. Mesmo que ainda estivesse no colegial, aí um curso técnico, e já termina, já trabalha, faz faculdade. Hoje, eu percebo que está um pouquinho mais estendida, né. Você tem a infância, tem a pré-adolescência, a adolescência, você tem o jovem, o jovem adulto, e vai...” (M4)

“A infância na minha opinião, se eu for conceituar, é um momento onde ele está criando, definindo uma personalidade, criando suas relações de amizade ali, e tentando entender ali, o mundo. Não que ele já entenda, que acredito que nem nós mesmos entendemos como que funciona esse mundo maluco, hoje em dia, né.” (P4)

“Não, acho que não está igual a nossa. Acho que a infância hoje, está muita competitividade, hoje.” (M5)

“Às vezes a gente quer passar o mesmo para eles, tipo assim, coisa de educação, só que as coisas mudaram, as coisas de vinte, trinta anos para cá mudou demais, então não adianta querer achar que a gente vai educar eles como a gente foi educado que não, porque as coisas, o mundo está diferente, as pessoas estão diferentes.” (P5)

“São essas lembranças que eles levam para a vida deles, né. E esses ensinamentos, assim, que a gente vai passando, os valores, e que a gente quer que eles se tornem boas pessoas, homens bons. Então, eu acho que a infância é o início né, de tudo isso lá no futuro deles.” (M6)

“Infância, eu acho que é precioso. Assim, que é o momento de descobrir, o momento de experimentar, e o momento de vivenciar mesmo, memorizar. Então, é um momento que é descontraído, eu acho muito difícil.” (P6)

“A infância de hoje, ela tem que ser mais reservada, mais regrada. Então, antes a gente tinha mais liberdade, até para brincar na rua, para sair, por mais que não tinha tecnologia. [...] Um pouco difícil se for comparar minha infância com a infância dele, não é uma infância fácil. Se pudesse escolher, eu deixaria minha infância para ele. Porque, hoje, a gente trabalha demais e tem nossas obrigações, então eles são criados em cima das regras e das responsabilidades. [...] A infância de hoje ela tem que ser mais reservada, mais regrada. Hoje em dia, eles não podem, eu mesma não deixo, se é para ir no mercadinho, por receio hoje do mundo em si. Então, eu digo que é muitas situações acontecendo, então para você mandar uma criança sozinha.” (M7)

“E, antes, eu acredito que a infância antes, era bem melhor do que a de hoje, porque antes a gente brincava na rua.” (M8)

7.2.3. Tema educar filhos

7.2.3.1 Categoria características de educar adotadas com filhos

Os pais revelam as práticas educativas que adotam com os filhos, os hábitos, crenças, formas de agir, postura e como se relacionam com eles.

Adotam uma atitude de resguardar os filhos da violência, perigos e riscos da vida urbana evitando que entrem em contato com o que não consideram adequado.

“Ser mais protetor pelo medo que a gente tem. Pela insegurança que a gente sente, faz a gente ser mais protetor.” (P1)

“Acho que os pais tem uma tendência realmente de ser mais protetor. E quando a gente é muito protetor, acho que gera insegurança nas crianças porque elas não têm a possibilidade de vivenciar algumas coisas.” (M1)

“Sou meio protetora e meio possessiva. E não, não é para o mundo não, é meu. Mas é difícil.” (M2)

“A gente mesmo podou, não incentivou ele a descer para brincar, porque via muito menino maior do que ele brincando, e falando muito palavrão e a gente não gostou. Então, na verdade ele foi criado diferente. acho que a gente criou também, não deixou o C3 também mais largado.” (M3)

“A gente não deixa ele, nunca deixou ele sozinho.” (P3)

“Até as amizades, né. Nem vou falar que a gente escolhe, mas que a gente vê realmente quem pode deixar brincar. Porque tem gente que você vê que está brincando com ele e fala um tipo de palavrão que a gente né, evita de falar perto deles. Aí o menino vai e fala, ele acha: ah o menino está falando, eu também vou falar. Então, às vezes, eu procuro tipo, tentar não deixar ele muito perto.” (M5)

“Porque não adianta a gente estar educando aqui dentro de casa, mostrando os valores, o respeito, a dedicação, ajudar o próximo se a pessoa do lado não está nem aí. Então, como você vai misturar uma laranja boa com uma laranja ruim? Não tem como, né, então isso vai de pessoa, de família para família né, a gente faz a nossa parte, tenta educar, ensinar, mostrar como é, agora a gente não pode, tipo, um exemplo, o vizinho lá cria o filho de qualquer jeito, não repreende e não está nem aí e tal, então fica difícil, né.” (P5)

“Então, tem coisas que não é para a idade dele, a gente já toma cuidado com o que a gente assiste. Então, não é tudo que a gente assiste quando ele está em casa porque eu sei que se for uma coisa que vai chamar a atenção dele, ele vai perguntar, ele vai querer saber porque. E tem coisas que não vai poder fugir, vai ter que responder e eu sei que não é apto para a idade dele.” (M7)

Os pais conversavam com os filhos sobre diversos assuntos, mantendo-se disponíveis para falar e ensinar, dão abertura e fornecem oportunidade para que seus filhos se expressem.

“A gente tem muito mais diálogo hoje em dia, muito mais, explicar de a criança chegar em casa e você, e aí como foi o seu dia, e ela realmente tentar abrir e falar, e se sentir à vontade, eu acho que o foco é se sentir à vontade para falar e não sei, é uma linha tênue.” (P1)

“Falo bastante com eles.” (M2)

“Quando a gente era pequeno não podia falar, tinha aquela coisa do olhar, né. E hoje, eu sinto que eu posso olhar para ele, arregalar o olho, o olho cair, que vai continuar ali com a opinião dele, que é bem diferente da nossa criação.” (M4)

“Eu falo, não, eles têm que expor o que eles pensam, expor o que eles querem. Não que eu vá dar. Mas expor o que eles querem, o que eles sentem porque eu acho que sofri muito com esse negócio de você não pode, você não deve. Acho que fui um pouco retraída com isso. E aí, quando eu ganhei eles, eu vi que não era bem por aí.” (M5)

“Tem que conversar, tem que explicar porque.” (P5)

“A gente é de conversar muito também, de explicar.” (M6)

“Eu quero conversar tudo, quero que ela me veja como amiga dela.” (M8)

Os pais relatam como são estabelecidas as regras, se há flexibilização de limites se as questões que são passíveis de negociação.

“O que eu tento impor é, é o que eu estava falando, tem questões que não tem que ser discutidas. Tem questões que é aquilo, ponto e acabou, não é ponto aberto para discussão, é uma regra, uma determinação. Então, também tem que aprender a seguir isso. Tem coisas que você pode discutir. [...] Às vezes, você acaba cedendo. Mas eu tento fazer entender, mesmo que vá ceder, que tem diversas dificuldades até ceder essa regra. Normalmente quando cede, eu tento justificar para ela entender o porquê está sendo cedido, para ela não achar que eu cedi, ah, porque ela quis.” (P1)

“Às vezes, eu não pego muito no pé do C2 porque eu quero que ele seja diferente que a mãe. [...] O pessoal: cadê a mãe dessa criança? e eu lá com cara de paisagem e procurando. Cara de paisagem porque também não pego tanto no pé dele. Porque quero que ele, que não seja assim tão calado.” (M2)

“Eu não peço por favor para eles. Vai lá fazer e pronto e acabou.” (P2)

“Às vezes, a gente tem que fazer alguma ameaça: oh, eu vou tirar o videogame, você não vai fazer tal coisa. Ai isso, às vezes, acaba ajudando para que ele de repente tenha aquele comportamento, tenha aquele determinado item que a gente espera dele, né. Oh, vamos com a gente e tal, depois a gente faz tal coisa, a gente compra um açaí para você. A gente procura sempre estar barganhando ou de repente, mostrando as vantagens para que ele, de repente adquira aquele comportamento que a gente considera aceitável.” (P4)

“Eu jogo a real com ele, mostro a real para ele.” (M5)

“É que hoje a gente tenta passar assim, não é que não pode, a gente tem que escutar o porquê deles e eles também tem que entender. É aquele jogo de moeda, um escuta o outro e um entende o outro, e respeita.” (P5)

“Depende do grau de importância, vamos dizer assim, coisas muito importantes a gente senta todo mundo e conversa mesmo.” (P6)

“A gente procura ceder, mas não deixar também. Porque se só ir cedendo, não tem limite, então não vai adiantar e ele também não vai aprender com isso né. [...] Geralmente, quando a gente fala alguma coisa a gente explica primeiro o porquê. Mas também não abro mão, por exemplo, se é alguma coisa que eu sei que vai fazer mal para ele a gente acaba não cedendo. Então, por mais que as vezes chore, não, não vai fazer.” (M7)

“Já pego mais pesado com ela. Eu vejo ela fazer coisa errada eu vou lá: não pode, não pode. E fico em cima dela que não pode e pronto.” (M8)

Diante de comportamentos inadequados, descumprimento de combinados ou em que as normas são transgredidas quais as medidas disciplinares aplicadas.

“Eu não bato, mas eu já encosto o nariz no nariz dela, aí ela já vira. Então assim, eu não bato nela, já gritei bastante, mudo o tom de voz. [...] Eu segurei a força física, mas a força na palavra eu não segurei. Tipo assim, eu sou mais... eu falo algumas coisas duras. [...] Tem que se adaptar, não dá, por isso que assim, salvos os exageros de você não pode bater, você não pode nada, mas não dá, se a gente parar para pensar não dá para criar um ser humano na base do medo, esse é o meu conceito, entendeu.” (M1)

“Hoje de manhã mesmo fui obrigado a dar uns tapas nele, umas pauladinha na bunda dele.” (P2)

“A questão de, às vezes, falar assim: C3 você vai apanhar, vou pôr você de castigo. Ele já sabe, ele fala assim: vocês não vão fazer isso. E ele fala: vocês só falam, vocês não fazem.” (M3)

“Nós somos pais que não é aqueles pais rígidos que vai bater, que vai brigar. Não é. A gente é muito de conversa, a gente conversa muito” (M6)

“Sou meio de falar alto, chamar a atenção, eu evito muito de bater. Não que um tapa na bunda não vá resolver, porque as vezes resolve, né. E tem gente que fala que tem que ficar batendo. Mas, às vezes um tapinha na bunda para levar um sustinho, precisa. Procuo mais conversar, chamar a atenção: oh não vai usar o videogame, não vai usar o celular. Porque na minha época a gente ficava sentada, né. Eu procuro não bater. Se eu bater, também, é um tapa na bunda, nada que vá machucar, espancar. Mas chamar atenção, falar alto, eu faço isso todo dia, todo dia.” (M5)

“Existe uma certa situação de violência nessa questão que não é, pode não ser uma violência física, mas é uma violência verbal, de ameaçar: fala ou você vai ficar uma semana sem celular. Essas coisas do tipo. Mas ele não volta atrás, vamos dizer assim, aí eu falo: tudo bem. E a gente espera. Aí num outro momento que já está, acabou aquelas emoções, já estão mais equilibradas e penso: agora é um bom momento. Vamos lá. Oh filho... Qualquer vantagem que ele quiser eu falo, não.” (P6)

“Ele entende muito, então dificilmente se tem que tomar alguma atitude assim mais drástica. [...] bater a gente não costuma... Só de conversar ele já entende, então é muito raro. [...] Eu não gosto de ficar brigando, dificilmente eu vou bater. Eu não gosto, então acho que na conversa você consegue mais.” (M7)

A transmissão de valores e princípios, a preparação dos filhos para a vida adulta, o estilo de diferenciação e requisição de respeito empregada pelos pais é mútuo e pelo exemplo.

“Eu não consigo usar o medo. Eu não quero que a C1 cresça me respeitando por medo. O P1, qualquer um, eu quero que ela respeite as pessoas porque ela as admira. [...] Às vezes, eu viro para ela: não sou sua amiga, não sou sua amiguinha de escola. Sou sua mamãe amiga, é diferente. Isso aqui você não vai ver, comigo não.” (M1)

“A gente passa muito exemplo, histórias de vida. O P2 também conta histórias de vida dele que aconteceu, para eles terem um espelho, um exemplo.” (M2)

“Tem essa liberdade, essa questão de explosão dele, de fazer o que quer, porque, sabe aquela, quando você está cansada, começou a chorar, ah toma, tó, tó. Está chorando, ah tá, tó, tó, porque você está cansada e aí você erra.” (P2)

“Quando eles contam, a gente tem que repreender, falar não, isso é errado, não pode fazer isso, não é certo, blábláblá.” (M3)

“Tem coisas que você não tem que dar satisfação. Tem outras coisas que você tem que dar e tem outras que você não tem que dar, pronto e acabou.” (P3)

“Eu sempre tento pegar um filme com efeito moral assim, se ele faz um questionamento eu sempre uso a moral: está vendo filho, como não é legal.” (M4)

“Eu procuro assim, mostrar para eles. Igual, passa coisa na televisão e ele pergunta para mim: mãe, o que é isso? Eu explico para ele.” (M5)

“Ser rígido com ele assim, como eu fui na minha época, jamais. Não tem como, as coisas são diferentes, né. [...] A gente tenta passar o melhor para eles, conversando, com educação e tudo, né. [...] Eu tento passar o melhor para eles, né. O respeito com o próximo, com os familiares, com os de fora, de ver a pessoa e dar bom dia, cumprimentar as pessoas, ser educado e tentar ajudar o próximo, né.” (P5)

“Às vezes acaba usando uma situação do momento para instruir no que está certo, no que está errado, no que seria mais certo fazer. Aí, por exemplo, a gente sai, aí acontece uma situação na rua, por exemplo, que a gente não concorda, ele mesmo já pergunta e fala: mãe, mas porque está fazendo isso? Aí, em cima da pergunta dele a gente já argumenta, explica o que é certo e o que é errado. Que nem em casa, tem as regras básicas, não gosto de briga, tem que respeitar um ao outro, todo mundo ajuda. [...] A gente procura mostrar o que é certo e o que é errado. A escolha é dele, mas a consequência também é dele.” (M7)

“É no dia a dia conforme vai acontecendo, conforme vai acontecendo as situações a gente vai explicando, vai falando. Não tem nada assim que já é preestabelecido para sempre, né. Desde sempre, aconteceu uma coisa a gente explica o que é certo, ensina o que é certo.” (P7)

7.2.3.2 Categoria características de educar recebidas pelos pais

Os casais participantes contam como foi o processo de educação que receberam de seus pais, os métodos, as atitudes, os costumes e o tipo de relacionamento que era estabelecido com eles.

O modelo educacional é mencionado como hierárquico em que os pais ocupavam o lugar de figuras de autoridade e de exigência de obediência.

“Fui criada muito naquela coisa de medo e respeito. Medo que vira respeito, sem entender como funcionava. [...] A principal diferença entre as criações que é você criar um vínculo. Então assim, acho que na geração anterior, na minha experiência a gente não criou vínculo com os pais. Você tinha uma criação de autoridade.” (M1)

“Minha época assim a mãe era bem rígida comigo né, era bem rígida. [...] Foi bem rígido assim, quando é não é não, e acabou, não tinha o que questionar. [...] Comigo era não e não tinha nem sequer questionamento. Minha mãe olhava para mim, eu já sabia que não podia nem sequer mexer no que estava...” (P5)

“Eu fui criado de uma forma que meu pai tinha pouquíssimo diálogo comigo. Se ele olhasse para mim eu sabia que já estava devendo alguma coisa.” (P6)

Os pais interagiam pouco com as crianças e mantinham uma relação de distanciamento, sem participar das atividades dos filhos.

“Minha mãe é uma mulher forte, ela cuidava da casa, ela estava, mas eu não tenho uma lembrança da minha falando comigo assim vamos brincar filha, não tenho. [...] Meu pai ele trabalhava muito e então, eu fui ter contato com meu pai mesmo, de falar... era assim, chegava, boa noite filha, beijo, não tinha troca de experiência, de tipo, saber o que eu gosto e o que não gosto.” (M1)

“Não tenho essas memórias com os meus pais, não que eu não tenha memória de passar tempo com eles. Eu tenho, mas não de algo habitual. De vez em quando, no final de semana, de sentar todo mundo e almoçar. [...] Minha mãe, não sei, vim sentar e vou assistir um desenho da sua idade, vixe, esquece! Vê aí, que eu vou na minha televisão ver coisa de adulto.” (P1)

“Nunca vi minha mãe como minha amiga, tinha até medo de chegar perto, sabe. Do meu pai a mesma coisa. Não que eles me espancavam, mas era o jeito.” (M8)

Não havia muito diálogo e permissão para as crianças exporem suas ideias, serem ouvidas e, até mesmo participarem das conversas.

“No meu caso não tinha (espaço para conversar com os pais).” (M1)

“O que eu percebo da diferença entre e o passado e hoje né, até nessa questão, todo mundo sentava à mesa para comer e se o meu pai e minha mãe estivessem conversando, a gente não tinha que se intrometer. Ah, conversa de adulto. Tinha essa questão de conversa de adulto, então a gente tinha que sair.” (M4)

“Fulano não fala enquanto os adultos estão falando, sabe. Então faziam todos, sempre esses reforços para que a gente sempre se mantivesse dentro daquele comportamento que eles consideravam aceitáveis. [...] Na minha família também, sempre reforçavam o comportamento de outras crianças que, de repente, não opinavam sobre os assuntos que os adultos estavam conversando para ajudar com que a gente mantivesse dentro daquele condicionamento de não poder falar ou não poder se expressar.” (P4)

“Minha mãe me ensinava muito assim, você não pode pedir, você não pode falar. E eu fui crescendo com aquilo de não posso falar, não posso pedir, não posso questionar. [...] Na época, do jeito que eu fui criada que a minha mãe falava, até hoje e la fala, não pode falar, tem que ficar quieta, não pode falar o que você pensa, nem sempre pode falar o que você pensa.” (M5)

Muitas vezes, as medidas de controle e correção do comportamento, manutenção da obediência e cobrança do cumprimento de ordens eram punições físicas e castigos.

“Eu apanhei bastante. [...] Ela já ia na base do não é, punição, já era na base do tapa, era o jeito dela.” (M1)

“Minha mãe não foi muito de me bater. [...] era ameaça.” (M5)

“Se você teima, se você desobedece, o chinelo comia. Aconteceu muito comigo. [...] Ela falava que não, se não apanhava na hora, chegava em casa o coro pegava.” (P5)

“Muitas vezes eu me dava mal né, com a teimosia e coisa e tal. A gente fazia as coisas sem falar, desobediente, o pau quebrava. Em casa não tinha conversa e a gente cresceu com coisa rígida mesmo.” (P5)

“Eu aprendi de uma maneira diferente, não fui espancada, nunca apanhei na minha vida, mas meu pai e minha mãe ficavam muito em cima.” (M8)

7.2.3.3 Categoria influências exercidas sobre educar filhos

Nesta categoria são destacados os prováveis motivadores, mencionados pelos pais, das diferenças entre a criação que receberam e a educação que dão aos seus filhos.

O aumento da violência e a insegurança presentes, principalmente, nas grandes cidades provoca uma atitude protetora dos pais.

“Insegurança, que a gente é extremamente, que a gente acaba sendo protetor. Eu acho que independente da idade.” (M1)

“Mas porque que a gente não deixa? Pelo medo.” (P1)

“Acho que eles precisam sair mais, só que a gente sabe, não dá para deixar solto aí na rua. Então assim, tem que estar eu ou tem que estar ele. [...] Eu não confio no mundo.” (M2)

“Hoje em dia, não, é papapa, é droga, tanta coisa, tanta coisa ruim aí. Então, a gente não confia muito no mundo de hoje. [...] A gente morre de medo com o mundo, essa é a dificuldade que nós temos hoje. A gente sabe que vai sair, mas não sabe se vai voltar, então a gente tem essa preocupação muito grande.” (P2)

“Hoje tem criança desaparecida, muita coisa, então você acaba privando mais, né.” (M7)

São apontadas as consequências de ambos, tanto pai quanto a mãe, estarem no mercado profissional, permanecendo mais tempo fora trabalhando, dedicando-se aos seus empregos, ao aprimoramento através de cursos e, ainda, realizando atividades domésticas.

“A gente vem para uma época onde os dois precisam trabalhar. Não é questão de a mulher ter liberdade, de ter liberdade, ela precisa trabalhar. Não, é que precisa trabalhar e que acaba acontecendo, e as crianças ficam fora. [...] Chega no final do dia você está lá conversando, você vai jantar, aquele ser humano, pai e mãe também quer ficar um pouco tranquilo, então deixa a criança ficar no celular. Então é um círculo, um negócio infinito.” (M1)

“Os pais antigamente não traziam trabalho para casa. Hoje em dia você traz. Você sai do trabalho, mas o trabalho vem para casa. Fala que você não responde um e-mail em casa, uma mensagem? Antigamente não. Passou da porta acabou o trabalho, você não tem mais o trabalho, você não tinha o celular para alguém te ligar, para te cobrar alguma coisa, para te mandar uma mensagem. Era só no dia seguinte. [...] Você também não tinha que trazer o trabalho para casa, então a criança também não tinha muito a noção do que era o trabalho do pai. O pai trabalhava, pronto e acabou.” (P1)

“Todo mundo fica cansado.” (P2)

“Desde o ano passado também, eu acabei entrando numa pós-graduação também, o que acabou reduzindo mais o meu tempo. Eventualmente, por conta da minha profissão, eu também, às vezes, vou fazer alguma palestra, ou vou participar de algum evento, ou, às vezes, simplesmente por conta de ficar um pouco mais tarde no trabalho.” (P4)

“Mudou a rotina mesmo, não dá tempo.” (P6)

“Você trabalha demais, chega um sábado e domingo você quer descansar. E então, acho que nesta parte a gente as vezes deixa um pouco a desejar porque no tempo em que a gente está em casa tem outras obrigações. Então sempre que pode a gente tenta dar uma escapada, então para não ficar em cima de obrigações e obrigações no tempo nosso, né.” (M7)

“Hoje, o homem e a mulher trabalham e, às vezes, jornada dupla, tripla, acaba tendo que dar um jeitinho para deixar as crianças na escola um tempo a mais.” (P7)

Os modelos parentais com os quais conviveram servem como referências do que consideram adequado ou não para incluir ou não repetir na educação de seus filhos.

“Minha mãe, ela reproduziu a criação dela, aí a gente... (estamos viajando, né) E a gente vai reproduzindo. Tem uma hora que a gente vai ter que quebrar essa reprodução. [...] Essas crianças de hoje, eu acho que elas forçaram essa geração de alguma coisa que a gente acaba quebrando. As crianças, a informação e tudo mais, não dá para você continuar reproduzindo o mesmo modelo. Não tem como.” (M1)

“Quando você vai começar a educar uma criança, se você vai buscar o seu conhecimento, você vai buscar como você foi educado.” (P1)

“Eu confesso que tenho, às vezes, uma certa dificuldade de, de repente conceituar, propor um novo modelo. Porque conforme eu falei, às vezes, na nossa mente fica assim, poxa, um modelo que talvez meus pais utilizaram, acho que minimamente deu certo, então eu vou utilizar a referência que eu conheço, né. Então, às vezes, a gente procura colocar de uma determinada forma como a gente aprendeu, como a gente foi educado, né.” (P4)

Como idealizam que os filhos sejam, as diferenças que desejam em suas personalidades e vidas comparadas as suas e o que almejam para o seu futuro.

“Eu queria que fosse diferente, né. Falo: não quero que você fique que nem eu.” (M2)

“Para mim, às vezes, é um pouco difícil de, de repente, aceitar porque eu gostaria que ele fizesse aquilo que eu entendo que seja melhor.” (P4)

“Talvez por isso eu queira só ela para conseguir fazer tudo o que eu não fiz. Não é que eu queira dar tudo de mão beijada, ela vai ter que batalhar também, mas eu quero que seja diferente para ela.” (M8)

A vontade de realizar um bom trabalho, acertar na educação, a busca de aprovação social ou o receio do julgamento dos outros, também são mencionados como interventores.

“Os pais se medem pelo sucesso se os filhos estão ou não estão bem, e não é assim. Eles são seres individuais.” (M1)

“Para mim, quando eu descobri que eu ia ser pai virou uma preocupação. Uma preocupação que não existe até... na verdade até quando ela nasceu. Não existe até ela nascer e você fica preocupado, putz, primeiro filho, nunca tive.” (P1)

“Não sei, eu sou bastante crítico com relação a isso, né. A gente, às vezes, nunca tem a certeza do que a gente está fazendo sem a gente observar um resultado ali que a gente considere satisfatório. Então eu, na maioria dos casos, procuro por conta do meu trabalho, acabo passando bastante tempo fora. E, às vezes eu, eu sinto um pouco de falta assim, de passar mais tempo né, não só com ele, com o convívio ali da família, né.” (P4)

“Infelizmente as pessoas se preocupam demais com os outros, querem mostrar demais e acaba perdendo essa essência do que é uma família. Porque família não é perfeita, tem os seus momentos de crise, aí um chora, um bagunça. E então hoje não, querem mostrar tudo perfeito e acabam esquecendo um pouco que atrás, ele é uma criança.” (M7)

7.2.3.4 Categoria conceito de educar

Os pais participantes manifestam como se sentem no exercício da parentalidade e como a qualificam na atual conjuntura.

"Você abre esses precedentes, eles são questionadores, eles querem saber mais, dá mais... eu acho que hoje dá mais trabalho. Eu vou ser bem sincera, eu falo isso para a minha mãe e ela fica meio brava. Eu acho que hoje dá muito mais trabalho educar do que antes. Você educar pelo medo, você bota uma regra e manda o cara seguir, não seguiu leva choque na cerca elétrica, é um macaquinho dentro da cerca elétrica e vai pegar, leva choque, vai lá e leva, e para de pegar, e ele fica comportado. É mais difícil você criar onde você deixa ele pensar e ele chega pelas conclusões dele o que ele precisa fazer. Acho que isso que é, e é mais difícil. Logo, se é mais difícil, a capacidade e potencial de ter mais erros, menos insucessos são maiores... mais insucessos são maiores, hoje em dia, porque dá mais trabalho deixar a criança pensar, questionar." (M1)

"É diferente, mas eu não acho que seja mais difícil ou mais fácil. Acho que a dificuldade talvez seja a mesma, mas com desafios talvez diferentes, com pontos a serem mais pesados do que antigamente. Acho que antigamente se criava mais, as preocupações são diferentes. Dos pais, por exemplo, é difícil falar as preocupações que o meu. Não sei exatamente quais eram as preocupações que os meus pais tinham. [...] Talvez hoje, pela sociedade, pelo mundo, você tem algumas preocupações a mais do que eles tinham naquela época. Que nem eu falei da questão de segurança, pelo menos eu não lembro nunca, tipo cuidado. Não lembro de ter tido aquele aviso: cuidado que você pode ser assaltado." (P1)

"Eu acho que está difícil. Eu penso assim, não é difícil educar, assim, no ambiente familiar. [...] educar no ambiente familiar é difícil, agora, mas você consegue levar." (P2)

"Tudo: vai fazer? A gente pensa só em nós três. Na verdade, não. É tudo em função de nós três. A gente é em função do C3 e o C3 em função de nós dois." (M3)

"Preso. Tudo é o C3. Por exemplo, agora nós vamos para casa, o meu filho está fazendo a janta lá, beleza, mas se ele não estivesse fazendo a janta e não estivesse lá, ou se estivesse e não tivesse feito a janta, a gente ia falar C3... a gente não ia perguntar para os outros, a gente ia perguntar: C3 o que você quer comer?" (P3)

"É um desafio porque tem momentos em que a gente se questiona, poxa, será que eu estou fazendo da maneira correta? Porque coisas simples, como arrumar o quarto, guardar o tênis, é repetitivo. [...] então assim, é um trabalho árduo, repetitivo, mas quando a gente vê um pequeno resultado já dá aquela satisfação, né: ele entendeu. Mas no outro dia volta, volta alguma coisa. Então, eu considero como um desafio assim ser pai, ser mãe. É um pouco do que o P4 falou, acho que também é um pouco atemporal essa questão dos desafios. Talvez para os nossos pais também, com certeza em algum momento eles também tinham dúvidas, né: será que é assim mesmo? Então, acho que faz parte do pacote, é desafiador. Porque é um pouco do que o P4 falou, eles vão crescendo, então até um tempo não sabia falar. Aí você tem que mudar ali né, para lidar com aquela fase, então eu considero desafiador ser pai. Acho que aquela visão de que mãe sabe de tudo, olhar materno, é muito mito." (M4)

“A minha questão é sempre meio que sentir assim, em dívida. Digamos assim, poxa, precisava me dedicar mais tempo, e mais tempo de qualidade, assim, com ele. Eu vejo que ele tem, que ele sente falta muitas vezes. [...] e, às vezes, a gente não faz uma interação mais junto, mais próximo. Então, a minha questão em específico é achar que eu estou sempre em dívida e ele está crescendo. Às vezes, acredito que a sensação de todos os pais, imagino que é essa, que os filhos sempre crescem numa velocidade que a gente não acompanha, né. Porque sempre quando a gente acostuma com uma determinada fase, muda tudo. [...] eu não acho que, necessariamente, é mais difícil do que era anteriormente. Conforme a gente falou, hoje, sem dúvida, eles têm mais estímulos, né.” (P4)

“Não vou falar que é difícil, mas é uma coisa que a gente pensa no futuro né, deles. Porque hoje eles são crianças, estão aqui com a gente, a gente consegue ver, enxergar o que eles estão fazendo. A gente pensa no amanhã né, na adolescência. [...] Criar filho é difícil, eu acho que atualmente é difícil.” (M5)

“Quando é pequeno é fácil né, quando está pequeno. Mas depois quando pegar a idade né, de querer já descobrir o mundo, descobrir as coisas, daí já fica mais difícil a gente tentar prender, falar: não, você não vai fazer isso. É difícil. Porque, hoje, o social é difícil, o social, né.” (P5)

“Acho que conforme passar o tempo a gente vai aprendendo, porque acho que é criando que a gente vai aprendendo a educar porque ninguém aprende, ninguém nasce sabendo, a gente vai tentar fazer o melhor, né.” (M8)

“Olha, não sei se antes era fácil, mas eu sei que hoje não é fácil não. Não sei, nossa vida é muito corrida. De todo mundo eu acho, né. [...] e ser pai, hoje em dia, é muito difícil por causa disso né, por causa da nossa rotina mesmo, da correria e acho que colocando no geral. Salva algumas exceções, que no caso dela, que pôde ter esse acompanhamento ainda, mesmo que trabalhando né, mas ainda teve essa regalia, que mesmo trabalhando não é todo mundo que tem essa regalia. [...] Então quer dizer, no geral, acho que é muito difícil ter filho hoje, para você cuidar né, porque você... e, principalmente, também porque na nossa geração, como foi uma geração muito difícil, a gente não tinha o que a gente queria, de mão beijada, e tal. Hoje, a gente quer dar o melhor para o nosso filho e então, a gente acaba se desdobrando mais e tentando dar mais presente e menos amor, menos carinho, né. Talvez menos tempo de atenção, essas coisas. A maioria das vezes acontece isso.” (P7)

7.3 Associação dos resultados quantitativos e qualitativos

Os resultados obtidos pelos métodos quantitativo e qualitativo utilizados, foram complementares e, uma vez correlacionados, possibilitaram obter elucidações mais abrangentes sobre os diferentes aspectos e considerações mais pertinentes relativas aos propósitos da pesquisa.

McCrindle (2014), estimou que conforme o número de nascimentos que ocorrem por ano no mundo, o aumento progressivo provável de cerca de dois bilhões de pessoas em 2030 seja, na maioria, de membros adicionais da geração Alpha. De

acordo com a Projeção Populacional¹⁴ realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2018, com base nos dados do Censo Demográfico, o número de crianças de zero a nove anos no Brasil em 2019 é de cerca de 33 milhões, sendo de mais de 6 milhões no Estado de São Paulo. Segundo Furia (2013), conhecer suas características auxilia no desenvolvimento de diversos aspectos do relacionamento com elas, de estratégias para atender adequadamente suas necessidades, métodos educacionais, serviços de saúde, estratégias de segurança e produtos pelas instituições, governos e profissionais, bem como, as famílias.

O perfil sociodemográfico dos participantes levantados no questionário e na entrevista mantiveram-se equiparados conforme os dados apresentados na tabela 7:

Tabela 7 – Dados sociodemográficos das pesquisas quantitativa e qualitativa

Dados sociodemográficos	Quanti	Quali
Faixa etária dos pais	67,5% 20 a 39 anos	44% 20 a 39 anos
	32,5% 40 a 59 anos	56% 40 a 59 anos
Escolaridade dos pais	83% superior completo	69% superior completo
Socioeconômica	66% classe média	50% classe média
Faixa etária das crianças	36% 8 e 9 anos	70% 8 e 9 anos
	24% 2 a 4 anos	30% 2 a 4 anos
Gênero das crianças	49% feminino	30% feminino
	51% masculino	70% masculino
Tem irmãos	66%	80%

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

As características e comportamentos das crianças presentes como opções de resposta a serem selecionadas para as perguntas do questionário também foram apresentadas pelos participantes ao longo de seu relato nas entrevistas e foram ilustradas nos quadros a seguir de acordo com a categoria que representam.

Quanto a vida acadêmica, é confirmado pelos pais o ingresso das crianças na escola ainda no maternal, ratificando a projeção de McCrindle (2014) da tendência dessa geração de começar a estudar mais cedo e de seus anos de estudo se

¹⁴ <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html?=&t=resultados>

estenderem por um período mais longo do que as gerações anteriores, tornando-se academicamente mais educada. Elas realizam atividades extracurriculares movidas, em parte, pelos próprios desejos e incentivadas pelos pais que consideram necessário prepará-las para um mundo repleto de inovações, informação e competitivo.

Alguns conteúdos são introduzidos precocemente e, por vezes, há uma sobrecarga exigindo das crianças adaptação às pressões sociais e responsabilidades.

Quadro 4 – Correspondências categoria vida acadêmica

Vida acadêmica	
54,4 % Entraram na escola antes dos 2 anos de idade	<i>“Eles estão lá desde pequenininho, eles conheciam a escola inteira, todos os funcionários da escola eles sabiam o nome e tal.” (P6)</i>
30% das crianças passam mais de 6 horas na escola	<i>“Esse é o preço que paga, ele fica muito tempo na escola? Fica, mas em contrapartida [...] ele conversa de tudo.” (P3)</i>
40% além do ensino regular fazem outras atividades ou cursos complementares	<i>“Ele só tem um dia de folga de segunda e sexta. Terça ele tem judô, quinta ele tem judô, quarta futebol, então ele só não tem segunda, terça ele tem judô, quarta ele tem futebol e quinta ele tem judô, e sexta ele está livre também, mais ou menos, mas agora ele quer jogar futebol segunda também, então ele, aí se ele jogar futebol vai ficar segunda, futebol, terça judô, quarta futebol, quinta judô, só vai sobrar a sexta para ele.” (P3)</i>
52%, aprenderam ao longo da permanência na educação infantil conteúdos que abrangem mais do que a preparação para a alfabetização	<i>“Antecipação de conteúdo mesmo. Porque, oh Maysa, ele não deu nenhum trabalho, não precisou nada. Eu pensei, nossa, ele vai dar trabalho quando for para outra escola, eu vou ter que procurar professor. Não deu trabalho nenhum. Ele oh... então, acho que a gente tem que respeitar a idade da criança, a faixa etária. Então assim, às vezes, a gente quer forçar alguma coisa, mas não. Tem que respeitar. É o tempo deles.” (M2)</i>
18% possui uma rotina intensa de atividades, inclusive compromissos de lazer, com horários a cumprir	<i>“Acho muito difícil, por exemplo, eles fazem, eles tem alguns dias com horário especial na escola lá, que um dia termina mais tarde, um dia, e eles fazem também um dia na semana, faz o inglês, eles fazem, a gente colocou na escola de inglês e eles fazem a catequese, então, eu acho já tão difícil ter que ficar impondo esses horários porque eu acho que é uma responsabilidade, uma coisa que gera, para essa idade.” (P6)</i>

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

De acordo com Assemany (2016):

A educação para a obtenção de resultados, desde muito cedo, é uma antecipação da dotação de ferramentas necessárias para que as crianças, futuramente, tenham êxito no mundo competitivo. Hoje, as práticas sociais cotidianas são implicadas em conceitos de eficácia, eficiência, foco e sucesso, e o que vemos é a infância transformada em uma corrida rumo à perfeição. Observa-se que as escolas também seguem este padrão. (ASSEMANY, 2016, p. 238).

A autora reforça que intensificar os estímulos não assegura maior assimilação ou aprendizagem e que é necessário avaliar a capacidade da criança, que é singular, e adequar a quantidade de conteúdo para que seja compatível. O método de ensino, acompanhando a cultura vigente, incentiva o raciocínio e a busca de soluções e tem obtido como resultado a melhora da performance analítica, mas isso não significa, necessariamente, melhora proporcional da capacidade intelectual (SIMAS, 2013).

A capacidade de avaliação e reflexão é incentivada nas crianças nas instituições de ensino e no ambiente familiar e favorecem o desenvolvimento da tomada de decisões. Essas crianças são orientadas para aquisição de autonomia e independência mediante a prática de ações por si mesmos, fazer e poder efetivar suas escolhas e possuir responsabilidades (REICHERT; WAGNER, 2007). Os pais delegam aos filhos a execução de tarefas domésticas, instruem para que realizem cuidados pessoais sozinhos e consentem que optem em pequenas questões.

Menos presentes no dia-a-dia e com menos tempo de oferta de atenção devido aos diversos projetos pessoais, profissionais e familiares que se sobrepõem e induzidos pela aceleração, competitividade e individualismo da sociedade contemporânea os pais preparam os filhos para deixar de demandar auxílio o quanto antes e criam altas expectativas de desempenho (BIASOLI-ALVES, 1997; LIMA, 2014).

Quadro 5 - Correspondências categoria autonomia e independência

Autonomia e independência	
70% dormem sozinha na própria cama	<i>“Dormem sozinhos no quartinho deles.”</i> (M5)
67% se alimentam sem o auxílio de adultos	<i>“Faz um pão, ele vai lá, pega na geladeira e faz um sanduiche sozinho.”</i> (M3)
78% selecionam os alimentos e se recusam a comer o que não gosta	<i>“Ele vai comendo reclamando: mas eu não gosto disso! E é algo que a gente briga: não, tem que comer filho, tantas crianças passando fome. Nossos pais falavam isso para a gente: tanta criança passando fome, e tal, tem que comer. Então, porque que você não dá essa comida para eles? Se eles estão passando fome? Porque que não dá essa comida para eles.”</i> (M4)
60% escolhem as próprias roupas e se vestem por conta própria	<i>“Eu quero essa roupa e ele vai [...] então, ele pega o sapato dele, pega a meia, pega a cueca, pega tudo e se veste sozinho, toma banho sozinho, desde os dois anos, né.”</i> (P2)
74% ajuda ou guarda sem auxílio os brinquedos que utiliza	<i>“Eles juntam os brinquedos.”</i> (M5)

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

A presença da tecnologia, cada vez mais intensa no cotidiano, característica da pós-modernidade, faz parte da vida das crianças que nascem e crescem cercadas por celulares, computadores, *tablets*, câmeras de vídeo, videogames e outros equipamentos (PRENSKY, 2001). Segundo Oliveira (2016, p.23), elas têm “acesso a esses dispositivos com idade cada vez mais precoce” e vão aprendendo naturalmente a lidar com eles, considerando-os integrantes de seu mundo.

Assemany (2016) observa que os pais permitem o uso desses aparelhos pelos filhos desde pequenos, principalmente, como meio de entretenimento, mas também para sanar sua curiosidade, como fonte de informação, aprendizagem e distração para mantê-los ocupados enquanto ganham tempo para realizar alguma atividade.

Em todas as oito famílias participantes das entrevistas as crianças têm acesso à internet e em 07 (sete) delas, elas têm celular e videogame, sendo que, a única família em que a criança não possui videogame e um celular próprio é em função de ter 2 anos da idade, então ela utiliza o aparelho dos pais para acessar desenhos, vídeos e histórias.

Quadro 6 - Correspondências categoria equipamentos eletrônicos

Equipamentos eletrônicos	
52% têm celular	<i>“É dele, na verdade era meu, eu comprei outro e dei para ele.” (M5)</i>
47% têm tablet	<i>“Pelo fato de ele ter sei lá, tablet, celular, videogame, então, às vezes, ele é condicionado a fazer duas ou três coisas ali ao mesmo tempo.” (P4)</i>
27% têm videogame	<i>“Hoje o C3 tem a internet, tem o celular, o Ipad, videogame, WhatsApp.” (M3)</i>
45% não têm um aparelho próprio, mas utilizam o dos pais	<i>“Essa história do celular, se eu der na mão dela pode esquecer. Pode esquecer que é o dia inteiro assistindo no telefone.” (M8)</i>

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

O estilo parental adotado na família contemporânea mais tolerante, participativo e disposto a ouvir e a realizar trocas com os filhos (OLIVEIRA, 2009) e as relações familiares mais dialógicas com espaços comunicacionais para as crianças mais abertos, associados ao volume de conhecimento com que têm contato propiciam que elas sejam comunicativas.

De acordo com Paiva e Costa (2015, p.7) “as crianças estão surpreendendo no relato verbal” por apresentarem um vocabulário amplo, conhecimento do significado das palavras que utilizam, empregarem corretamente os termos e comporem frases elaboradas.

As crianças têm contato frequente com a informação e absorvem grande quantidade de conteúdo desenvolvendo a habilidade de transmitir suas ideias, compartilhar opiniões, estabelecer um diálogo expressando-se bem oralmente e participando de conversas ao falar com os outros de forma fluida e desinibida (OLIVEIRA, 2016).

Quadro 7 - Correspondências categoria comunicação

Comunicação	
55% gostam de participar da conversa dos adultos	<i>“Quando a gente senta para almoçar, né, ele quer conversar, traz a opinião sobre... às vezes, a maioria das vezes é coisa de criança, né.” (M4)</i>
79% têm bom vocabulário, se expressam bem e conversam sobre vários assuntos	<i>“Conversa sobre leis, sobre meio ambiente, conversa sobre psicologia, ele conversa sobre tudo, fala inglês bem, entende bem, conversa bem.” (P3)</i>
52% desenvolvem diálogos mesmo com pessoas desconhecidas	<i>“Esses dias foi uma moça lá na escola [...] que assim que ela chegou ele já vai puxar assunto, então ele se envolve na situação.” (M7)</i>
45% das crianças falam bastante e com rapidez	<i>“Às vezes, a gente fala: amor, para um pouquinho. Então, se ele está assistindo, ele fala, ele comenta o que ele está vendo, na escola, o que aconteceu ele conta, ele fala, ele conversa. Então, no geral ele conversa muito.” (M7)</i>
65% têm habilidade para argumentar, negociar e convencer as pessoas do que pensa o deseja	<i>“Essa informação, esse poder de manipular, de saber chantagear, vamos dizer assim, saber obter as coisas que hoje estão no interesse deles.” (P6)</i>

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

No que tange à definição dos contornos das regras e normas, por meio do diálogo os pais constroem, muitas vezes em conjunto com os filhos, os parâmetros e medidas corretivas e transmitem com explicações da fundamentação sua aplicação evitando o excesso de rigidez e mantendo um relacionamento harmonioso. Assim mantêm uma postura de autoridade e obtêm respeito (BRITO *et al.*, 2013).

Os pais fazem um paralelo de seu comportamento em relação ao respeito à autoridade e cumprimento de regras afirmando que sua obediência aos adultos era obtida pela coerção, devido às ameaças e por medo das punições e castigos. E que

buscam com seus filhos o cumprimento das regras e o respeito não por medo, mas pelo desenvolvimento da noção de responsabilidade, de dever, de seguir o exemplo recebido e de reconhecimento e consideração pelos pais e pelos outros.

É possível identificar no relacionamento estabelecido pelos pais com seus filhos os fundamentos da construção positiva da convivência com regras e autoridade citados por Rodrigues (2018): a formação de vínculos afetivos entre pais e filhos e ter atitudes parentais que demonstram preocupação e cuidado, a permissão para que os filhos sejam autônomos em algumas áreas, a forma como os pais tomam decisões, empregam as regras, verificam e reagem quanto ao seu cumprimento, a inclusão da participação dos filhos no estabelecimento das normas, a compreensão dos pais de que há questões subjetivas em que não cabe a aplicação de autoridade e consequências que são justas e proporcionais.

Quadro 8 - Correspondências categoria autoridade e regras

Autoridade e regras	
67% reconhecem a autoridade e respeitam o adulto	<i>“No dia a dia assim, em casa, para de repente passar alguma coisa assim para ele, eu acho que no geral, eu acho que ele até aprende, até procura nos respeitar.” (P4)</i>
15% rejeitam limites e exigem ter sua vontade atendida	<i>“Ele não tem limite.” (P2)</i> <i>“Ela quer ouvir o sim, eu percebo que ela não gosta de ouvir o não, né. Ela não gosta muito de ouvir o não, igual aquela vez: vai tomar banho com a sua avó. Não, não vou.” (M5)</i>
63% realizam as tarefas solicitadas	<i>“Uma criança amorosa. Eu peço ajuda para ele, ele faz.” (M2)</i>
64% questionam e querem entender o motivo e funcionamento de ordens e regras	<i>“Fala não para ela, ela quer saber porque o não: mas porque eu não posso fazer isso? Pai, porque? Mãe, porque? Então, ela fica ali brigando com você. Brigando no bom sentido. Ela fica querendo ganhar você no cansaço.” (P5)</i>
53% tentam argumentar e negociar as medidas disciplinares e castigos	<i>“Ele fala muito, muito e muito: não, mas... não sei o que... Ele, por exemplo, fala: eu quero brincar no celular. E você falar: não vai brincar. Mãe, mas porquê? Só um pouco! E você fala: C7, não. Aí ele sai, daqui a pouco ele volta: mãe, mas o celular... C7, não. É assim então, ele tenta ganhar na insistência.” (M7)</i>

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

De acordo com Tanaka (2008) a atenção exigida hoje é aquela que possibilita estar ligado ou realizar várias coisas ao mesmo tempo, conforme com o que é demandado na situação, contemplando o máximo de coisas possíveis em curto período:

Não se fixar em nada em particular e em prestar a tudo o que ouve a mesma atenção livremente flutuante; atender de modo simultâneo a várias situações. Anteriormente, atenção era considerada como concentração. Hoje, atenção aproxima-se da descentração, da dispersão criativa, de reconhecer-se autor, de confiar nas possibilidades de criar o que já está mais próximo de brincar do que do trabalho alienado. (TANAKA, 2008, p. 74).

O ambiente altamente estimulante que cerca as crianças, atrai e desvia a sua atenção fazendo que seja necessário alternarem o foco conforme ocorrem mudanças ao seu redor (FANTIN, 2016). O volume, o impacto e o surgimento de novos elementos podem causar variações e desviarem sua direção, porém o prazo de conservação da atenção da criança em algo também está correlacionado ao seu interesse e vontade e reflete no modo como reage ao meio.

Quadro 9 - Correspondências categoria atenção e concentração

Atenção e concentração	
67% ficam atentos(as) a conversas e outras coisas acontecendo a sua volta, mesmo enquanto realizam atividades	<i>“Eu pondero bem o que eu falo quando eu converso aqui com ela, mas assim, eu evito de falar certas coisas perto deles, justamente por causa disso, agora ela é assim, não sei, se isso é dela mesmo, se ela vê as coisas e fala, não sei, não sei mesmo.” (P5)</i>
25% distraem-se com facilidade, dispersam-se ou não mantêm a atenção por muito tempo	<i>“Sobre a questão de ser desatento, porque eu percebi aqui dentro de casa que eu pedia as coisas para ele, e aí depois de um tempão: o que você falou, o que é para eu fazer mesmo?” (M4)</i>
28% entediam-se ou perdem o interesse e trocam de atividades e brincadeiras em um curto espaço de tempo	<i>“Eu falo para ela: filha fica aqui e ela fica? Mas não. Ela desce, se tiver qualquer coisa ela apronta, ela joga sal, lava a mão na privada. Então não fica parada não.” (M8)</i>
68% permanecem concentrados por mais tempo em atividades que gostam	<i>“Quando ele está na dele fazendo as coisas dele, tipo no celular, no videogame, assistindo alguma coisa lá, ele não fala com ninguém. Você pode esquecer que você nem vê direito, ele deita lá e começa a assistir as coisas dele e some, mas quando quer falar também, fala para caraca.” (M3)</i>
23% não se interessam por qualquer assunto, selecionam o que gostam e se dedicam mais	<i>“Fixado só no jogo e durante um período a gente teve que controlar a questão do C4 com o videogame, não sei se era porque era novo, era o dia inteirinho.” (M4)</i>

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

A tendência de fazer várias atividades simultaneamente, não se restringe às crianças. O tempo todo estímulos diversos estão presentes e vão surgindo e demandando versatilidade e agilidade imprimindo a marca de velocidade e aceleração da sociedade pós-moderna (LIPOVETSKY, 2005).

Uma programação extensa de compromissos e ocupações preenchem quase completamente os espaços livres e predispõe a inquietação, agitação, pressa, ansiedade e a diminuição da tolerância a espera e ociosidade. Crianças muito ativas tendem a espelhar o contexto social e familiar a que pertencem. Geralmente sua família não se dá conta de que fala depressa, faz diversas atividades juntas e com rapidez, até mesmo nos momentos de lazer, nem a escola que cobra agilidade, sobrecarrega de estímulos e de tarefas (SILVA, 2019).

Frequentemente, o jovem (e por vezes mesmo os adultos), sentado diante da televisão escuta música com o fone de ouvido do seu MP3 enquanto surge na tela do seu celular as SMS que lhe foram enviadas. Analogamente, quando se usa videogame, ativam-se outras lógicas cognitivas simultaneamente: táticas para fugir do inimigo, estratégias baseadas em inferências para passar ao nível superior do jogo, técnicas de resolução de problemas para resolver situações complexas que se encontram atravessadas. Trata-se indubitavelmente de um tipo de habilidade (fazer coisas simultaneamente) que pode ser entendido como um aspecto positivo dessas mídias sobre o dispositivo da cognição, mas, indubitavelmente implica também que a atenção não seja mais inteiramente garantida a qualquer coisa, deslocando-se superficialmente de um objeto a outro, segundo uma descontinuidade que é inimiga da reflexão e do aprofundamento. Difícil dar atenção exclusiva a qualquer coisa ou a qualquer um: muitas telas nos envolvem, somos protagonistas de muitos circuitos comunicativos paralelos. (FANTIN; RIVOLTELLA, 20, p. 91).

A prática de mudar constantemente o que se está fazendo e ser multifuncional indicam habilidade de deslocar o envolvimento e o empenho de uma ação para outra, porém sem muito aprofundamento e foco (FANTIN; RIVOLTELLA, 2010).

Quadro 10 - Correspondências categoria dinamismo e vitalidade

Dinamismo e vitalidade	
60% são bastante ativos(as) e não ficam quietos(as) por muito tempo	<i>“Eles comem alguma coisa e ficam assistindo TV, aí ele vai pegar o celular, ele joga uma hora, uma hora e meia, duas horas, ele mesmo se cansa, ele pega e: ah, vou deixar aqui e vou chamar alguém para brincar. Vai pôr o tênis ou vai brincar com o cachorro no quintal, ou vai né, ele ainda faz isso.” (P6)</i>
33% realizam várias atividades ao mesmo tempo sem dificuldade	<i>“Ou você usa o note, ou você assiste TV, ou joga o videogame, uma coisa ou outra. Então, direto a gente pega ele né, com o note ligado, assistindo TV, ah não, ou o note.” (M4)</i>
27% demonstram preferência por brincadeiras ou desenhos e filmes agitados e excitantes	<i>“Brinca de tudo, lá na escola também tem um parque lá, ele brinca muito no parque, ele corre, ele joga bola, ele vai nos brinquedos, ele é muito ativo, ele brinca com tudo, às vezes, brinquedo tipo montamonta, carta, ele brinca com tudo.” (P7)</i>
43% têm dificuldade em esperar ou manifestam impaciência com coisas monótonas	<i>“Tem uma bolacha e está na hora da janta, vou pegar aquela bolacha, a gente fala não. Ela, mas porquê? Porque não, você vai jantar. Mas porque, eu quero só uma bolachinha, e eu falo que não, você vai jantar, depois da janta você come, e ela fica ali oh.” (P5)</i>
57% ficam ansiosos(as) antes de realizar atividades (ex: um passeio ou receber presente)	<i>“Ele vai tocar amanhã e hoje era último ensaio. Vai, com o contrabaixo, acho que agora ele está começando a ficar mais preocupado, e assim, com receio do que vai ser.” (M3)</i>

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

A relação das crianças com a tecnologia é ativa e interativa por conviverem com ela desde o seu nascimento, fazendo parte de sua realidade. Oliveira (2016) justifica essa aptidão:

Imersos na cultura das novas mídias, as consideram como parte integral de seu cotidiano e as utilizam de maneira diferencial se comparada às gerações anteriores, imersos na conexão com a rede mudam sua forma de pensar o mundo e de estar no mundo. Criam novas habilidades, se comunicam de forma diferente, sentem o mundo e interagem com ele de novas maneiras. (OLIVEIRA, 2016 p. 17)

Por meio da observação do funcionamento, do uso pelos adultos e brincando as crianças vão aprendendo como manusear os aparelhos e transferindo os conceitos de uns para os outros ampliando sua capacidade (FANTIN; RIVOLTELLA, 2010).

Quadro 11 - Correspondências categoria interação com tecnologia

Interação com tecnologia	
80% aprenderam a usar o celular, <i>tablet</i> ou outro equipamento eletrônico praticamente sozinho(a)	<i>“Ele pega o celular e ele já sabe o que tem que fazer, já vai com o dedinho, ele vai colocando tudo já, já sabe pedir as coisas no Google por voz.”</i> (P2)
44% fornecem instruções e auxiliam familiares a usar aparelhos tecnológicos com facilidade	<i>“Nem eu sabia que tinha aqui um microfone, porque quando você entra no Google você vê lá, mas ele não entra no Google, ele entra direto no microfone que tem no celular, aperta e aí ele canta um pedaço da música que ele quer ouvir, ele canta um pedacinho, um exemplo, vídeo, ele canta a dona aranha, aí aparecem vários vídeos lá da dona aranha e ele vai clicando e assistindo, e eu nem sei onde é esse botãozinho do celular, sozinho, ninguém ensinou.”</i> (M2)
28% preferem realizar algumas atividades em meios eletrônicos (ex.: escrever, jogar, pesquisar, conversar ou ler)	<i>“O C3 faz procura no Google em inglês para você ter uma ideia, “procura em português”, ele fala “eu não, vou procurar em inglês que tem muito mais opção”, eu não procuro em inglês, eu procuro em português, as vezes eu procuro alguma coisinha que não dá para você ler, por exemplo, eu não sou muito 100% no inglês, entendo alguma coisa, falo alguma coisa, mas não sou fluente, mas alguns termos você tem que procurar em português, ou procura algum trecho, ele procura tudo em inglês, tudo, faz busca, eu falei “porque você está procurando em inglês”, ele falou “lógico pai, em inglês tem muito mais opção, em português é muito mais limitado.”</i> (P3)
36% consideram a internet uma fonte de diversão, mas também de informação e conhecimento	<i>“Os vídeos dela ela já vai aprendendo as coisas, antigamente não tinha algo que falava inglês, como eram as cores, ia começar mesmo quando você já estava na escola. Agora não, você assiste um vídeo, green, quando se passa o verde, ela já aprendeu.”</i> (M8)
25% apreciam estar conectados(as) e, algumas vezes, buscam companhia pelos eletrônicos	<i>“Ele chega, já almoça e ele quer almoçar com o celular. Não, almoçar com o celular você não vai poder [...] porque se deixar é o dia inteiro no celular, é o dia inteiro, amanha com ele.”</i> (M5)

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

Devido à habilidade apresentada, muitas vezes, os pais solicitam o auxílio dos filhos com os dispositivos. Entretanto Fantin (2016) alerta que a velocidade com que

descobrem como operar e a facilidade das crianças no manejo, não quer dizer que elas compreendam sua função e implicações. Tampouco significa que todas elas sejam prodígios digitais e que seus pais são analfabetos na linguagem tecnológica.

A internet serve como uma ferramenta para se conectar com o mundo, acessar diferentes comunidades, culturas e conhecimentos na qual as crianças são usuárias e modificadoras, mas não se limitam, porque criam e compartilham conteúdo e opiniões construídas em experiências em outros contextos (VIEGAS, 2015).

Tanto os sistemas de informação e comunicação, quanto a tecnologia e a interação social possibilitam o contato integrado com o conhecimento produzido e disseminado conduzindo a um processo de aprendizagem dinâmico. O conteúdo que pode ser obtido é diversificado e consultado em várias fontes encontradas sem grandes dificuldades ou restrições, expandindo a amplitude de pesquisa e aquisição visão crítica desinibida (OLIVEIRA, 2016).

A mídia está presente nas relações pessoais e na construção e interpretação do mundo, filtra o que é conhecido, os assuntos a serem abordados nos diálogos e, mais que isso, a perspectiva a partir da qual eles são compreendidos (WITT; ROSTIROLA, 2019). Então recai sobre as famílias e instituições a responsabilidade de ensinar as crianças a lidar com a informação, tornando-as capaz de qualificá-la, escolher com critérios e transformá-la em saber e não meramente transmiti-la (FANTIN; RIVOLTELLA, 2010). Morin (2010, p.16) distingue conhecer de informar-se:

O conhecimento só é conhecimento enquanto organização, relacionado com as informações e inserido no contexto destas. As informações constituem parcelas dispersas do saber. Em toda parte, nas ciências como nas mídias, estamos afogados de informação. (*apud* WITT; ROSTIROLA, 2019, p.1015).

As crianças convivem com essa realidade e brincando, participam ativamente na troca com o meio e nas relações, vão interagindo, aprendendo e construindo nesse processo colaborativo (FANTIN; RIVOLTELLA, 2010; SANTOS; SIMÕES; GONÇALVES, 2017).

Toledo (2012), avaliando o comportamento das novas gerações, destaca a característica marcante de serem curiosas e famintas por informações de forma rápida e clara. Sua motivação é maior nas atividades lúdicas e com os usos de dispositivos eletrônicos e, quando estão empolgadas, tentam novos conhecimentos e oportunidades, tem outro tipo de envolvimento e disposição para novos desafios. Entretanto, mobilizar as crianças, hoje, para aquisição de um conhecimento específico

e aprofundado não é simples, pois elas tendem ao abrangente, superficial e focado em seus interesses. Quando não é estimulada continuamente, perde a motivação demandando auxílio para encontrar algo em que faça sentido investir sua atenção.

Quadro 12 - Correspondências categoria conhecimento e informação

Conhecimento e informação	
32% possuem acesso e recebem grande volume de informação, dados e conteúdos	<i>“Eles têm mais informação do que a gente tinha, hoje eles querem informação, pega o celular, pega o tablet.” (P1)</i>
85% demonstram curiosidade pelas coisas e perguntam bastante	<i>“Ele quer saber muita informação.” (M7)</i> <i>“Se a gente não poda ele quer saber muito, tudo, de tudo ele quer saber.” (M7)</i>
46% possuem ideias próprias, fazem reflexões e problematizam assuntos	<i>“Ele raciocina muito rápido, como ele tem esse jeito dele de se expressar, ele é curioso, ele é autoritário, então todas essas informações a mais que ele tem de pessoas mais velhas, ele já usa né.” (P7)</i>
69% têm raciocínio rápido e aprendem com facilidade	<i>“Ele aprende super rápido, então ele tem memória do que a professora falou na aula, entendeu?” (P6)</i>
61% demonstram inteligência, em alguns aspectos, além do que você esperava na idade dele(a)	<i>“É muito madura e aí as pessoas jogam isso como se eu estivesse a criando, eu e o P1 de forma madura, mas eu a vejo elaborando, até pelo que nós passamos.” (M1)</i>

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

A multiplicidade de fontes de informação na atualidade, viabiliza obter dados, pesquisar e acessar conteúdo para aprender ou se divertir de forma frequente e descomplicada, seja nos espaços de ensino ou por meio da interação com dispositivos tecnológicos e com outras pessoas. Conhecer pensamentos, culturas, práticas, inovações e costumes de outras comunidades e localidades favorece o desenvolvimento do potencial reflexivo, criativo e produtivo (OLIVEIRA, 2016; SANTOS *et al.*, 2017; WITT; ROSTIROLA, 2019).

Estabelecidas no campo digital, “a convivência e sociabilidade estão mudando de lugar e as interações *online* estão propiciando formas de se relacionar cada vez mais complexas” (FANTIN; RIVOLTELLA, 2010, p. 96). As crianças, distantes e em seu próprio espaço, possuem vários amigos virtuais com os quais se divertem e se envolvem, mas sem contatos físicos e a necessidade de realizar acordos, já que as atividades já vêm pré-programadas pelos jogos eletrônicos, aplicativos e videogame (PAIVA; COSTA, 2015; OLIVEIRA, 2016; SANTOS *et al.*, 2017). Estão acostumadas

a brincar sozinhas no computador, *tablet*, celular e com atividades que escolhem, regulam as configurações e que precisam satisfazer apenas seus desejos e, quando os acessam encontram outras crianças tendem a querer determinar a brincadeira, as regras e tomar a iniciativa.

No convívio familiar contemporâneo, as crianças também tem um lugar de liberdade de escolha, expressão, respeito a subjetividade, relações mais simétricas e menos conflituosas (BARRETO; RABELO, 2015). Os pais conversam sobre os limites e orientam os filhos, evitando posturas rígidas e autoritárias, e adotam medidas corretivas somente em último caso (BRITO *et al.*, 2013). Sendo assim, algumas crianças, são insuficientemente expostas a situações de contrariedade e controle e desenvolvem pouco a habilidade de lidar com restrições e frustração.

Quadro 13 - Correspondências categoria maneira de agir e reagir

Maneira de agir e reagir	
62% são criativos(as) e se adaptam às mudanças	<i>“Calmo, assim... ele é... ele não é agitado, ele é um menino que é bom, ele é bondoso, sabe. Não quer fazer aquela coisa bagunceira, sabe. Ele é um menino bom e ele é carinhoso também.”</i> (M6)
58% tomam iniciativa e gostam de comandar as brincadeiras.	<i>“Nas brincadeiras ele costuma coordenar, ele organiza.”</i> (M7)
46% ficam frustrados(as) ou aborrecidos(as) com facilidade	<i>“Chora, faz aquela manha, a gente não liga. Que eu falei, se a gente for dar atenção é pior, então eu finjo que não estou vendo, faço outra coisa, tento distrair ela com outra coisa: olha C5, vamos ver não sei o que? Ai passa, acabou, ela fica sua amiga de novo.”</i> (M5)
23% se descontrolam quando não são atendidos(as), obtêm o que deseja ou são criticados(as)	<i>“Tem um gênio muito forte. Não é não! Ela bate o pé, se joga...”</i> (M8)
49% demonstra ser compreensivos(as) e empáticos(as) com os outros	<i>“Tem esse lado de ser muito preocupada com os outros de ser, de defender os outros, defender o mundo. Ela não consegue ver uma injustiça, que ela se mete no meio, ela vai lá e defende quem está sendo injustiçado.”</i> (P1)

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

As crianças estão em contato, de forma direta ou não, com várias realidades e delas apreendem modelos, valores, identidades e compreensões de mundo que integram a constituição de sua subjetividade. A internet é um dos meios pelo qual elas conseguem se comunicar e compartilhar com pessoas de qualquer lugar suas experiências, comportamentos, produtos, cultura, entre outros aspectos, ampliando seu círculo social, de conhecimento e de referências (OLIVEIRA, 2016).

O meio digital também é uma porta de entrada utilizada pela mídia para enviar às crianças propagandas e empregar estratégias de convencimento que lhes despertem o interesse por produtos e serviços, ciente de que elas são parte desta sociedade materialista e consumista e influenciam as decisões de compra de sua família e, em alguma dimensão, também compram. As facilidades e conforto proporcionado pelo consumo *online* concedem a opção de ver o produto, selecionar, pagar, decidir quando e onde receber, tudo sem sair de casa e as crianças também são induzidas participar da aquisição excessiva e desnecessária (OLIVEIRA, 2016; VIEGAS, 2015).

Quadro 14 - Correspondências categoria posturas e atitudes

Manifestação de posturas e atitudes	
49% se destacam por realizar bem atividades mais comuns em crianças acima de sua idade	<i>“Quer ver? Filha que cor é essa aqui? Green. E essa cor, que cor que é? Yellow. Ela conta até dez, a gente fica na escadinha um, dois, três. Agora ela tem mania de falar: atenção um, dois, três e já! E corre. Ela, as frutas, ela sabe tudo, só não come, mas sabe todas.”</i> (M8)
40% demonstram preocupação com o corpo, são vaidosos(as) e têm cuidados com a aparência	<i>“Ele está com essa mania de que não quer ser gordo.”</i> (M3)
62% querem dar sua opinião e participar de decisões	<i>“Já quer ter mais opinião, quer que a gente respeite mais os desejos dele, né. A gente não determinar tanto o que ele quer fazer, ele quer determinar mais no tempo dele.”</i> (P4)
33% compõem os hábitos de compras da família e influenciam na escolha de bens, produtos e serviços	<i>“A gente tem condições de dar para eles, então hoje eles têm a rua, hoje eles têm uma piscina, eles têm uma quadra, eles conseguem de alguma forma estar socialmente com outras crianças.”</i> (M6)
50% são mais abertos(as) à diversidade e aceitam com mais facilidade as diferenças	<i>“Ele gosta de interagir, independente se é menino ou menina, se é de cor ou não é de cor, então ele não tem essa desigualdade, né.”</i> (M5)
59% revelam preocupação com os cuidados com o meio ambiente e respeito às leis, como as de trânsito e outras.	<i>“Tem umas tiradas, umas pegadas, assim, em relação a coisas mais espirituais ou de leitura mesmo em relação aos pais ou amigos, que eu me assusto, que as vezes eu falo assim, isso não é algo, eu não estava preocupada com o problema do universo ou do meio ambiente quando eu tinha 9 anos de idade.”</i> (M1)

Fonte: Maysa Fagundes Pereira Rangel (2020)

A rede também colabora para expandir a consciência da existência de variedade de etnias, culturas, condições físicas, sociais e econômicas e a experimentação de interações sociais diversificadas, favorecendo a elaboração da aceitação das diferenças e transformação das posturas discriminatórias (SANTOS et

al., 2017; WITT; ROSTIROLA, 2019). Portugal e Alberto (2013) afirmam ainda, que o diálogo aberto e positivo dos pais com os filhos coopera para que sejam cada vez mais construídas e presentes competências sociais como empatia, aceitação, solidariedade, busca de equidade e justiça, integridade e respeito ao outro.

A análise e discussão dos resultados referidos foram realizadas exemplificando cada uma das categorias do questionário com um número reduzido de trechos selecionados dos relatos dos pais em entrevista, devido ao grande volume em que eles ocorreram, o que oportuniza diversas outras possibilidades de ilustração. Sendo assim, as categorias não são restritivas, eliminatórias ou rígidas, permitindo que os mesmos trechos, ou outros, contenham elementos de outras temáticas e representem mais de uma categoria e não limita o conteúdo e significado presente nas falas dos participantes.

8. Considerações Finais

A presente pesquisa permitiu verificar algumas características e comportamentos que pais de crianças nascidas a partir de 2010 identificam em seus filhos e consideram diferentes de sua geração, seja na manifestação, intensidade ou frequência. Essa pesquisa permitiu também verificar as distinções que fazem entre suas infâncias e entre o estilo parental que receberam e o que adotam, as influências da atualidade que lhes parece contribuir para as distinções, e ainda, como, em sua percepção, todas essas questões interferem em seu conceito de educar e criar filhos (relacionamento).

O conteúdo que sobressaiu refere-se às relações, tanto entre pais e filhos, quanto com os aspectos da subjetividade das crianças e do contexto pós-moderno em que vivem, tendo sido os traços, os modos de agir e de se comportar reportados sobre as mesmas, inseridos em todo o cenário que envolve as interações e trocas realizadas e emergindo delas.

No que concerne à relação com o meio, as fronteiras políticas e econômicas dissipadas, de tempo e espaço, da tecnologia e da informação, da tradição e dos costumes presentes na sociedade contemporânea, suscitaram o emergir de novos estilos de vida, de tipos de relacionamento e de formas identitárias (GIDDENS, 2002). Os resultados obtidos apontam que as condições socioeconômicas, culturais, ambientais, de acesso ao conhecimento e à tecnologia e a estrutura da organização familiar, embora não se restrinjam apenas a essas, influenciaram de modo inédito a individualidade das crianças.

Uma vez que a expressão das crianças, as circunstâncias históricas e sociais, a concepção de infância, as práticas educativas e o padrão familiar que constituem o universo infantil são interdependentes, dissociá-los seria, portanto, restringir sua apreensão e compreender as crianças requerer apreciar os contornos que lhe são impressos.

O que se revelou no contexto foi a dicotomia tecnológica notável em alguns extremos, em um polo inclui *softwares*, internet das coisas, robótica e nanotecnologia, por exemplo, e no outro cerca de metade da população mundial, 25% no Brasil¹⁵, não

¹⁵Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-07/mais-de-um-terco-dos-domicilios-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>.

tem acesso à internet devido ao custo, por não saber usar ou por falta de infraestrutura. Há modelos de famílias variados, monoparentais, reconstituídas, homoparentais, anaparentais e outros, e rearranjos sendo negociados no exercício dos papéis subjetivos pelos membros da família, embora a função materna, paterna e o lugar filial conservem-se equivalentes. A incidência de violência e criminalidade presentes no cotidiano são perturbadoras e as ocorrências noticiadas de localidades e vítimas distantes trazem à tona o potencial e a proximidade do perigo. Os riscos iminentes geram insegurança e evocam posturas e condutas peculiares frente às situações da vida. O consumo preponderante camuflado de liberdade de escolha, de conquista de satisfação, de abundância de opções e de meio de diferenciação, faz parte de um ideal social que reivindica a aquisição, a inovação constante e valoriza a imagem. Impõe velocidade na substituição, manipula a opinião, massifica, oprime os excluídos, sobrecarrega de referências, influi na apreciação e na concessão de pertencimento e provoca outros efeitos que se propagam na cultura, nos costumes e nos valores.

Quanto à perspectiva dos relacionamentos pessoais, os princípios familiares se entrelaçaram as ideologias da época atual e suas relações se ajustaram, acompanhando todas as demais evoluções, em uma ligação mais afetiva, participativa, equitativa e dialógica. Instaurou-se uma criação compreensiva e norteadora, para além de disciplinadora, em que há concessão de autonomia, de liberdade de expressão e de individuação da criança. É perceptível nos vínculos entre pais e filhos um tratamento acolhedor, afável, zeloso e dedicado. Ao invés de ocupar uma posição de submissão e inferioridade na hierarquia familiar, os filhos têm um espaço de respeito e consideração e a proximidade, o companheirismo e o contato físico são valorizados, devido à ausência dos pais por períodos prolongados.

Conforme a teoria das gerações, as crianças descritas pelos pais no presente estudo, pertencem à mesma faixa etária, coabitam o momento histórico, com sistemas político, social e econômico vigentes com escalas globais, vivenciam circunstâncias similares que motivam emoções e reflexos análogos em sua expressividade, portanto, representam uma geração. Observá-las sob essa ótica proporcionou vislumbrar algumas das interações que as crianças estabelecem com aspectos comuns do universo em que estão imersas como as brincadeiras, a estrutura familiar e o uso de aparelhos eletrônicos, e as conjunturas compartilhadas, por exemplo a cidade onde

moram ou o sistema político, que lhes confere similaridades e a indicação de pertencimento a um grupo específico. Contudo, carece ainda de que se contemple melhor, por uma outra perspectiva, as relações intrínsecas que são extremamente importantes por se referirem à subjetividade que compõe sua singularidade.

Cada uma dessas crianças é submetida a uma variedade de condições socioeconômicas, níveis de violência discrepantes, diversidade cultural, pluralidade de modelos de família, níveis de desenvolvimento biopsicofisiológicos e muitas outras questões que possibilitam uma multiplicidade de formas de viver e, ao mesmo tempo, segundo as premissas norteadoras do estudo, histórias de vida e subjetividades únicas. Sendo assim, o que se percebe é que existem diversos jeitos de ser criança atribuídos pela singularidade, distanciados da ideia de encerrar em um padrão, que exigem a aplicação fundamentada, pertinente, discriminada e criteriosa do conhecimento sobre as gerações.

As correspondências entre as descrições dos filhos realizadas pelos pais e o perfil atribuído aos integrantes da geração Alpha nos estudos e os traços recorrentes compilados não estabelecem uma idiosincrasia. Esboçam uma representação inicial, flexível e permeável, que serve como fonte de reconhecimento, esclarecimento e orientação. A referência delineada não circunscreve uma tipificação, impõe atributos estritos e enquadramento de todas as crianças em um único estereótipo. Pois, suas singularidades são coconstruídas na relação e moldadas pelos espaços sociais, permeados o tempo todo pelas questões internas. São sim, suscetíveis às contingências, dirigida pelos preceitos e impactadas por seus efeitos, entretanto, seu desenvolvimento não é determinado por apenas um agente, causador ou responsável. É sistêmico. Sua formação é complexa e derivada da combinação de diversas condições, origens, circunstâncias, interações e fatores.

Enfocar as características, habilidades e condutas que os pais têm observado nos filhos elucidou como elas se apresentam nas interações, as repercussões nos relacionamentos, as mudanças causadas no dia-a-dia e os contrastes que marcam as diferenças com as gerações anteriores, ampliando a compreensão sobre essas crianças. E esse conhecimento é um recurso que aplicado às relações, sejam elas entre pais e filhos, educadores e alunos, psicólogos e clientes, pares ou outras, contemplando seu teor e especificidades, as condições em que se dão, se na família,

escola, consultório e tantas mais, e ainda, as implicações que têm tido sobre elas, contribui para desenvolvê-las.

Voltar o olhar para as crianças e fitá-las nos permitiu enxergar melhor seus contornos e ter uma visão mais clara, porém ainda muito distante de autêntica.

Os tempos mudaram. Não adianta tentar transformar nossa infância na infância de vocês, porque não é mais assim. Tudo mudou. Vocês precisam se acostumar com isso. Se tem algo errado acontecendo, talvez seja porque vocês não estão vendo o que a gente realmente faz e nem se aproximando o suficiente. Nós fazemos coisas mais úteis e interessantes que vocês imaginam e queremos que vocês vejam, queremos que vocês participem da nossa vida. Prestem mais atenção na gente. As portas estão abertas pra isso. (Google¹⁶, 12 anos, *apud* BECKER, 2017, p. 218).

Os resultados obtidos neste trabalho puderam contribuir para o conhecimento do comportamento infantil contemporâneo e as características da geração Alpha, na percepção dos pais, porém ele não esgota as possibilidades de discussão sobre esse tema. Investigações futuras iriam complementar os dados e ainda suprir limitações como a amostra. Os participantes da pesquisa fazem parte de um recorte específico da população que possui conexão, condições socioeconômicas, instrução acadêmica e conhecimento para usufruir da tecnologia. Portanto, abranger maior variedade e dimensão populacional contemplando diversidade sociodemográfica e ainda, envolver outros familiares, cuidadores, pares, as próprias crianças e contexto escolar e clínico, também aprofundariam o conhecimento científico do assunto.

¹⁶ Trata-se do participante de um estudo indicado nas referências.

9. Referências

ALMEIDA, N. R.; CARMO, A. N.; MEDEIROS, V. S. *A construção social da criança a partir da idade média*. Entreletras, Araguaia, vol. 06, n. 2, p. 28-37, jul/dez 2015.

Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/2727/8934>.

Acesso em: 17 nov. 2017.

ANDOLFI, M. *Como restituir a voz e a competência à criança por meio de terapia familiar*. Nova Perspectiva Sistêmica, Rio de Janeiro, n.40, p. 39-54, ago. 2011.

Disponível em: <http://www.revistanps.com.br/index.php/nps/article/view/83>. Acesso em: 26 mai. 2018

ARAÚJO, C. V. F. de O. *Pai, mãe e filho: reflexões sobre a família e educação na modernidade*. Estilos da Clínica, v. 7, n. 12, p. 100-111, 2002. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282002000100009. Acesso em: 18 mai. 2018.

ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. Tradução Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos, 1981.

ASSEMANY, N. M. *Superestimulação na infância: uma questão contemporânea*.

Caderno de Psicanálise (CPRJ), Rio de Janeiro, v. 38, n. 34, p. 231-243, jan./jun. 2016. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952016000100012. Acesso em: 07 ago. 2018

BAUMAN, Z. *44 Cartas do mundo líquido moderno*. Tradução Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BARRETO, M. J.; RABELO, A. A. *A família e o papel desafiador dos pais de adolescentes na contemporaneidade*. Pensando Famílias, Porto alegre, vol. 19, n. 2, p. 34-42. ISSN 1679-494X. dez, 2015. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000200004. Acesso em: 26 mai. 2018.

BECKER, B. *Infância, tecnologia e ludicidade: a visão das crianças sobre as apropriações criativas das tecnologias digitais e o estabelecimento de uma cultura lúdica contemporânea*. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em:

https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/bianca_becker_tese.pdf. Acesso em: 20 jul. 2019.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. *Famílias brasileiras do século XX: os valores e as práticas de educação da criança*. Temas em Psicologia, Ribeirão Preto, vol. 5, n. 3, p. 33-49. ISSN 1413-389X. dez. 1997. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1997000300005. Acesso em: 26 nov. 2016.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil Subchefia para assuntos jurídicos. Lei nº 9.278, de 10 de maio de 1996. Regula o § 3º do art. 226 da Constituição Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9278.htm. Acesso em: 19 mai. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Portaria nº 324, de 31 de março de 2016. Dispões sobre a aprovação do protocolo clínico e diretrizes terapêuticas do comportamento agressivo como transtorno do espectro do autismo. Diário Oficial da União, Brasília, DF, nº 62, abr. 2016, Seção 1, p. 105. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/2016/prt0324_31_03_2016.html. Acesso: 01 fev. 2019.

BRASIL. *Estatuto da criança e do adolescente*. 3 ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008, p. 96. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto_crianca_adolescente_3ed.pdf Acesso em: 17 nov. 2017.

BRITO, L. N. de O.; MIRANDA, F. J.; HANNUM, J. S. S. *O contexto da família na atualidade e o processo de criação de filhos*. Fragmentos de Cultura, Goiânia, vol. 23, n. 4, p. 403-414, dez. 2013. Disponível em: <http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/2966/1813>. Acesso em: 26 nov. 2017.

BUENO, A. C. W.; SANTOS, B. C.; MOURA, C. B. *Obediência infantil: conceituação, medidas comportamentais e resultados de pesquisas*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Londrina, v. 26, n. 2, p. 203-216, abr./jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n2/a02v26n2.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2019

CACCIACARRO M. F.; MACEDO, R. M. S. *A família contemporânea e seus valores: um olhar para a compreensão parental*. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 381-401, ago. 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/9069>. Acesso em: 14 jan. 2019.

CAMICIA, E. G.; SILVA, S. B.; SCHMIDT, B. *Abordagem da transgeracionalidade na terapia sistêmica individual: um estudo de caso clínico*. Pensando Famílias, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 68-82, jul. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2016000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 ago. 2018.

CARLOS, E. C. M.; NOGUEIRA, F. A. C. *Empregabilidade após os 40 anos*. 2015. Monografia (Tecnologia em Recursos Humanos), Faculdade de Pindamonhangaba, São Paulo. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.funvicpinda.org.br:8080/jspui/handle/123456789/286>. Acesso em: 03 mai. 2018.

CASTELLO, A. L. G. *A desconstrução e reconstrução dos modelos parentais intergeracionais através do sociodrama construtivista*. 250 fls. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

CERVENY, C. M. O. Família e intergeracionalidade. *In*: CERVENY, C. M. O. (org.). *Família e... intergeracionalidade, equilíbrio econômico, longevidade, repercussões, intervenções psicossociais, o tempo, filhos cangurus, luto, cultura, terapia familiar, desenvolvimento humano e social, afetividade, negociação*. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012, p. 13-45.

CIMINI, J. *Geração Alpha*. 68 fls. Monografia, Departamento de Psicologia, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (BRASIL). Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=112015>. Acesso em: 19 mai. 2018.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (BRASIL). Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. Diário Oficial da União, Brasília, DF, nº 98, mai. 2016, Seção 1, p. 44-46. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html. Acesso em: 19 mai. 2018.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (BRASIL). Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, 2012. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2018.

CORRÊA JÚNIOR, C. C. M.; LIMA, F. A.; CONCEIÇÃO, I. A.; SOUZA, W. A.; KONRAD, M. R. *O gerenciamento das relações entre as múltiplas gerações no mercado de trabalho*. Educação, Gestão e Sociedade, São Paulo, n. 21, ano 6, fev. 2016. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170509162633.pdf. Acesso em: 03 mai. 2018.

CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUNHA, L. P. P. *Como gerir a geração Y*. 2013. Monografia (Especialização Gestão de Projetos), Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. Disponível em: <http://dspace.mackenzie.br/bitstream/10899/298/1/Lilian%20Paiva%20Pereira%20da%20Cunha1.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2018.

DAHER, M. A. C. *Now can we stop talking about my body?* discurso publicitário e o processo de (re)construção identitária da boneca Barbie. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de pós-graduação em letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. Disponível em:

<http://tede.mackenzie.com.br/jspui/bitstream/tede/3435/2/Mariana%20de%20Alcantara%20Calil%20%20Daher1.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2018.

DANCEY, C. P.; REIDY, J. *Estatística sem matemática para psicologia*. 7ª ed. Porto Alegre: Penso, 2019.

DORICCI, G. C.; CROVADOR, L. F.; MARTINS, P. P. S. *O especialista relacional na terapia familiar de fundamentação epistemológica construcionista social*. Nova Perspectiva Sistêmica, Rio de Janeiro, n. 59, p. 37-51, dez. 2017. Disponível em: <http://www.revistanps.com.br/index.php/nps/article/view/315/293>. Acesso em: 18 mai. 2018.

FACCO, A. L. R.; OBREGON, S. L.; RODRIGUES, G. O.; MARCONATTO, D. A. B.; LOPES, L. F. D. *Geração Z: compreendendo as aspirações de carreira de estudantes de escolas públicas e privadas*. Revista de Administração, v. 15, n. 26, p. 84-108, dez. 2016. Disponível em: <http://www.revistas.fw.uri.br/index.php/revistadeadm/article/view/2443>. Acesso em: 03 mai. 2018.

FANTIN, M. *Nativos e imigrantes digitais em questão: crianças e competências midiáticas na escola*. Revista Passagens, Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, v. 7, n. 1, p. 5-26, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/passagens/article/view/3652>. Acesso em: 07 ago. 2018.

FANTIN, M.; RIVOLTELLA, P. C. *Crianças na era digital: desafios da comunicação e da educação*. Revista de Estudos Universitários - REU, Sorocaba, SP, v. 36, n. 1, p. 89-104, jun. 2010. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/%20reu/article/view/464>. Acesso em: 07 ago. 2018.

FARIAS, V. M. S.; SILVA, A. M. *O uso de tecnologias na educação infantil bilíngue*. In: VI Simpósio hipertexto e tecnologias na educação, II Colóquio internacional de educação com tecnologias, 2015. Recife. Anais... Pernambuco: UNICAP, 2015. Disponível em: <http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2015/O%20uso%20das%20tecnologias%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2018.

FEIXA, C.; LECCARDI, C. *O conceito de geração nas teorias sobre juventude*. Sociedade e Estado, Brasília, vol. 25, n.2, p. 185-204. ISSN 0102-6992. mai/ago. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/se/v25n2/03.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2018.

FURIA, F. *A geração alpha e a internet das coisas: as crianças de hoje e os objetos do futuro*. Playground da Inovação, 11 dez. 2013. Seção geração digital. Disponível em: <http://www.playground-inovacao.com.br/a-geracao-alpha-e-a-internet-das-coisas-as-criancas-de-hoje-e-os-objetos-do-futuro/>. Acesso em: 17 abr. 2018.

FURIA, F. *Plurals e Alphas: as primeiras gerações do século 21*. Playground da Inovação, 17 set. 2013. Seção geração digital. Disponível em: <http://www.playground->

inovacao.com.br/plurals-e-alphas-as-primeiras-geracoes-do-seculo-21/. Acesso em: 17 ago. 2017.

FURIA, F. *Geração Alpha e o futuro da educação*. [Entrevista concedida a] Revista Tutores, Lamônica Comunicação Integrada, São Paulo, ano 2, n. 7, p. 12-16, fev. 2015. Disponível em: <http://revistatutores.editoralmonica.com.br/pub/lamonica/index13/?numero=7>. Acesso em: 17 abr. 2018.

GERGEN, K. J. In the beginning Is the relationship. *In: GERGEN, K. J. Relational being: beyond self and community*. New York: Oxford University Press, 2009. cp 2, p. 29-59. Disponível em: https://www.swarthmore.edu/sites/default/files/assets/documents/kenneth-gergen/Gergen_02.pdf. Acesso em: 26 mai. 2018.

GERGEN, K. J. *When relationships generate realities: therapeutic communication reconsidered*. *In: Narrative Psychology: internet and resource guide*, Syracuse, New York, 1999. Disponível em: https://www.swarthmore.edu/sites/default/files/assets/documents/kenneth-gergen/When_Relationships_Generate_Realities.pdf. Acesso em: 26 mai. 2018.

GERGEN, K. J.; Warhuss, L. Terapia como construção social: características, reflexões e evoluções. *In: GONÇALVES, M. M. e GONÇALVES, O. F. (Org.). Psicoterapia, discurso e narrativa: a construção conversacional da mudança*. Coimbra, Portugal: Quarteto Editora, 2001. p. 27-64.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

GIDDENS, A. *Mundo em descontrolado*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOETZ, E. R.; VIEIRA, M. L. *Diferenças nas percepções de crianças sobre cuidado parental real e ideal quando pais vivem juntos ou separados psicologia*. *Psicologia Reflexão e Crítica*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 83-90, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722008000100011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 06 jul. 2018.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. *In: DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GRANDESSO, M. *Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. 3ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

GRANERO, A. E.; COUTO, T. C. *Consumo no ciberespaço: a explosão de aplicativos de dispositivos móveis que ajudam a controlar a vida na palma da mão*. Revista Geminis, v.1, n.2, p. 89-105, ano 4, 2013. Disponível em: <http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/147>. Acesso em: 03 mai. 2018.

HADDAD, M. R. *Os gêneros digitais e sua relevância na sala de aula de língua portuguesa*. 2018. Monografia (Licenciatura em Letras), Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia Fluminense, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://bd.centro.iff.edu.br/jspui/handle/123456789/2009>. Acesso em: 03 mai. 2018.

HILLESHEIM, B.; GUARESCHI, N. M. F. *De que infância nos fala a psicologia do desenvolvimento? Algumas reflexões*. Psicologia da Educação, São Paulo, n. 25, p. 75-92, dez. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752007000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 ago. 2018.

INDALÉCIO, A. B.; RIBEIRO, M. G. M. *Gerações Z e Alfa: os novos desafios para a educação contemporânea*. Revista UNIFEV: Ciência e Tecnologia, v. 2, p. 137-148, 2017. Disponível em: <http://periodicos.unifev.edu.br/index.php/RevistaUnifev/article/view/234/3>. Acesso em: 14 jul. 2018.

LACERDA, R. S.; ANDRADE, V. G. *O uso das redes sociais como ferramenta de inclusão na educação*. In: II Congresso internacional de educação inclusiva, II jornada Chilena Brasileira de educação inclusiva, Universidade Federal da Paraíba. Anais... Paraíba, 2016. Disponível em: http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO_EV060_MD1_SA2_ID3267_03102016182914.pdf. Acesso em: 03 mai. 2018.

LIMA, M. J. *Viver em família na contemporaneidade*. Nova Perspectiva Sistêmica, Rio de Janeiro, n. 49, p. 88-99, ago. 2014. Disponível em: <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/68>. Acesso em: 04 out 2018.

LINS, S.L.B.; SILVA, F.M.O.C.; LINS, Z.M.B; CARNEIRO, T.F. *A compreensão da infância como construção sócio histórica*. Revista CES Psicologia, Medellín, v. 07, n.2, p.126-137, jul/dez 2014. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S2011-30802014000200010&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 17 nov. 2017.

LIPOVETSKY, G. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Tradução Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri: Manole, 2005.

LIPOVETSKY, G. *Da Leveza: rumo a civilização sem peso*. Tradução Idalina Lopes. Barueri, SP: Manole, 2016.

LOMBARDIA, P. G.; STEIN, G.; PIN, J. R. *Quem é a geração Y*. HSM Management, HSM, vol. 70, p. 1-7, set/out. 2008. Disponível em: <http://ftp-acd.puc->

campinas.edu.br/pub/paaa/TEXTOS/PAAA3/Geracao%20Y.pdf. Acesso em: 03 mai. 2018.

LOUZADA, A. A.; NASCIMENTO, T. B. *Estudo sobre as possíveis causas da rotatividade nos centros de serviços compartilhados brasileiros*. 2015. Monografia (Engenharia de Produção) - Escola Politécnica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://monografias.poli.ufrj.br/monografias/monopoli10014823.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2018.

MACEDO, R. M. S. *A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer?* Caderno de Pesquisa, São Paulo, n. 91, p. 62-68, nov. 1994. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/877/883>. Acesso em: 29 set. 2016.

MACEDO, R. M. S.; KUBLIKOWSKI, I.; GRANDESSO, M. *A interpretação em pesquisa qualitativa: a construção do significado*. In: Anais, 1 Conferência Internacional do Brasil de Pesquisa Qualitativa, Taubaté, p. 83, 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/322698041_a_interpretacao_em_pesquisa_qualitativa_a_construcao_do_significado. Acesso em: 14 jan. 2019.

MANNHEIM, K. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, M. M. (org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1982, p. 67-95.

MARCON, G. T. G.; SARDAGNA, H. V.; SCHUSSLER, D. *O questionário SNAP-IV como auxiliar psicopedagógico no diagnóstico preliminar do Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH)*. Construção Psicopedagógica, São Paulo, v. 24, n. 25, p. 99-118, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542016000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 fev. 2019.

MCCRINDLE, M. *Beyond Z: meet generation Alpha*. In: MCCRINDLE, M. *The A B C of X Y Z: understanding the global generations*. NWS: McPherson's Printing Group, 2014, p. 218-228. Disponível em: <https://mccrindle.com.au/>. Acesso em: 26 set. 2017.

MEIRA, M. C. R.; CENTA, M. de L. *A evolução da família e suas implicações na educação dos filhos*. Família Saúde e Desenvolvimento, Curitiba, vol. 5, n.3, p. 223-230, set/dez 2003. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/refased/article/view/8085/5704>. Acesso em: 19 mai. 2018.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MIRANDA, M. C.; PIZA, C. T.; FERREIRA, J. C. N.; SOUZA, D. P.; VILLACHAN-LYRA, P.; NIKAEDO, C.; BUENO, O. F. A. *Conhecendo as funções do cérebro e o comportamento: atenção e o comportamento executivo*. Projeto pela primeira infância, Temas do desenvolvimento infantil, Pernambuco, 2015.

MORENO, F. C. C.; SONEGO, R. C.; COSTA, B. H. R.; FRANCO, M. L. P. B. *Professores de creche e suas representações sociais sobre crianças de 0 a 3 anos*. Revista Psicopedagogia, São Paulo, v. 34, n.105, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000300007. Acesso em: 03 mai. 2018.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

OLIVEIRA, B. E. G. *Crianças de seis e sete anos e o uso da internet no ambiente escolar: estudo de caso em escola pública de Sobradinho (DF)*. 2016. Monografia (Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação, UNB, Brasília. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/15099/1/2016_BarbaraElizabethGuedesOliveira_tcc.pdf. Acesso em: 03 mai. 2018.

OLIVEIRA, N. H. D. *Recomeçar: família, filhos e desafios*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. 236 p. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/965tk/pdf/oliveira-9788579830365.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2019.

OLIVEIRA, R. D.; DIAS, A. A. *Avaliação e análise do design thinking aplicado à criação de brinquedos*. DAPesquisa, Santa Catarina, v.10, n.13, p 75-93, 2015. Disponível em: <http://periodicos.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/5133/4367>. Acesso em: 03 mai. 2018.

PAIVA, N. M. N.; COSTA, J. S. *A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça? O Portal dos Psicólogos*. 2015. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2018.

PARRY, E.; URWIN, P; *The evidence base for generation differences: where do we go from here? Work, Aging and Retirement*, v. 03, n. 2, p. 140-148, apr./2017. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/The-Evidence-Base-for-Generational-Differences%3A-Do-Parry-Urwin/8b278f7e6fb9b394ba0ff065c475ad01c972f5de>. Acesso em: 17 abr. 2018.

PATELA, N. *O perfil geracional dos alunos de hoje*. E-Revista de Estudos Interculturais do CEI, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, Cidade do Porto, n. 4, p. 01-20, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.22/8399>. Acesso em: 03 mai. 2018.

PAULA-RAVAGNANI, G. S. P.; GUANAES-LORENZI, C.; RASERA, E. F.; MCNAMEE, S. *O discurso construcionista social na prática clínica de terapeutas familiares*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 21, n. 2, p. 267-278, abr/jun 2016. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/2871/287147424009/>. Acesso em: 18 mai. 2018.

PECEGUEIRO, C. M. P. A.; FURTADO, C. C.; MARINHO, R. R. *Competências digitais: o professor como gateway de novos pesquisadores*. In: XXVII Congresso brasileiro de biblioteconomia e documentação e ciência da informação, v. 13, 2017. Anais... São Paulo: Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, 2017, p. 1953-1967. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/957>. Acesso em: 03 mai. 2018.

PETER, E. G. *Trabalhadores da geração Y: um comportamento diferente?* 2013. Monografia (Administração), Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/1437>. Acesso em: 03 mai. 2018.

PORTUGAL, A. M.; ALBERTO, I. M. *Caracterização da comunicação entre progenitores e filhos em idade escolar: estudo com uma amostra portuguesa*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Coimbra, v. 29, n. 4, p. 381-391, out/dez 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722013000400004. Acesso em: 14 jul. 2018.

PRENSKY, M. *Digital natives, digital immigrants*. In: PRENSKY, Marc. On the Horizon. MCB University Press, v. 9, n. 5, out/2001. Disponível em: <https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2018.

RAMOS, A.C. *A construção social da infância: idade, gênero e identidades infantis*. Revista Feminismos, Bahia, vol. 1, n. 3, p. 01-24, set/dez 2013. Disponível em: https://orbilu.uni.lu/bitstream/10993/26082/1/Ramos_A%20constru%C3%A7%C3%A3o%20social%20da%20inf%C3%A2ncia.pdf. Acesso em: 17 nov. 2017.

REICHERT, C. B.; WAGNER, A. *Considerações sobre a autonomia na contemporaneidade*. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 405-418, dez. 2007. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451844615004>. Acesso em: 12 ago. 2018.

RODRIGUES, H. *Por que as crianças obedecem a autoridades e seguem regras?* Caderno de Pesquisa, São Paulo, v. 48, n. 170, p. 1224-1229, dez. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742018000401224&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 09 mar. 2019.

SALLES, L. M. F. *Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos*. Estudos de Psicologia, Campinas, vol. 22, n. 1, p. 33-41, mar. 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2005000100005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 17 nov. 2017.

SANTOS, I. C.; CESTARO, H. J.; AUGUSTO, R. B. B. *Percepções sobre conflitos entre gerações no ambiente de trabalho: uma breve análise sobre os baby boomers e gerações subsequentes*. Revista Científica Hermes, São Paulo, n. 11, p. 26-46, jun.- dez. 2014. Disponível em:

<http://repositorio.uscs.edu.br/bitstream/123456789/880/2/132-646-2-PB.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2018.

SANTOS, V. B.; SIMÕES, M. M.; GONÇALVES, C. M. *Os desafios de desenvolver-se na era digital*. Revista Científica Eletrônica de Psicologia, Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral (FAEF), Garça, SP, ed. 28, v. 28, n. 1, p. 60-66, 2017. Disponível em: <http://faef.revista.inf.br/site/e/psicologia-27-edicao-novembro-2016.html>. Acesso em: 10 ago. 2018.

SARMENTO, F. *A criança do século XXI*. Agente Digital, Bahia, Escola Brasileira de Psicanálise, n. 8, ano 2, p. 48-51, abr. 2013. Disponível em: http://www.institutopsicanalisebahia.com.br/agente/download/agente008_fatima_sarmento.pdf. Acesso em: 20 mai. 2018.

SARMENTO, M. J. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELLOS, V. M. R. de; SARMENTO, M. J. (Org.). *Infância (in) visível*. São Paulo: Junqueira e Marin, 2007.

SAUSEN, J. F. C. L.; BUSSLER, N. R. C.; FROEMMING, L. M. S.; BAGGIO, D. K. *Inovações em marketing: ações sensoriais no varejo de moda infantil*. Ciências Sociais Aplicadas em Revista, Paraná, v.17, n. 33, p. 24-44, 2º sem. 2017. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/csaemrevista/article/view/18611>. Acesso em: 03 mai. 2018.

SCHELINI, P. W.; ALMEIDA, L. S.; PRIMI, R. *Aumento da inteligência ao longo do tempo: efeito Flynn e suas possíveis causas*. PsicoUSF, Bragança Paulista, v. 18, n. 1, p. 45-52, jan/abr. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusf/v18n1/v18n1a06.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2018.

SILVA, B. P. M. *Como a geração digital consome jornalismo*. 2016. Monografia (Comunicação Social/ Jornalismo) - Escola de Comunicação, UFRJ, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://zonadigital.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/2014/02/Como-a-Gera%C3%A7%C3%A3o-Digital-consome-jornalismo-Bianca-Moura.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2018.

SILVA, C. B. F. *As diferenças intergeracionais na conciliação trabalho família: um estudo qualitativo*. 2017. Dissertação (mestre em Psicologia e Desenvolvimento de Recursos Humanos), Universidade Católica Portuguesa, Porto. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/22869/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Carlota%20FS%20%28320112010%29%2011.Julho.2017.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2018.

SILVA, E. T. *Tecnologias digitais da informação e comunicação na formação de professores de língua espanhola*. Revista Transformar Itaperuna, Rio de Janeiro, 10 edição, p. 35-45, jan. 2017. Disponível em: <http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/90>. Acesso em: 03 mai. 2018.

SILVA, E. T.; BEZERRA, F. A. S. *Redes sociais digitais na aquisição de língua estrangeira: relatos com estudantes do ensino médio e ensino superior*. Revista

Redin, Itaperuna, v. 6, n. 1, p. 01-08, out. 2017. Disponível em: <http://seer.faccat.br/index.php/redin/article/view/602>. Acesso em: 03 mai. 2018.

SILVA, G. F. C.; BOECHAT, I. T.; SOUZA, C. H. M. *Disfunção familiar e hiperatividade na criança*: contribuições da Abordagem Sistêmica de Família. Revista Transformar, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 261-172, jan/jul 2019. Disponível em: <http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/180/149>. Acesso em: 13 mar. 2019.

SILVA, L. D. *Educando a geração digital*: uma análise sobre o uso das tic no processo educativo a partir da relação tecnologia e metodologia. 2014. Monografia (especialização em fundamentos da educação: práticas pedagógicas interdisciplinares), Universidade Estadual da Paraíba. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/5610>. Acesso em: 03 mai. 2018.

SIMAS, A. *Crianças de hoje são mais inteligentes*. Gazeta do Povo, Curitiba, 19 jan. 2013. Caderno de Educação. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/criancas-de-hoje-sao-mais-inteligentes-bs1ybv514alr6rlyxchmopog1>. Acesso em: 09 fev. 2018.

TANAKA, P. J. *Atenção*: reflexão sobre tipologias, desenvolvimento e seus estados patológicos sob o olhar psicopedagógico. Construção Psicopedagógica, São Paulo, v. 16, n. 13, p. 62-76, dez. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542008000100004. Acesso em: 09 ago. 2019.

THOLL, F.; BEIRAS, A. *Terapia familiar com crianças*: a importância da interlocução teórico-prática para a superação dos desafios no processo de formação do terapeuta. Nova Perspectiva Sistêmica, São Paulo, v. 26, n. 58, p. 86-97, ago. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412017000200007. Acesso em: 18 mai. 2018.

TOLEDO, P. B. F. *O comportamento da geração z e a influência nas atitudes dos professores*. In: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 9, 2012, Rio de Janeiro, Anais... Rio de Janeiro: Associação Educacional Dom Bosco, 2012. Disponível em: <http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos12/38516548.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2017.

UNICEF. *Situação mundial da infância 2019*: crianças, alimentação e nutrição – crescendo saudável em um mundo em transformação. Caderno Brasil UNICEF, Brasília, DF, out. 2019. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/media/5566/file/Situacao_Mundial_da_Infancia_2019_R esumoExecutivo.pdf. Acesso em: 17 dez. 2019.

UNICEF. *Situação mundial da infância 2017*: crianças e adolescentes em um mundo digital. Division of Communication, UNICEF, NY dez. 2017. Disponível em: http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/unicef_sowc/sit_mund_inf_2017.pdf

VASCONCELLOS, M. J. E. de. *Pensamento Sistêmico: uma epistemologia científica para uma ciência novo-paradigmática*. In: I Congresso Brasileiro de Sistemas, International Society for the Systems Sciences, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto/USP, Ribeirão Preto, nov. 2005. Disponível em: <http://legacy.unifacef.com.br/quartocbs/arquivos/14.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2019

VIDAL, P. V. C. *Dependência mobile: a relação da nova geração com os gadgets móveis digitais*. 2015. Monografia (Comunicação Social, Publicidade e Propaganda) - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9386/1/2014_PriscilaValimCarneiroVidal.pdf. Acesso em: 03 mai. 2018.

VIEGAS, R. O. de M. C. *Geração Alpha: um estudo de caso no núcleo de educação infantil da UFRN*. 76 fls. Monografia (licenciatura em administração) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Ciências Administrativas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. Disponível em: https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/3656/1/GeracaoAlpha_Viegas_2015. Acesso em: 08 abr. 2018.

VINUTO, J. *A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto*. Temáticas, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago/dez 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977> . Acesso em: 06 jul. 2019.

XAVIER, V. R. *A criança e os riscos do mundo virtual*. 2016. Monografia (Computação) – Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas, Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/12408>. Acesso em: 03 mai. 2018.

WELLER, W. *A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim*. Sociedade e Estado, Brasília, v. 25, n. 2, p. 205-224, mai/ago 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v25n2/04.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2018.

WITT, D. T; ROSTIROLA, S. C. M. *Conectivismo pedagógico: novas formas de ensinar e aprender no século XXI*. Revista Thema, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), Pelotas, v. 16, n. 14, p. 1012-1015, 2019. Disponível em: <http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1583>. Acesso em: 20 ago. 2019.

ZORNIG, S. M. A. *Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade*. Tempo psicanal., Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, p. 453-470, jun. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 jun. 2019.

10. Anexos

10.1 Anexo A – Termo de consentimento livre e esclarecido

Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 - Conselho Nacional de Saúde (CNS)



Você está sendo convidado para participar da pesquisa intitulada: “Comportamento infantil contemporâneo: características da geração Alpha da perspectiva dos pais”, que tem como objetivo geral: investigar as principais características e condutas apresentadas por crianças nascidas a partir de 2010, da perspectiva dos seus pais.

A pesquisa tem como objetivos específicos: verificar as características atribuídas, pelos pais, aos modos de ser infantil hoje a partir da vivência com seus filhos; investigar o impacto de tais características nos relacionamentos dessas crianças com suas famílias e seus pares; verificar quais são as implicações dessas características na experiência de educar filhos.

Este estudo exploratório com delineamento construcionista social e uma visão sistêmica dos fenômenos de método misto: quantitativo e qualitativo, adotará como instrumentos de coleta de dados questionário e entrevista.

Sua participação nesta pesquisa diz respeito à sua percepção acerca das alterações percebidas na maneira de ser, agir e pensar apresentadas pelas crianças, por meio de perguntas diretas ou reflexivas, relativas às suas vivências.

A entrevista será gravada para posterior transcrição, cujo material será guardado por cinco (5) anos e incinerado após esse período.

As respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial e, em nenhum momento, será divulgado seu nome em qualquer fase do estudo. Sua privacidade será sempre assegurada, vez que seu nome, em caso de exemplificar determinada situação, será substituído de forma aleatória. Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados poderão ser divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

Sua participação é voluntária, isto é, não haverá qualquer custo ou compensação financeira e você pode, a qualquer momento, recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir da participação na pesquisa e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará qualquer prejuízo em sua relação com a pesquisadora. Em caso de desconforto emocional a pesquisadora se compromete a realizar acompanhamento psicoterapêutico sem ônus de qualquer espécie. O benefício relacionado à sua participação será o de propiciar maior conhecimento científico para a área da Psicologia Clínica.

Você uma receberá uma cópia deste termo no qual consta o celular e e-mail da pesquisadora, bem como do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP, por meio dos quais poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Agradeço sua participação.

Maysa Fagundes Pereira Rangel
Pesquisadora e Mestranda

DECLARO que os objetivos e detalhes desse estudo me foram explicados, conforme seu texto descritivo. Ao participar desse estudo, tenho plena autonomia e exerço minha vontade livre e isenta de coação, entendo que não sou obrigado a participar e posso desistir a qualquer momento, sem por isso ser em nada prejudicado. Foi explicado que meu nome não será utilizado nos documentos pertencentes a esse estudo e a confidencialidade dos meus registros será garantida. Estando ciente dos termos nos quais o estudo se processará, concordo em participar dele e cooperar com a pesquisadora com as respostas aos quesitos e dados necessários na concretização do mesmo.

Entrevistado

Nome: _____

RG: _____ Data: ____/____/____

Assinatura: _____

Pesquisadora responsável e mestranda

Nome: Maysa Fagundes Pereira Rangel

RG: M-4.011.484

CRP: 06/90803

Fone: (11) 99108-1169

E-mail: maysa_fagundes@yahoo.com.br

Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP

CEPPUC-SP

Rua Ministro Godói, 969, sala 63-C (Andar Térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello), Campus Monte Alegre, Perdizes, São Paulo/SP - CEP 05015- 001

Fone: (11) 3670-8466

E-mail: cometica@pucsp.br

10.2 Anexo B - Questionário

“Comportamento infantil contemporâneo: características da geração Alpha da perspectiva dos pais”



Olá! As questões a seguir tem o objetivo de verificar quais são as características das crianças nascidas após o ano de 2010. Trata-se de uma pesquisa na área da Psicologia aprovada pelo comitê de ética. A dissertação estará disponível na Biblioteca Nadir Gouvêa Kfourri, da PUC-SP, após a defesa, e poderá ser consultada através do link www.pucsp.br inserindo o nome da pesquisadora Maysa Fagundes Pereira Rangel no campo de busca.

Para contribuir com esta pesquisa responda às seguintes questões com sinceridade. Clique nas respostas que deseja e elas serão marcadas. Saiba que sua participação é de grande importância para este estudo e suas respostas serão utilizadas apenas com fins científicos.

Muito obrigada!

Aceita participar da pesquisa?

Sim Não

I – Características socioeconômicas

1. Qual o parentesco com a criança?

Mãe Pai

2. Qual o seu estado civil?

Casado/a Amasiado/União estável

3. Reside na cidade de São Paulo ou região metropolitana?

Sim Não

4. Qual o sexo da criança?

Feminino Masculino

5. Qual a idade de seu filho(a)?

Menos de 2 anos
 De 2 a 4 anos
 De 5 a 7 anos
 De 8 a 9 anos

6. Ele(a) tem irmãos e/ou irmãs?
 Não Sim _____ (quantidade)
7. Qual a sua idade?
 Até 19 anos
 Entre 20 e 39 anos
 Entre 40 e 59 anos
 Mais de 60 anos
8. Qual seu nível de instrução?
 Ensino fundamental
 Ensino médio
 Ensino Superior
 Pós-graduação
9. Qual é a renda familiar mensal em sua residência?
 Até 2 salários mínimos
 Entre 2 e 4 salários mínimos
 Entre 4 e 10 salários mínimos
 Entre 10 e 20 salários mínimos
 Acima de 20 salários mínimos

II – Características e comportamentos

10. Sobre a vida acadêmica de seu filho(a):
 Entrou na escola antes de 1 ano de idade.
 Passa mais de seis horas por dia na escola.
 Além do ensino regular faz outros cursos complementares.
 Aprendeu no ensino infantil conteúdos abrangentes além da alfabetização.
 Possui uma rotina intensa de atividades e compromissos de lazer, com horários a seguir.
11. Quanto as preferências de seu filho(a):
 Dorme sozinho(a) e no próprio quarto.
 Tenta comer sem o auxílio de adultos.
 Seleciona os alimentos e se recusa a comer o que não gosta.
 Quer escolher as próprias roupas e se vestir sozinho.
 Auxilia ou guarda sozinho(a) os brinquedos que utiliza.
12. Quais equipamentos tecnológicos seu filho(a) possui?
 Celular
 Tablet
 Videogame
 Computador
 Nenhum dos citados acima

13. Como é a maneira de se comunicar de seu filho(a)?
- Interrompe e quer participar das conversas de adultos.
 - Tem bom vocabulário, se expressa bem e conversa sobre vários assuntos.
 - Desenvolve diálogos mesmo com pessoas desconhecidas.
 - Fala bastante, quase o tempo todo e, geralmente, com rapidez.
 - Tem habilidade para argumentar, negocia e tenta convencer as pessoas.
14. Como seu filho(a) reage em relação a autoridade e regras?
- Reconhece a autoridade e respeita adultos que as conquistam e não por imposição.
 - Realiza as tarefas solicitadas somente se incentivado e convencido.
 - Tenta argumentar e negociar as medidas disciplinares e castigos.
 - Questiona e quer entender o motivo e funcionamento de ordens e regras.
 - Rejeita limites e exige ter sua vontade atendida.
15. Como são os níveis de atenção e concentração de seu filho(a)?
- Fica atento a conversas e outras coisas acontecendo a sua volta enquanto está fazendo alguma atividade.
 - Distrai-se com facilidade, se dispersa ou não mantém a atenção por muito tempo.
 - Entedia-se ou perde o interesse e troca de atividades e brincadeiras em um curto espaço de tempo.
 - Permanece concentrado por mais tempo em atividades que gosta.
 - Não se interessa por qualquer assunto, seleciona o que quer e ao que se dedica mais.
16. Qual a quantidade de energia do seu filho(a)?
- Ativo(a) e dinâmico(a), não fica quieto(a) por muito tempo.
 - Realiza várias atividades simultaneamente sem dificuldade.
 - Demonstra preferência por desenhos, filmes e brincadeiras agitadas e excitantes.
 - Manifesta impaciência ou tem dificuldade em esperar.
 - Fica muito ansioso(a) antes de realizar um passeio ou receber um presente.
17. Como lida com o acesso e manejo do conhecimento e informação?
- Possui acesso e recebe grande volume de informação, dados e conteúdos.
 - Demonstra curiosidade pelas coisas e pergunta bastante.
 - Possui ideias próprias, faz reflexões e problematiza assuntos.
 - Tem raciocínio rápido e aprende com facilidade.
 - Demonstra inteligência além da esperada.
 - Faz associações entre as coisas que aprende e usa em vários contextos.

18. Em seu contato e relação com tecnologia:

- Aprendeu a usar o celular, tablet ou outro equipamento eletrônico praticamente sozinho(a).
- Fornece instruções e auxilia familiares a usar aparelhos tecnológicos com facilidade.
- Prefere realizar as atividades em meios eletrônicos.
- Considera a internet uma fonte de diversão, mas também de informação e conhecimento.
- Aprecia estar conectado(a), eletrônicos estão tão presentes em sua vida e algumas vezes substituem companhia.

19. Sua maneira de agir em algumas situações:

- É criativo(a) e se adapta às mudanças.
- Toma iniciativa e gosta de comandar as brincadeiras.
- Fica frustrado(a) ou aborrecido(a) com facilidade.
- Se descontrola quando não é atendido(a) ou obtém o que deseja.
- Reage com irritação a críticas e desaprovação.

20. Tem atitudes consideradas além de sua idade?

- Se destaca por realizar bem atividades consideradas acima de sua idade.
- Demonstra preocupação com o corpo, vaidade e cuidados com a aparência.
- Quer dar sua opinião e participar de decisões.
- Compõe hábitos de compras da família e influencia na escolha de bens, produtos e serviços.
- É mais aberto a diversidade e aceita com mais facilidade as diferenças.
- Revela preocupação com os cuidados ao meio ambiente e respeito às leis.

10.3 Anexo C – Roteiro de entrevista

“Comportamento infantil contemporâneo: características da geração Alpha da perspectiva dos pais.”



I - Identificação

Mãe: _____ Idade: ____ anos

Pai: _____ Idade: ____ anos

Tem quantos filhos: _____ Residem em: _____

Nome da criança: _____

Idade: ____ anos

Sexo da criança: () masculino () feminino

II - Norteadores

1. Como vocês descrevem seu filho(a)?
2. Vocês percebem essas características em outras crianças da idade dele ou de seu convívio?
3. Como vocês eram quando criança?
4. Quais diferenças e semelhanças vocês consideram ter entre a infância de hoje e a de vocês?
5. Como vocês se sentem diante da tarefa de educar filhos?
6. Como essas características impactam na sua experiência de educar? Como lidam com isso?
7. Como o jeito de ser das crianças dessa geração interfere no modo como ela se relaciona: pais e filhos, amigos, na escola?
8. Na sua opinião, o que faz as crianças de hoje terem essas características?
9. O que vocês acham que é ser criança, hoje?
10. O que é a infância para vocês, hoje?